



**UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA GRANDE
PRÓ-REITORIA DE PÓS-GRADUAÇÃO E PESQUISA
CENTRO DE HUMANIDADES
UNIDADE ACADÊMICA DE HISTÓRIA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA**

**“EU SOU ESPADA”: REPRESENTAÇÃO DA MASCULINIDADE A PARTIR
DA GUERRA DE ESPADAS EM SENHOR DO BONFIM-BA (1967-2010)**

RAIMILSON DA SILVA TAVARES

Campina Grande – PB

Março de 2012

RAIMILSON DA SILVA TAVARES

**“EU SOU ESPADA”: REPRESENTAÇÃO DA MASCULINIDADE A PARTIR
DA GUERRA DE ESPADAS EM SENHOR DO BONFIM-BA (1967-2010)**

Dissertação apresentada à Banca Examinadora da Universidade Federal de Campina Grande - UFCG, como pré-requisito para a obtenção do título de Mestre em História sob a orientação da Profa. Dra. Regina Coelli Gomes Nascimento.

Campina Grande - PB

Março de 2012

FICHA CATALOGRÁFICA ELABORADA PELA BIBLIOTECA CENTRAL DA UFCG

T231e Tavares, Raimilson da Silva.
“Eu sou espada”: representação da masculinidade a partir da Guerra de Espadas em Senhor do Bonfim-BA (1967-2010) / Raimilson da Silva Tavares. - Campina Grande, 2012.
144f.: il. color.

Dissertação (Mestrado em História) – Universidade Federal de Campina Grande, Centro de Humanidades.

Orientadora: Profa. Dra. Regina Coelli Gomes Nascimento.

Referências.

1. Costumes. 2. Identidade. 3. Masculinidade. I. Título.

CDU 392 (043)

TERMO DE APROVAÇÃO

RAIMILSON DA SILAVA TAVARES

“EU SOU ESPADA”: REPRESENTAÇÃO DA MASCULINIDADE A PARTIR DA GUERRA DE ESPADAS EM SENHOR DO BONFIM-BA (1967-2010)

Dissertação apresentada à Banca Examinadora da Universidade Federal de Campina Grande - UFCG, como pré-requisito para a obtenção do título de Mestre em História sob a orientação da Profa. Dra. Regina Coelli Gomes Nascimento.

Aprovada em ____/____/____.

CONCEITO FINAL: _____

BANCA EXAMINADORA

Profa. Dr^a. Regina Coelli Gomes Nascimento – PPGH/UFCG

Orientadora

Prof. Dr. Iranilson Buriti de Oliveira – PPGH/UFCG

Examinador Interno

Prof^a. Dr^a. Patrícia Cristina de Aragão Araújo – DHG/UEPB

Examinador Externo

Campina Grande – PB

Março de 2012

À Daiany Dantas, Rafael e Raiany, três chamadas constantes e vitais em minha vida. Razão dos meus sonhos e de minha luta.

AGRADECIMENTOS

Chegando ao fim dessa jornada é preciso atentar para o fato de que os caminhos não foram trilhados de maneira solitária. Inicialmente, agradeço a Deus pela força e coragem que tive, para enfrentar os desafios dessa caminhada, como também pela minha vida e possibilidades que dela emergem.

Sou grato àqueles que compartilharam comigo as aulas, as angústias e o prazer da escrita e da vida acadêmica. Agradeço também pelas alegrias compartilhadas, pela construção de laços de amizade que, certamente, se estenderão para além do Mestrado.

Não posso deixar de ressaltar a importância do secretário do Mestrado na pessoa de José Arnaldo Paulino Dantas que me auxiliou nas questões burocráticas e sempre solícito às minhas necessidades. Agradeço também à Coordenação do Mestrado, na pessoa da professora Jusciene Ricarte Apolinário.

Agradeço de modo muito especial à minha orientadora e amiga, a professora Dra. Regina Coelli Gomes Nascimento, que com sua generosidade confiou na minha capacidade, talento e emoção aceitando orientar o meu trabalho. Agradeço a atenção dispensada durante todo o transcorrer da Pesquisa. Seu apoio foi fundamental para que esse trabalho se concretizasse.

Ao Arquivo Regional de Senhor do Bonfim (Centro Educacional Sagrado Coração) em Senhor do Bonfim-BA, que teve como criadora e administradora a professora diretora Zenáurea T. Campos Dias (*in memoriam*), onde comecei no ano de 2000 a fazer uso de seu acervo.

A todos os depoentes que me concederam entrevistas, colocando seus conhecimentos e partes de suas vidas com amizade e carinho.

Expresso meu agradecimento a Luiz Moreira, que na época da entrevista, trabalhava no Departamento de Cultura do Município de Senhor do Bonfim-BA.

À amiga Carmélia Aparecida Silva Miranda pelo carinho e incentivo desde o início do Projeto.

Aos professores do Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal de Campina Grande – UFCG, com os quais tive contato através das aulas como Gervácio Aranha, Marinalva Vilar, Rodrigo Ceballos, Maria Lucinete, Iranilson Buriti, Regina Coelli, Rosilene Montenegro.

Aos amigos próximos ou distantes que tenho certeza que torceram muito pelo meu sucesso acadêmico, especialmente, meu mano Adeilson Tavares, e os amigos Francimar Gomes, Cícero Machado, Eleonardo Rodrigues, Iraquitan Correia, Eriosvaldo Barbosa, Vanderlan Silva, Melânia Farias, Belarmino Santos com os quais foi de suma importância a troca de experiências.

A toda minha família de Campina Grande que foi suporte básico na minha vida e nesse momento tão especial do Mestrado.

À Secretaria da Educação do Estado da Bahia e à Secretaria Municipal de Educação de Senhor do Bonfim-BA, pela liberação e apoio financeiro, registro meus agradecimentos.

Agradeço de forma carinhosa aos colegas professores e à direção do Colégio CODETAN (Colégio Democrático Estadual Tancredo Neves) que se empenharam para que a instituição não tivesse perdas com minha ausência durante o período de afastamento para cursar o Mestrado. Faço ressalva de que o CODETAN, hoje em dia, passou a se chamar Centro Estadual de Ensino Profissional de Saúde Tancredo Neves – CEEPS.

Por fim, agradeço de forma muito carinhosa e especial a meus filhos Rafael e Raiany e minha amada e querida esposa Daiany Dantas que souberam juntos compreender e suportar minha ausência durante o primeiro ano do Mestrado que foi necessário para cursar as disciplinas, expresso o meu eterno agradecimento.

“Parece que quem solta espada se sente mais homem.

[...]

O cara quer mostrar que é macho à porra, né!”

Paulo Ernesto Leite Rodrigues

(Depoente)

RESUMO

Nesta pesquisa analisamos a representação da masculinidade na Guerra de Espadas em Senhor do Bonfim-BA no período de (1967-2010). Em nossas análises percebemos que a masculinidade vem sendo representada a partir da prática cultural da Guerra de Espadas inserida na festividade junina da cidade de Senhor do Bonfim-BA, com o objetivo de ser reconhecido como cabra-macho, destemido, valente. A produção documental selecionada e analisada no decorrer desta pesquisa consta de jornais locais, trabalhos acadêmicos, redações escolares de escola pública e de cursinho pré-vestibular, letras de músicas, poemas, fotografias, reportagens televisivas, documentários e testemunhos orais dos moradores e participantes da festa, realizado através de roteiro semi-estruturado com perguntas curtas e diretas e com a observação *in loco* da guerra. Para concretização desta pesquisa dialogamos com alguns autores, a exemplo de Albuquerque Júnior (2003) com suas reflexões sobre masculinidade no Nordeste; sobre memória foram fundamentais as análises propostas por Alberti (2000), Halbwachs (1990) e Portelli (2010). Com relação ao conceito de cultura embasamos nossas reflexões nos trabalhos propostos por Certeau (1994), Chartier (1990) e um texto acadêmico de Albuquerque Júnior. Acerca das relações de poder e construção das identidades foram fundamentais as proposições propostas por Foucault (2005b) e Hall (2000a), respectivamente. Feito esse recorte temporal, espacial e teórico-metodológico, procuramos refletir sobre a festa junina e a Guerra de Espadas enquanto palco de construções de sensibilidades e representações que para serem analisadas em seus discursos e práticas sugerem que esse evento junino não se permite a apenas um sentido, mas a múltiplos significados.

Palavras-chave: Espada. Identidade. Masculinidade. Memória. Representação.

ABSTRACT

In this research we analyzed the representation of masculinity in the War of Spades in Senhor do Bonfim, BA in period (1967-2010). In our analysis we realize that masculinity has been represented from the cultural practice of War Feast of Swords junina inserted in the town of Senhor do Bonfim, BA, to be recognized as male-goat, fearless, brave. The documentary films selected and analyzed during this research consists of local newspapers, academic papers, essays public school students and pre-university preparatory course, lyrics, poems, photographs, television reports, documentaries and oral testimonies of the residents and participants party, made with semi-structured questions short and direct and in local observation of the war. To achieve this research dialogued with some authors, like Albuquerque Júnior (2003) with his reflections on masculinity in the Northeast, about memory was instrumental analyzes proposed by Alberti (2000), Halbwachs (1990) and Portelli (2010). Regarding the concept of culture embasamos our reflections in the work proposed by Certeau (1994), Chartier (1990) and an academic text of Albuquerque Junior. About power relations and identity construction are fundamental propositions proposed by Foucault (2005b) and Hall (2000a), respectively. Done this time frame, spatial, and theoretical and methodological, we reflect on the June Festival and War Swords while the stage of constructions and representations of sensitivities to be analyzed in their discourse and practice suggest that this event allows junino not only a sense , but a multiple meanings.

Keywords: Sword. Identity. Masculinity. Memory. Representation.

SUMÁRIO

CONSIDERAÇÕES INICIAIS	11
CAMINHOS DA PESQUISA	15
Capítulo I	
“A história de Bonfim, junina, já se perdeu!” - Histórias da festa junina em Senhor do Bonfim	29
1.1. Memórias do São João do passado.....	30
1.2. Sentidos da festa e do festejar.....	52
1.3. Os sentidos do fogo, da espada e do falo.....	69
Capítulo II	
“O prazer do guerrilheiro é se queimar!” - Preparação para a Guerra de Espadas	74
2.1. Da confecção das espadas.....	75
2.2. Da preparação das casas, ruas e dos moradores.....	82
2.3. Da indumentária do guerreiro.....	92
2.4. Do ritual religioso na guerra “santa” – O sagrado e profano.....	96
Capítulo III	
“A gente quer ser aquele macho que chame atenção à fêmea!” – A representação da masculinidade do guerreiro	101
3.1. A Guerra de Espadas e a representação da masculinidade para seus lutadores.....	102
3.2. Imagens múltiplas dos festejos juninos e da Guerra de Espadas.....	120
CONSIDERAÇÕES FINAIS	129
FONTES	133
REFERÊNCIAS	138

CONSIDERAÇÕES INICIAIS

O estudo aqui realizado nasceu do nosso interesse em tentar analisar como a masculinidade vem sendo representada a partir da prática cultural da Guerra de Espadas inserida na festividade junina da cidade de Senhor do Bonfim-BA onde o guerreiro participa com o objetivo de ser reconhecido como cabra-macho, destemido, valente.

O interesse por essa temática surgiu da observação *in loco* da preparação das casas, das pessoas e das ruas para a noite do dia 23 da então chamada Guerra de Espadas da cidade de Senhor do Bonfim-BA. De uma maneira geral, o que nos moveu ou motivou foi a curiosidade, a descoberta do que nos era estranho tornou-se um agradável inventário de uma prática cultural que nos era totalmente nova. Estávamos recém-chegados à cidade naquele ano do São João de 1999. Para compreender nosso objeto de estudo/desejo há que se compreender o lugar social do pesquisador, seus interesses, seus sonhos, suas lutas. Nesse sentido, explico um pouco de minha trajetória de vida.

Nascido em Campina Grande no ano de 1972 e sendo filho de pai de profissão serralheiro e mãe dona de casa, logo cedo, entre os nove e dez anos de idade, comecei a trabalhar na serralheria com meu pai. Gostava de ver o brilho da solda elétrica e o fogo que saía do polimento das peças fabricadas, através de uma lixadeira elétrica, artefatos próprios de uma oficina ou serralheria. Aquele trabalho com ferro e fogo me encantara desde menino pelo seu brilho e faíscas de fogo produzidas no fabricar e acabamento de peças como basculantes, grades e portões.

Quando fui fazer a 5ª série do Ginásio no Colégio Estadual de Bodocongó, morava no bairro da Bela Vista e passava todos os dias em frente a antiga Universidade Federal da Paraíba – Campus II, que estava situada no caminho para meu colégio. Comecei a treinar esporte nas aulas de Educação Física do colégio e meu pai não gostava porque eu deixava de ir trabalhar nos dias dessas aulas que aconteciam no turno matutino, já que eu estudava no turno vespertino. Assim tive que entregar uma declaração de trabalho para

poder me ausentar das referidas aulas. Não poderia nunca imaginar que eu, filho de serralheiro chegasse a fazer um Mestrado, muitos anos depois, nessa Universidade pela qual eu passava por vezes brincando junto com meus colegas e às vezes cortávamos caminho para irmos tomar banho no açude de Bodocongó, mesmo a contra gosto dos guardas que nos repreendiam. Lembra-me Michel de Certeau na idéia de espaço como lugar praticado – A Universidade era o espaço praticado da diversão, do encurtamento da distância para se chegar ao açude. A Universidade era o lugar do outro, dos estudantes que não conhecíamos, e assim por vezes se tornava um lugar que aumentava a distância entre eu/nós e o ambiente acadêmico. Tornava-se um lugar (espaço-território) de fronteiras sociais, econômicas e culturais bastante definidas. O simples açude de Bodocongó tinha mais significado para eu/nós do que a própria Universidade com toda sua imponência e mérito que possa ter.

Quando finalmente depois de cursado o Ensino Fundamental e Médio em escolas públicas (Escola Estadual Reunidas Monte Carmelo situada então no bairro da Bela Vista, Colégio Estadual de Bodocongó situado no bairro de Bodoconcó, e Colégio Estadual Dr. Elpídio de Almeida situado no bairro da Prata), cheguei ao ensino superior na Universidade Estadual da Paraíba no ano de 1992 para fazer o curso de História. Terminando o curso no ano de 1996, não tive muitas opções de emprego, visto que o mercado de trabalho nessa área estava saturado.

Então em 1999 recebi a proposta do amigo Iraquitan Correia, que fora colega de curso e havia ido trabalhar na Editora Ática da Bahia. O mesmo me fez um convite para tentar conseguir um emprego numa região tão vasta como é a Bahia. Portanto, tendo chegado, no ano de 1999, vindo de Campina Grande-PB para trabalhar e morar em Senhor do Bonfim, não podia imaginar que aquela futura estada numa cidade do interior do Norte da Bahia, me levaria a buscar analisar as transformações e os significados de uma prática cultural que é considerada pelos seus moradores como um dos principais atrativos do São João bonfinense e que está amparada nos discursos e práticas da poderosa esteira da tradição – a Guerra de Espadas.

Penso que essa prática cultural da Guerra de Espadas tenha me chamado atenção pelo fato de que cresci em uma família paraibana, composta por meus pais e irmãos, primos, tia, e meu avô-padrinho, constituindo-se numa família de agregados que fugia do modelo nuclear, composta por 12 pessoas onde se valorizava muito a questão da masculinidade, do cabra ser macho e viril, como dizia meu avô-padrinho João Gomes de Araújo (*in memoriam*), em seus muitos discursos e práticas.

Lembro-me das conversas ao pé da mesa; hora no almoço, hora no jantar; hora das conversas na sala de visitas, onde recorrentemente surgia a fala de valorização do modelo masculino de ser. No São João, meu avô-padrinho, meu pai Raimundo Tavares e meus primos mais velhos do que eu, soltavam rojões e foguetões e aquilo era motivo de orgulho para todos nós que assistíamos de queixo caído aquele espetáculo de fogos na beira da fogueira na véspera e noite de São João, isso lá pelos anos de 1980 quando eu tinha meus oito anos de idade.

Também é inegável que a valorização do ser cabra-macho esteve na minha formação social de convivência com meus colegas aonde íamos para uma esquina da rua Av. Rio Branco com a rua Cônego Pequeno no Bairro da Bela Vista onde morávamos e ficávamos horas conversando sentados na calçada, observando o movimento dos transeuntes e aprendendo dos mais velhos e experientes coisas de interesse da adolescência e da sexualidade, que naquela época não ousaríamos falar com os nossos pais, pois a sexualidade se consubstanciava em tabu.

Outro lugar de socialização da masculinidade de minha geração foi construído nos “campos de pelada” (na Bahia chama-se baba) quando íamos quase todas as tardes brincar de jogar bola. Tínhamos na época a idade sete a dez anos, falávamos sobre sexualidade e projetávamos como futuros homens a exemplo de nossos pais e amigos mais velhos. Quando entrei no curso de História da Universidade Estadual da Paraíba -UEPB em 1992, senti interesse em estudar essa temática da masculinidade. Conversei com um amigo de nome Eriosvaldo Barbosa que estudava Antropologia na então Universidade Federal da Paraíba – UFPB Campus II, hoje UFCG, que também se

interessava por estudar essa temática e já possuía trabalho escrito nessa linha, e por fim assistindo aulas como ouvinte do professor Durval Muniz Albuquerque Júnior naquela mesma Universidade, tive a oportunidade de assistir a suas aulas de Introdução ao Estudo da História, Teoria da História e Historiografia Brasileira. Creio que isso tenha completado o meu círculo de recepções para trabalhar com essa temática da masculinidade.

Deparar-me com a prática cultural da Guerra de Espadas foi talvez, uma tentativa de tentar entender como ainda hoje se constroem códigos e práticas de masculinidade que é tão valorizada pela sociedade de predomínio do masculino e como é que os homens se arriscam tanto a ponto de ter sequelas graves para ser reconhecido como cabra-macho, destemido, valente.

A primeira tentativa de cursar o Mestrado com essa temática da Guerra de Espadas foi em 2003, quando passei na seleção de Mestrado do Programa de Estudos Pós-Graduados em História da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo - PUC/SP. Cheguei a iniciar as aulas, morando cerca de dois meses em São Paulo, mas logo fui surpreendido e entristecido pelo indeferimento do pedido de afastamento de sala de aula das escolas do Estado da Bahia e do Município de Senhor do Bonfim, onde lecionara já na época, pelo fato de estar naquele momento em estágio probatório tendo, portanto, que trancar e abandonar aquele Mestrado.

Depois de ter participado em 2006/2007 do primeiro processo de seleção para o PPGH da Universidade Federal de Campina Grande/UFCG - onde no processo de criação destacou-se a figura de um importante professor/pesquisador da Unidade de História e Geografia, o Professor Dr. Fabio Gutemberg R. B. de Sousa. Professor este que deixou o PPGH um pouco órfão ao falecer no primeiro processo de Seleção da primeira turma de Mestrado em História da UFCG - fui reprovado na etapa final da entrevista. Somente fui aprovado para ingressar no ano de 2010 neste mesmo programa, onde pude finalmente desenvolver essa pesquisa que se tornou uma luta em minha vida.

Digo luta, porque cada vez que me afastei da Academia, por questão de trabalho e sobrevivência, se tornou muito mais difícil de ser reconhecido por

nossos pares dentro da própria casa na qual fui formado, pois a Academia pouco sabe se estamos vivos ou mortos, pouco sabe da vida e história de seus egressos. Hoje, casado e com dois filhos nascidos na Bahia, estão gravadas as imagens e o tempo de dificuldades que tive que enfrentar com determinação, mas também com doçura e paciência as agruras da vida pessoal e acadêmica para chegar ao término dessa dissertação.

CAMINHOS DA PESQUISA

Esta pesquisa nasceu do nosso interesse em analisar como a masculinidade vem sendo representada a partir da prática cultural da Guerra de Espadas inserida na festividade junina da cidade de Senhor do Bonfim-BA¹, onde o guerreiro participa para ser reconhecido como cabra-macho, destemido e valente.

Apresentando rapidamente a formação histórica da cidade² e alguns eventos peculiares, podemos dizer que a cidade de Senhor do Bonfim, é um território cercado por serras que fica às margens da BR 407, tornando-se parada para muitos que ali transitam, pois é ponto de ligação entre a cidade de Juazeiro - BA - que faz divisa com a cidade de Petrolina – PE - e a cidade de Feira de Santana – BA, e esta fazendo ligação para Salvador, capital da Bahia.

Nesse espaço nasce inicialmente uma rancharia que pela localização estratégica é caminho para quem vem do norte e vai descendo para o sul. Essa rancharia de tropeiros repousava em torno de uma lagoa, hoje Praça Simões Filho. Em 28 de maio de 1885, a Vila Nova da Rainha foi elevada à categoria de cidade, com o topônimo de Bonfim que também designava o município até 1944. Bonfim foi a primeira cidade do interior da

¹Cf. Informativo Oficial do São João 2003, intitulado: Senhor do Bonfim – Capital Baiana do Forró. Sede da 28ª Região Administrativa da Bahia, localizada no norte do Estado e distando 374 km da capital, às margens da BR 407.

² Sobre a formação histórica da cidade de Senhor do Bonfim, ver: MIRANDA, Carmélia Aparecida Silva. Reminiscências que se fazem presentes. In: ALMEIDA, Rose Mary. (org.). E tu, me amas? (Encontro de leitores e enamorados da cidade de Senhor do Bonfim). Senhor do Bonfim: Decalck, 2001, p. 16-25.

Bahia a aceitar a Proclamação da República, em 15 de novembro de 1889. Possui uma feira muito importante para sua economia, com variedade de frutas, legumes, verduras, doces, queijo, beiju, e roupas que são vendidas em barracas que são armadas aos sábados. Bonfim é cidade natal de ex-jogadores de futebol, como Pedro Amorim, que jogou na Seleção Brasileira e Bobô, que foi grande artilheiro do Bahia.

Nosso recorte temporal para se estudar essa prática cultural é o período de 1967 a 2010 e justifica-se devido a um indício relatado por um entrevistado no ano de 2003, o Sr. Antônio Gonçalves. Na época da entrevista nos disse como era comemorado o São João de antigamente em sua cidade natal:

[...] o São João de Bonfim era aquele São João tradicional né? A gente fazia assim, de casa em casa. [...] Agora quando chegou em 68 foi a primeira tentativa de organização do São João aqui na Praça Nova, né? Quem era os responsáveis por esse projeto na época era o Caio Félix Martins e o radialista Leônidas Caribé. Eles fizeram a primeira tentativa, fizeram realmente a primeira programação e a tentativa de organização da festa de São João, porque já naquela época as famílias já não estavam mais suportando o número de visitantes aqui em Bonfim [...] então quando foi 1968 Caio e Quequel eles se juntaram e fizeram a primeira festa aqui na Praça Nova do Congresso, era quando o prefeito Cândido Félix Martins. (Entrevista com o Sr. Antônio Gonçalves, realizado pelo autor em 11 de fevereiro de 2003).

A partir dessa entrevista tivemos um indício ou rastro de evidência histórica de que dentro da administração do Sr. Prefeito Cândido Félix Martins, no ano de 1968, houve a primeira festa realizada na Praça Nova do Congresso, (local este que ficou sendo palco de realização do São João por muitos anos, até ser transferido para o Parque da Cidade³ no ano de 2008) tornando-se um marco de mudança em toda estrutura e organização da festa junina, especialmente no tocante à Guerra de Espadas que terá seu lugar de realização (antes era de livre e irrestrito acesso a um maior número de ruas da

³ Local destinado a área de lazer, residências e prédios públicos, pelo poder público municipal no ano de 2008. Cf. Senhor do Bonfim: Jornal Lampião, junho de 2010. P.6

cidade⁴) demarcado pelo poder público que apontará quais os lugares e ruas onde será permitido tocar a queima das espadas ou guerrear.

Essa demarcação dos lugares e ruas definidas pelo poder público municipal nos remete às discussões efetuadas por Certeau (1994) acerca do espaço como lugar praticado no qual os espaços passam a ter “vida” e “memória” a partir das práticas sociais que o constituem.

Portanto, após a seleção de observações do trabalho de campo e; portanto, nossa pesquisa tem um viés etnográfico; das transcrições das entrevistas realizadas num total de vinte entrevistas: treze homens e sete mulheres - as primeiras em 2003 e as últimas em julho de 2010 –, da seleção dos jornais impressos e digitalizados, das redações escolares (319 redações, sendo 288 do Colégio Democrático Estadual Tancredo Neves – CODETAN, e 31 do Cursinho Pré-Vestibular Ação e Cidadania - PMSB), das fotografias, das letras de músicas, dos artigos e vídeos, ou seja, do material documental inventariado por nós que fazem menção à Guerra de Espadas e ao São João de Senhor do Bonfim; é que pudemos fazer uma operacionalização entre teoria e prática com vistas à análise de todos os dados coletados, buscando responder de modo histórico às mudanças, descontinuidades, continuidades dessa prática cultural que é a Guerra de Espadas em Senhor do Bonfim-BA e como fica a representação da masculinidade do guerreiro ou guerrilheiro de espadas nesse contexto.

Existe uma controvérsia com relação à data inicial da programação junina oficial na Praça Nova do Congresso pois segundo o depoimento do Sr. Luiz Moreira, a primeira programação oficial do São João realizada na Praça Nova do Congresso foi no ano de 1967 e durou até o ano de 2007, portanto perfazendo um percurso histórico de 40 anos:

O que iniciou isso, ele foi prefeito de Bonfim, parece três vezes. Então nessa última vez que ele foi prefeito, é Cândido Félix Martins. Foi ele que levou a festa pra [...], inclusive pra praça onde ele morava, né? Praça Nova. Sessenta e sete, a primeira programação oficial, é, estabelecida ali na Praça Nova do

⁴ Nas últimas duas décadas, devido às mudanças urbanísticas de Senhor do Bonfim-BA como o asfaltamento de ruas e surgimento de clínicas no centro da cidade, no entorno da Praça Nova do Congresso e ruas adjacentes é proibido tocar espadas e guerrear.

Congresso, 67 até 2007. (Entrevista realizada pelo autor com o Sr. Luiz Moreira, em 12 de julho de 2010).

Portanto, ficaremos com a data de 1967 e não 1968 para o início da programação oficial na Praça Nova do Congresso. O ano de 2010 justifica-se por estarmos no presente tentando perceber através dos depoimentos e documentação coletados as continuidades, descontinuidades e mudanças através de novos significados adquiridos dessa prática cultural que é a Guerra de Espadas.

A pesquisa realizada tem como proposta analisar a representação da masculinidade a partir da Guerra de Espadas em Senhor do Bonfim-BA, por meio das entrevistas orais dos participantes dessa guerra, realizada através de roteiro semi-estruturado com perguntas curtas e diretas e com a observação *in loco* da preparação e da realização da guerra no dia 23 de junho, véspera de São João; pela documentação produzida em jornais da cidade de Senhor do Bonfim e do estado da Bahia, como também por meio de livro, trabalhos acadêmicos, redações escolares de escola pública e de cursinho pré-vestibular, letras de músicas, poemas, fotografias, reportagens televisivas e documentárias.

Essas fontes históricas que fazem menção à Guerra de Espadas mostraram-se riquíssimas por possibilitar a análise institucional de uma produção discursiva da guerra como um evento localizado no tempo e no espaço. Essas fontes inventariadas⁵ por nós aparecem como eficazes instrumentos discursivos na construção de uma forma de ver e dizer a Guerra de Espadas.

Com o objetivo de discutir questões como a representação da masculinidade dos praticantes da Guerra de Espadas em Senhor do Bonfim, bem como os significados e sensibilidades elaborados por seus atores, realizamos leituras sobre **masculinidade, memória, cultura, poder e identidades**. Aliás, esses três últimos itens estão interligados com a nossa pesquisa e com a **Linha de Pesquisa II** do nosso Programa de Pós-Graduação

⁵ Sobre o tratamento dado as fontes históricas feito pelo historiador confira: CERTEAU, Michel de. **A escrita da História**. Trad. Maria de Lourdes Menezes. 2ª ed., Rio de Janeiro, Forense Universitária, 2006.

em História da Universidade Federal de Campina Grande – UFCG; à qual nosso Projeto se vincula.

Nossa pesquisa ainda se justifica também por ter uma relevância social⁶, dentro de uma temática que foi pouco estudada na região de Senhor do Bonfim e por ser um tema inovador para nossa historiografia local.

Em nossa pesquisa fizemos as análises e problematizações a partir da leitura e apropriação de algumas obras e seus respectivos autores, a exemplo do livro *Nordestino: uma invenção do falo – Uma história do gênero masculino (Nordeste – 1920/1940)* escrito por Durval Muniz de Albuquerque Júnior (2003), que pesquisou sobre a historicidade da masculinidade no Nordeste e analisa as estratégias do discurso tradicionalista e regionalista que privilegiou a figura do sertanejo na invenção da masculinidade no Nordeste, adjetivando-o como valente, corajoso, destemido, mas, acima de tudo, um forte, um modelo de masculinidade regional e nacional. Desse modo, também o guerreiro é adjetivado como valente, destemido, corajoso por representar sua masculinidade na Guerra de Espadas.

Analisamos o livro *Valeu boi! (o negócio da vaquejada)* escrito por Eriosvaldo Lima Barbosa (2006) que estudou sobre a vaquejada e suas transformações até a chegada da figura do “vaqueiro desportista” que implica numa nova forma de ser vaqueiro e de ser masculino, tecendo duras críticas aos estudiosos da cultura popular ou dos folcloristas ao afirmar que a vaquejada não acabou e sim que essa adquiriu novo vigor e novos significados, inclusive econômico. Assim, a Guerra de Espadas vem adquirindo ao longo do tempo novos significados como evento político e econômico.

Fizemos ainda à leitura do livro *A invenção do Nordeste e outras artes* de Durval Muniz de Albuquerque Júnior (1999), que trata sobre a questão da identidade do nordestino e do Nordeste, ao problematizar a sua invenção, buscando a sua historicidade, no campo das práticas e discursos. Portanto, buscamos problematizar à luz dessa obra as práticas e discursos que

⁶ A propósito da preservação dos bens imateriais, traduzidos pelas formas de criar, fazer e viver, foi editado o Decreto nº 3.551, de 4 de agosto de 2000, que institui o Programa Nacional do Patrimônio Imaterial.

constroem a masculinidade representada na Guerra de Espadas de Senhor do Bonfim.

Buscando fazer uso da memória, do testemunho e de relatos é que utilizamos a metodologia de pesquisa e de constituição de fontes para o estudo da história da Guerra de Espadas em Senhor do Bonfim-BA que se insere diretamente na história junina desta cidade, através da história oral. Nesse sentido, como expressa com pertinência Verena Alberti em seu artigo *Indivíduo e Biografia na História Oral*, sobre o fato de a subjetividade e a experiência individual passarem a ser valorizadas como componentes importantes para a compreensão do passado:

Hoje já é generalizada a concepção de que fontes escritas também podem ser subjetivas e que a própria subjetividade pode se constituir em objeto do pensamento científico - isto é, de que se deve tomá-la como dado objetivo para entender por que determinados acontecimentos ou conjunturas são interpretados de um modo e não de outro. [...]

Uma entrevista de história oral pode reconstituir processos decisórios e revelar informações que de outra forma se perderiam. Outros registros sonoros (músicas, jingles, gravações radiofônicas), ou ainda fotografias, caricaturas, desenhos, filmes, monumentos, obras de arte e de arquitetura, são passíveis, hoje em dia, de se tornar fontes para o estudo do passado, tendo havido, portanto, uma revisão do fetichismo da fonte escrita.

Atualmente, a história oral é uma metodologia claramente multidisciplinar, praticada por historiadores, antropólogos, sociólogos, folcloristas, cientistas políticos, educadores e psicólogos, entre outros (ALBERTI, 2000, p. 1-2).

Assim, percebemos em nosso estudo que as subjetividades elaboradas pelos praticantes da Guerra de Espadas possam vir nos ajudar a inventariar o passado desta prática cultural que se mostra em vários tipos de registros documentais que serão analisados ao longo dessa pesquisa à exemplo das fotografias e músicas.

Empreendemos leituras e apropriações sobre memória a partir do livro de Maurice Halbwachs (1990), *A memória coletiva*, que nos mostra que a memória individual existe sempre a partir de uma memória coletiva, posto que todas as lembranças são constituídas no interior de um grupo; e da leitura do

livro organizado por Marieta de Moraes Ferreira e de Janaína Amado, *Usos e Abusos da História Oral* (1996) no qual propõe um estudo geral sobre questões como metodologia, memória e história oral. Nesse item sobre memória, mais uma vez olhamos para nossa pesquisa no sentido de analisar as narrativas da guerra feitas por homens e mulheres que são construídas por seus praticantes de modo singular e coletivo.

A História Oral, segundo Maurice Halbwachs (1990), nos mostra que a memória individual existe sempre a partir de uma memória coletiva, posto que todas as lembranças são constituídas no interior de um grupo. A metodologia da História Oral se fará com algumas entrevistas cujos relatos dos moradores de Senhor do Bonfim-BA sobre a festa de São João e a Guerra de Espadas serão muito importantes para identificar permanências e mudanças, compreender os significados da festividade, além de registrar os olhares dos participantes sobre a guerra. Como discute Rousso:

A memória, no sentido básico do termo, é a presença do passado. [...] A memória, para prolongar essa definição lapidar, é uma reconstrução psíquica e intelectual que acarreta de fato uma representação seletiva do passado, um passado que nunca é aquele do indivíduo somente, mas de um indivíduo inserido num contexto familiar, social, nacional (ROUSSO, 1996, p. 94).

Para tanto, buscamos nos estudos orais, as narrativas como fontes primordiais que possibilitem o desenvolvimento dessa pesquisa. A História Oral permite ao historiador ter contato direto com pessoas, sair das redomas dos documentos escritos e do isolamento das escrivatinhas para se comunicar diretamente com os sujeitos sociais.

A oralidade é fluida e o historiador terá a cada novo encontro, a cada conversa, uma narrativa singular. Através das narrativas conseguiremos compor imagens múltiplas dos festejos juninos e da Guerra de Espadas. Imagens permeadas de brincadeiras, diversão, religiosidade, saudade, medo e poder. Enfim, imagens ressignificadas, sensibilizadas e construídas através da memória coletiva de seus participantes.

O trabalho com a História Oral nos permite perceber que as memórias narradas pelos entrevistados, são representações seletivas do

passado como nos ensina Rousso. Por isso as memórias precisam ser passíveis de análise crítica, situando seus depoentes dentro de uma operação historiográfica de investigação visando à verossimilhança dos fatos ocorridos. Trabalharemos, portanto nessa perspectiva de uma memória coletiva dos indivíduos que praticam e representam suas masculinidades e sensibilidades a partir da Guerra de Espadas em Senhor do Bonfim-BA.

Segundo Thompson (1992, p. 305), “a evidência oral pode ser avaliada, julgada, comparada e citada paralelamente ao material de outras fontes”. Para o autor, esse tipo de trabalho não exige habilidades especiais além das necessárias para qualquer texto histórico.

No propósito de entender o que seja cultura, nos debruçamos sobre a obra de Michel de Certeau (1994), *A invenção do cotidiano 1*, que nos fala sobre a (re) invenção do cotidiano através das escolhas dos sujeitos e suas relações com a cultura material existente em determinado contexto histórico.

Na oportunidade mergulhamos no texto acadêmico de Durval Muniz de Albuquerque Júnior - *Fragmentos do discurso cultural: por uma análise crítica das categorias e conceitos que embasam o discurso sobre a cultura no Brasil*; no qual analisa a questão da cultura presa a uma identidade.

Desse modo, ao exemplo de ambos os autores, ao falarmos de cultura na prática da Guerra de Espadas, buscaremos nos apropriar de seus conceitos teóricos pra analisar nosso objeto.

Sobre a questão do poder observamos o percurso teórico-metodológico de Michel Foucault descrito por Roberto Machado (1981) em *Uma arqueologia da percepção* e através da obra de Michel Foucault (2005b) sobre a *Microfísica do poder* que é construído numa relação entre o discurso e o poder e que esse poder não está localizado em nenhum ponto específico da estrutura social. Desta forma, analisamos as interdições do poder público e do poder econômico na Guerra de Espadas de Senhor do Bonfim-BA.

Fizemos a leitura do texto do Stuart Hall (2000b), *Quem precisa de identidade?*, onde afirma que o sujeito pós-moderno não tem uma identidade fixa, essencial, centrada ou permanente, pois sua identidade é definida

historicamente e não biologicamente. Entendemos desse modo, que o guerreiro de espadas também não possui uma identidade fixa, essencial, mas que este se apropria das várias identidades que a sociedade lhes oferece de acordo com seus interesses particulares e de seu grupo de pertença. No entanto, no momento da Guerra de Espadas constatamos que prevalece a identidade de destemido, valente e de cabra macho, que em outros momentos de sua vida esta possa ser desnecessária como, por exemplo, na hora de fazer o almoço ou de varrer e limpar sua casa.

Fechando o primeiro ciclo de estudos e apropriações teóricas que nos ajudaram pensar, ver e dizer essa prática cultural da Guerra de Espadas inserida no São João bonfinense, estudamos o livro do Roger Chartier (1990), *A História Cultural: entre práticas e representações*, que problematiza a respeito de como compreender as práticas que constroem o mundo como representação, analisando a realidade através das suas representações e considerando as representações como realidade de múltiplos sentidos. Nessa assertiva, entendemos que a Guerra de Espadas é um espaço ou território de representação da masculinidade do guerreiro.

Estudamos ainda o livro de Michel Foucault (2005a), sobre a *Arqueologia do Saber*, que nos ensina sobre a existência de um regime discursivo e de processos de apropriação dos discursos por aqueles que se reservam o direito de falar, que julgam ter competência para compreender e ter o acesso privilegiado ao saber acumulado. Portanto, em nossas análises buscaremos nos orientar por esse viés teórico dos discursos que constroem a guerra em suas várias possibilidades de existência.

Por fim, o livro do Peter Burke (2005), *O que é história cultural*, que tenta responder a indagação dos historiadores sobre o que venha ser a História Cultural, história essa que é local onde se insere a nossa pesquisa e a nossa **Linha de Pesquisa II** do nosso PPGH da UFCG.

Outras obras consultadas aparecem ao longo dos capítulos dessa dissertação que não mencionaremos nesse momento para não ficar cansativo para o nosso leitor. Também faço a ressalva de que as referências que se encontram no final dessa dissertação foram utilizadas para pensar a pesquisa

desde sua gestação em 1999, quando me deparei com a prática da Guerra de Espadas em Senhor do Bonfim-BA.

Concomitante ao estudo teórico-bibliográfico realizamos trabalho de campo, ou seja, observamos a fase de preparação da guerra que ocorre no dia 23 de junho, véspera de São João. Observamos, fotografamos e participamos desse clima de festa, registrando como é feita a proteção das casas situadas nas ruas em que ocorre a guerra. Observamos que tudo é feito num clima de descontração, regado à bebida típica da época que é o licor de jenipapo e ao grande consumo de cerveja embora nessa época a cidade esteja na estação de chuva e de bastante frio. Os homens começam logo cedo do dia a tomar o seu licor e sua cerveja para aos poucos irem entrando no clima de festa que a cidade se encontra.

As casas estão quase sempre com visitas e isto contribui para aumentar o clima de alegria, descontração e embriaguês de alguns participantes. É momento de paquera, flerte, namoro para os descompromissados; que poderá acabar no início da festa de largo, logo após o término da guerra por volta das 23h00min ou continuar pelo amanhecer do dia nas Alvoradas puxadas por bandinhas de música que saem pelas principais ruas do centro da cidade e de alguns bairros escolhidos por estes. É também o momento de brigas e discussões para os casais apaixonados que são colocados à prova diante de tanta sedução, descontração e embriaguês promovidos pelo clima festivo.

Desse modo, percebemos as ruas dos praticantes da Guerra de Espadas e dos festejos juninos como lugar praticado, descrito na acepção teórica de Certeau (1994). Para tanto é pertinente também nos basearmos no texto acadêmico produzido por Oliveira que diz:

Ruas. Geografia cultural constituída por histórias e memórias várias, projetadas por meio de artefatos materiais (casarões, casebres, templos, barracas, memoriais) e imateriais (festas, folguedos, procissões, passeatas, brigas), que contribuem para a construção de identidades locais, plurais, regionais.

As ruas possuem almas, como escreveu o cronista carioca João do Rio, nos idos dos anos 20 do século XIX. As ruas encantam com seus códigos, com suas histórias. As ruas têm

encantos, memórias para serem revisadas por intermédio de educadores e de profissionais interessados em compreender, no patrimônio histórico-cultural urbano, os signos que educam os sentidos de moradores e transeuntes (OLIVEIRA, 2006, p. 144).

Entendendo ao modo de Oliveira, que as ruas que compõem os trajetos dos festejos juninos e da Guerra de Espadas constroem uma geografia cultural permeada por histórias e memórias contribuindo para a construção de identidades locais, plurais, regionais. Interessa-nos destacar as ruas como construtoras da identidade masculina de cabra macho e valente por praticar a Guerra de Espadas, passando a fazer parte da memória individual e coletiva.

Nesta festa a gastronomia junina é bastante apreciada por todos, não podendo faltar o amendoim cozido, pamonha, canjica, milho cozido, bolo de milho entre outras iguarias. Vale observar que a alta dos preços dos produtos que são necessários para produzir essa gastronomia típica, muitas vezes tem possibilitado a ausência de alguns deles na mesa, mas com certeza, alguns deles não de fazer a alegria da mesa do bonfinense. As famílias mais abastadas dispõem de mesas fartas mais requintadas nas comidas e bebidas como churrasco e whisky, respectivamente.

Assim, a presente investigação tem como proposta analisar sobre a representação da masculinidade a partir da Guerra de Espadas em Senhor do Bonfim por meio dos testemunhos orais dos participantes de hoje e outrora e pelas diversas fontes coletadas. Portanto, nos importa discutir como se dá a representação da masculinidade por meio da guerra, verificando se na formação cultural dos meninos, estes são incentivados pelos seus pais e familiares a enfrentarem a guerra. Para isso, é de fundamental importância analisar os vários discursos que constroem e representam a masculinidade durante a Guerra de Espadas, inclusive o discurso da mulher que pratica a guerra de espadas.

Nessa pesquisa, analisaremos as permanências e/ou mudanças (descontinuidades) ao longo do tempo nas falas que constroem o masculino durante a Guerra de Espadas. Analisaremos os contextos espaciais, locais de

preparação e execução da guerra, e por fim, analisaremos o que representa e o que é ser “guerreiro” das espadas.

Com a História Oral, buscamos conhecer a vivência da guerra trazida nas tramas da memória de seus participantes. Portanto, a História Oral entra como uma referência das tramas da memória, das sensibilidades em um território no qual a oralidade predomina. Entrevistamos treze homens e sete mulheres de idades e profissões diferentes.

Transcrevemos e analisamos cada uma das entrevistas. Os relatos foram transcritos na íntegra, em conformidade com a técnica da História Oral, registrando suspiros, pausas, silêncios e risos. As anotações do caderno de campo foram utilizadas para registrar as nuances em que ocorreu cada depoimento e a observação *in loco* da festa. No momento da utilização de determinados trechos da fala dos depoentes, é necessário por vezes, pontuar e por vírgula para que possamos ter uma maior compreensão de sua fala sem fugir do contexto do próprio texto do autor.

Por fim, com o propósito de estabelecer um diálogo entre a escrita e a imagem, focalizando alguns momentos desses sujeitos sociais, utilizamos a fotografia, segundo a orientação de Boris Kossoy:

Cada imagem documenta um assunto singular num particular instante do tempo, e o registro deu-se unicamente em função de um desejo, uma intenção ou necessidade do fotógrafo, de seu contratante ou de ambos. (KOSSOI, 2001, p. 80).

Nesse sentido, o autor nos alerta para o fato de que a fotografia não deve ser tomada como expressão fiel da realidade, podendo portar significados não explícitos e omissões pré-concebidas. Portanto, temos que submetê-la ao lugar explanado na operação historiográfica de Michel de Certeau (2006), qual seja, contextualizá-la ao momento histórico que a fez surgir, considerando os aspectos sociais, político, econômico e cultural.

Todo esse trabalho de campo, com a observação *in loco*, as entrevistas, fotografias foi importante para que acompanhássemos os vários momentos dos festejos juninos e compreendêssemos de que forma os atores sociais olham a sua própria cultura.

De posse de todas essas fontes, buscaremos nessa pesquisa dar conta dos três capítulos dos quais a dissertação acha-se organizada:

Capítulo primeiro, **“A história de Bonfim, junina, já se perdeu!” - Histórias da festa junina em Senhor do Bonfim**, no referido capítulo fazemos uma abordagem sobre a história do São João guardada nas memórias dos depoentes, buscando verossimilhança com jornais de época. A intenção é discutir o lugar da memória na festa de São João. Através dos discursos desses sujeitos sociais problematizamos a história junina de Senhor do Bonfim, buscando fazer submergir a representação da masculinidade. Examinamos os sentidos da festa no que se refere aos aspectos social-familiares, econômicos e políticos; tentando entender como são construídos esses discursos e percebendo seus significados. Tratamos, também, do significado dos símbolos: fogo, espada e falo que serão úteis para a realização de nossas análises.

O capítulo segundo, **“O prazer do guerrilheiro é se queimar!” - Preparação para a Guerra de Espadas** dedica-se a analisar os espaços na acepção certeauriana de “lugar praticado” já que a guerra acontece dentro da cidade de Senhor do Bonfim, tentando perceber como se dá a confecção das espadas e seus usos, nem sempre resultando em estado de alegria, devido às queimaduras. Procuramos refletir sobre a preparação das casas, ruas e dos moradores, buscando entender os dispositivos da masculinidade. Também, procuramos analisar a indumentária da guerra, percebendo sua generalização para o masculino. Por fim, trabalhamos a noção de ritual cultural e religioso tentando perceber que ambos tornam-se elementos constituintes da festa, estando inseridos na preparação geral da Guerra de Espadas de Senhor do Bonfim, que tem como fio condutor em nossa pesquisa a representação da masculinidade.

No capítulo terceiro, **“A gente quer ser aquele macho que chame atenção à fêmea!” – A representação da masculinidade do guerreiro**, procuramos discutir sobre as várias imagens produzidas pelos atores e expectadores da Guerra de Espadas e do São João: representação da masculinidade, violência, altruísmo, proteção, diversão, brincadeira, queimadura, indignação e críticas ao Poder Público. Destarte, tentaremos fazer

uma análise multifocal das imagens da guerra e do festejar na cidade de Senhor do Bonfim procurando mostrar e analisar a representação da masculinidade construída pelos seus atores e expectadores que consubstancia os dispositivos do masculino dentro dos padrões de sociabilidade da guerra.

CAPÍTULO I

“A história de Bonfim, junina, já se perdeu!” - Histórias da festa junina em Senhor do Bonfim



Foto 1 – Praça Nova do Congresso, onde acontecia a festa junina de largo de 1967 até 2007.
Fonte: Fotógrafo: Monacéis, s/d.

*Aonde é que tem trinta dias de forró
Em Senhor do Bonfim a pisada é uma só*

*É forró lá no coreto, no meio da rua
Nas barracas, nos clubes, todo mundo na sua*

*As quadrilhas girando, rodando e cantando
E o povo gritando, viva a São João!
São trinta dias de festa e alegria
E até parece uma Santa Missão*

(Canção: **Forró em Bonfim** - Jacinto Limeira, - Canção gravada entre 1978/1979).

1.1 Memórias do São João do passado

A letra da música **Forró em Bonfim** de Jacinto Limeira no início do capítulo nos fala a respeito de um São João que durava trinta dias, com festas nas ruas e clubes, com quadrilhas e muita animação. Esse modo de se festejar no tempo pretérito já foi modificado pela própria historicidade do tempo portanto, alterando-se com as mudanças produzidas pela sociedade bonfinense que nem sempre são aceitas pela totalidade de seus cidadãos. É o que percebemos no relato de um depoente sobre como este vê a transição do tempo inserido na festa junina:

Poucos vão compreender, os que vivem hoje, [sic] vão compreender o que era o São João daquele tempo. Porque era uma cidade sem luz elétrica, sem calçamento, sem as coisas que existe de hoje, as aparências que existe hoje, que tão vivendo. Mas existia a família, a sociedade formada. O São João era uma festa de família puramente bonfinense. As casas todas abertas, em toda porta tinha uma fogueira, licor, a galinha assada, o peru, a canjica, todas as casas, pobre e ricas tinham com tranquilidade (Fala do Sr. Manoel Batista de Souza, mais conhecido como Dr. Nequinho. Entrevistado pelo autor em 07 de janeiro de 2003).

Nesse tipo de memória é comum percebermos o tom nostálgico do depoente em sua fala, referindo-se a outro tempo que não nos pertence, mas que este se esforça para traduzir como tempo passado, vivido, subjetivado para aqueles que queiram conhecer o que foi o São João do seu tempo. Segundo Bosi, narrador e ouvinte viajam juntos nas histórias contadas, pois:

O narrador está presente ao lado do ouvinte. Suas mãos, experimentadas no trabalho, fazem gestos que sustentam a história, que dão asas aos fatos principados pela voz. [...] A arte de narrar é uma relação alma, olho e mão: assim transforma o narrador sua matéria, a vida humana (BOSI, 1994, p. 90).

É válido ressaltar que esse discurso do saudosismo junino, que se molda com atos, palavras, ações, vontades, desejos, sonhos e saudades, mas também com negação, ojeriza, aversão e antipatia ao que é novo; está ligado ao pensamento de visão tradicionalista de base romancista e historicista,

criadora de uma dada identidade para o São João e a cidade.⁷ Não nos esqueçamos de que o novo que amedronta, é um novo que foi produzido por sua própria sociedade e que a saudade é um bem coletivo, mas de uso particular.

Ao fazermos as análises da narrativa do Sr. Manoel Batista que trata do saudosismo junino e também de outros discursos que estarão presentes nessa pesquisa, nos apropriamos da análise foucaultiana para compreender os discursos levando em conta as diretrizes sinalizadas pelo autor. Foucault especifica o método arqueológico para compreender as regras que dirigem os discursos e, entender como estes produzem os objetos sobre os quais falam. Segundo Foucault isto significa:

Não mais tratar os discursos como conjuntos de signos (elementos significantes que remetem a conteúdos ou a representações), mas como práticas que formam sistematicamente os objetos de que falam. Certamente os discursos são feitos de signos; mas o que fazem é mais que utilizar esses signos para designar coisas. É esse *mais* que os torna irredutível à língua e ao ato de fala. É esse “mais” que é preciso fazer aparecer e que é preciso descrever. (FOUCAULT, 2005a, p. 55).

Dessa forma para um historiador, ficar ao nível da existência das coisas, das palavras, apenas descrevendo como elas são ditas de forma imparcial seria praticamente impossível porque tudo que desejamos é mostrar além do que foi dito dentro de uma trama de saber e poder que é inerente a cada discurso instituído em práticas. Assim, os discursos instituem o saudosismo junino, a masculinidade do guerreiro de espadas, dentre outras práticas.

O Sr. Manoel parece bem seguro do que diz sobre a possibilidade lançada de que poucas pessoas jovens –“os que vivem hoje” – irão compreender como era comemorado, vivido, praticado, significado, o São João de outrora, do seu tempo de criança e juventude. Os signos do progresso que se mostram em sua fala através da luz elétrica, do calçamento - e “as coisas que existe de hoje” – talvez pudéssemos acrescentar aí TV, telefone, celular,

⁷ Sobre a relação entre saudosismo e identidade regional ver: ALBUQUERQUE JR., Durval Muniz de. **A invenção do Nordeste e outras artes**. Recife: FJN, Ed. Massangana; São Paulo: Cortez, 1999.

computador e automóveis, são colocados em aversão ao modo de se entender como era o São João de antigamente.

Quando ele fala das “aparências”, o narrador remete ao fato de que a cidade de Senhor do Bonfim é conhecida também como uma cidade de casas e pessoas imponentes no sentido estético-social. Ou seja, casas e famílias abastadas; talvez alguns vivendo de aparências na tentativa de manter um *status quo* de um passado dilacerado pelo tempo. Claro que nem todos os habitantes e moradias se enquadram nesses modelos.

Valorizar muito a família como núcleo social, como detentora da festa, é a idéia que será recorrente nas várias entrevistas, de que as casas estavam com suas portas abertas para todo visitante e transeunte daquela noite de São João. Na memória desses depoentes destacam-se vivências e práticas que constituem uma representatividade dos festejos juninos e da Guerra de Espadas, constituindo assim, suas histórias através das memórias e que segundo nos ensina Alessandro Portelli, a relação entre história e memória toma forma na narração oral, mas:

A narração oral da história só toma forma em um encontro pessoal causado pela pesquisa de campo. Os conteúdos da memória são evocados e organizados verbalmente no diálogo interativo entre fonte e historiador, entrevistado e entrevistador. Este assume um papel diferente daquele que em geral é atribuído a quem realiza pesquisas de campo: mais do que “recolher” memórias e performances verbais, deve-se provocá-las e, literalmente, contribuir com sua criação: por meio de sua presença, das suas perguntas, das suas reações (PORTELLI, 2010, p 19-20).

Portelli, ao abordar a relação entre memória e história destaca a importância do encontro pessoal entre a pesquisa de campo feita pelo historiador e o seu entrevistado ou depoente que contará parte de sua vida. Desse modo, nossos depoentes vão se imbricando nas tramas da história que pretendemos inventariar sobre o passado do São João e da Guerra de Espadas de Senhor do Bonfim - BA.

O São João é uma festa secular que remonta ao período do Brasil Colônia, mas a festa se reinventa na diversidade brasileira. Em Senhor do Bonfim-BA, município que recebe o título atualmente de “Capital Baiana do

Forró”, sede da 28ª Região Administrativa da Bahia localizada no norte do Estado e distando 374 km da capital, se comemora aquela que é uma das maiores festas de tradição popular, o São João.

Essa festa que é tão forte na cultura brasileira e, particularmente, na cultura nordestina e bonfinense que é comemorada e celebrada todos os anos, no dia 24 do mês de junho, data do seu nascimento⁸, precedida da festa de Santo Antônio no dia 13 de junho e sucedida pela festa de São Pedro no dia 29 de junho. Essas últimas, ambas acontecem nos dias da morte dos respectivos homenageados, fechando assim o ciclo dos santos juninos.

O São João, na atualidade, é comemorado com festas, fogueiras e comidas típicas. Historicamente, a festa vem sofrendo mudanças ao longo do tempo, deixando de ser uma comemoração tipicamente familiar e rural onde as famílias se encontravam, para se tornar uma aglomeração social e urbana de amplitude intermunicipal e interestadual⁹, ganhando novas formas em cada lugar, até chegar ao domínio midiático e político da espetacularização, segundo Andrade Lima (2008, p. 31).

É sobre esses deslocamentos que a história deve tratar; perceber o diferente, a mudança em relação aos sentimentos; em relação ao espaço praticado da festa; em relação à musicalidade e ao jeito de se festejar e significar o São João, atualmente no espaço urbano. De maneira particular, em nosso trabalho analisaremos as mudanças, continuidades e discontinuidades nas formas de representação da masculinidade dos guerreiros de espadas.

Nas entrevistas realizadas¹⁰, foram recorrentes algumas concepções dominantes sobre a perda da tradição, mas tivemos pessoas que quebraram esse paradigma. A maioria dos entrevistados falou do São João do seu tempo como sendo um São João original, que era celebrado por “todos” com “muita

⁸ As qualidades de João Batista lhe garantiram lugar de honra entre os santos católicos. Equiparando-se a Jesus, ele é o único do qual se comemora o dia de nascimento, e não de morte. Cf.: Revista de História da Biblioteca Nacional. **São João: Sagrada ou profana, uma festa brasileira**. Ano 4, Nº 45, junho/2009, p. 19.

⁹ Estima-se que somente a empresa de transporte São Luiz colocou mais de 150 ônibus extras, saindo de Salvador no ano de 2001. CF; Senhor do Bonfim: Jornal “Tribuna Regional”, junho, 2002. p.1

¹⁰ Entrevistamos 20 pessoas: 13 homens e 07 mulheres que falassem a respeito da Guerra de Espadas e do São João bonfinense.

fartura”. Primeiro sabemos que não existe o original, a origem, já que se trata de uma festa importada por nossos colonizadores e praticada no Brasil desde a época da colônia com suas mutações e mudanças.

Em uma sociedade complexa como é a nossa, mesmo estando se referindo temporalmente à primeira ou segunda década do século XX, que é onde se situa a fala dos entrevistados quando esses se remetem a uma possível origem da festa ou tradição do São João do seu tempo, isso é questionável pelo fato de que sabemos que o São João não se iniciou “originalmente” nesse período, já que se trata de uma tradição inventada permanentemente de acordo com cada época histórica (HOBSBAWN & RANGER, 1984, p. 09).

Portanto, a tradição só existe enquanto discurso e essas práticas juninas são inventadas permanentemente dentro da historicidade do tempo. Nesse sentido, rompendo com a idéia de origem e tradição Foucault se afasta da idéia de que há uma continuidade no discurso, quando diz:

[...] que além de qualquer começo aparente há sempre uma origem secreta – tão secreta e tão originária que dela jamais poderemos nos reapoderar inteiramente. [...] todos os começos jamais poderiam deixar de ser recomeço [...] (FOUCAULT, 2005, p. 27-28).

Portanto, através dessa postura teórica foucaultiana é impossível resgatar a irrupção de um acontecimento verdadeiro, pois toda a repetição de uma origem escapa à determinação histórica.

Sabemos também que nem “todos” participam da festa dentro de um sentido único atribuído a esta, basta imaginar as pessoas que são chamadas de evangélicas, elas não iriam tomar bebida alcoólica, não iriam dançar, nem se batizar ao pé da fogueira como fazem geralmente os que se professam católicos. Também, a idéia de “fartura” é relativa para os grupos de famílias. Existem famílias abastadas que promovem verdadeiros banquetes e existem famílias de baixa renda que se fartam com menos pompa.

Constatamos que o poder aquisitivo interfere na forma como os diversos segmentos da sociedade consomem os produtos culturais impostos. O preço da dúzia de espadas é caro e nem todos podem comprar passando a

correr atrás das espadas que são lançadas por outras pessoas para poderem estar na guerra de alguma forma.

Desta forma, rememorando às suas lembranças e vivências de outrora, continuemos a perceber na fala do Sr. Manoel Batista, a sua luta interior contra a mudança que vem ocorrendo em relação aos festejos juninos em Senhor do Bonfim:

O São João perdeu a sua história, perdeu o seu sentido. O seu sentido. [sic] Eu acho que quem tá mais contrariado aqui são o pobre do São João. São João, o santo São João talvez que teje o mais entristecido com isso, porque não respeitaram mais o seu nome. O sentido era homenagear o santo milagroso, era homenagear sua história e conservar o seu nome. E hoje não fala no nome dele, só fala em outras coisas que ele não entende. Esqueceram o São João! (Fala de Manoel Batista de Souza. Entrevistado pelo autor em 07 de janeiro de 2003).

Para nosso entrevistado, o São João de seu tempo, era um São João religioso, de respeito à figura do Santo São João. O Sr. Manoel Batista usa a metáfora do Santo triste, que na verdade, remete a ele próprio que está insatisfeito ao ver as mudanças acontecerem e escorrerem por suas mãos. Seu próprio sobrenome carrega o sobrenome do Santo.

Não há como impedir a mudança histórica da sua vida e da sociedade da qual vive. Numa sociedade como a bonfinense ainda é tradição e costume se conhecer e se aproximar de alguém pelo sobrenome atrelado ao nome, ou seja, conhecem-se as famílias ditas ilustres pelo peso social do sobrenome. Talvez esteja aí a metáfora do nome do Santo triste em seu discurso, querendo dizer mais do que as palavras dizem, ou seja, um não dito, querendo falar de uma mudança que está acontecendo, mudança nos padrões econômicos, sociais, profissionais e político da sociedade bonfinense. Tentando mostrar que em sua profissão de dentista, ele não é mais um dos poucos, mas é apenas mais um entre muitos dentistas agora possíveis de existir naquela cidade que cresce, desenvolve-se e se transforma.

É como se o Santo São João estivesse vivo e pudesse opinar a seu favor sobre as mudanças que estão acontecendo. Diz o entrevistado que “só fala em outras coisas que ele não entende”. Talvez essas outras coisas sejam

as bandas de forró que não existiam em seu tempo junino e o forró com trio elétrico.

Ao apresentarmos estas possibilidades de leituras e significados das falas do Sr. Manoel Batista, nos referenciamos ao discurso abalizado de Albuquerque Jr., quando afirma:

O discurso tradicionalista toma a história como o lugar da produção da memória, como discurso da reminiscência e do reconhecimento. Ele faz dela um meio de os sujeitos do presente se reconhecerem nos fatos do passado, de reconhecerem uma região já presente no passado, precisando apenas ser anunciada. Ele faz da história o processo de afirmação de uma identidade, da continuidade e da tradição, e toma o lugar de sujeitos reveladores desta verdade eterna, mas encoberta (ALBUQUERQUE JR., 1999, p. 79).

Partindo do mesmo pressuposto descrito por Albuquerque Jr., as análises das minhas fontes e em particular da fala do Sr. Manoel Batista permitem compreender a narrativa o fato de fazer de sua narrativa o processo de afirmação de uma identidade, da continuidade e da tradição como verdade eterna.

O trecho a seguir é de um artigo intitulado ASSIM ERA O SÃO JOÃO ANTIGO, feito pelo Sr. Manoel Batista e Mauro Coelho para o jornal Lampião no ano de 1997, onde o mesmo já comentava sobre o saudosismo do São João do seu tempo de mocidade:

O dia já se despedindo, dirigindo-se ao horizonte, anunciava a beleza da noite iluminada pelos balões, pelas fogueiras e pelas espadas que clareavam as penumbras com suas limalhas prateadas. Em cada casa uma fogueira e as garotas em volta, cantavam e faziam rodas para depois saírem pelas ruas em belíssimas coreografias ao som dos belos acordes dos maiores sanfoneiros da época: José Anastácio e Elizário encantando a todos os assistentes. Outras mocinhas debruçavam-se nas bacias com água, porque dizia a lenda que elas naquela noite poderiam ver naquela água o rosto do seu príncipe encantado.

Como esquecer aquela pura e inocente época, daquelas almas ricas de ingenuidade, doçura e meiguice daqueles coraçõezinhos de meninas moças ou de moças meninas (Jornal Lampião – junho de 1997. Ano 4, Nº 42, p.8.).

É interessante refletirmos sobre os dois fragmentos. No primeiro a fala saudosa e espontânea do entrevistado, no segundo, o cuidado com a

narrativa escrita, onde os autores se preocupam com a normatização da língua. Quem são os sujeitos da fala e da escrita? Por que escrevem e falam sobre o tema? O Sr. Manoel Batista é além de dentista de profissão, poeta e escritor. Mauro Coelho é fotógrafo e poeta.

Balões, fogueiras e espadas são elementos significativos do São João vivido noutros momentos pelos poetas. As mulheres e suas belezas enriqueciam aquela noite junina, de juras de amor. Outro significado atribuído à cidade de Senhor do Bonfim é de que as mulheres possuem um padrão de beleza considerado culturalmente belo. A valorização de sanfoneiros ainda hoje é visível na cidade, mas o passado ingênuo das moças talvez, não seja fato nos dias atuais, diante das mudanças de comportamento ocorridos nas famílias e na sociedade.

Nesse sentido, podemos afirmar que o discurso tradicional no qual a fala do Sr. Manoel tem sua base, tenta congelar o tempo e espaço da própria ação e liberdade criadora dos sujeitos como sugere Andrade Lima:

O pensamento folclórico se sustenta, portanto, na defesa de um estado de cultura já extinto ou em vias de extinção; em narrar romanticamente um tempo já vivido, corrompido pela modernidade, pela inclusão de valores anômolos à cultura de origem, ou como estando em um “estado puro”, intocável, preservado com todas as suas características (ANDRADE LIMA, 2010, p. 55).

Assim, na fala de Sr. Manoel há a defesa de um estado de cultura junina de um passado já extinto ou em vias de extinção, corrompido pela modernidade das bandas, da festa de largo, do fechamento das casas para os visitantes, do esquecimento das novenas e celebrações atribuídas ao Santo São João. Tal discurso tende a valorizar subjetividades de um pretense estado puro de inocência tal qual pretendiam os românticos literários ao tratarem do índio brasileiro à época da colonização brasileira. De outra forma, podemos ver pela ótica do poeta que pretende fugir da realidade dada e construir sonhos possíveis de amor e romantismo, próprio dos poetas.

Ao se referir a Guerra de Espadas, o nosso entrevistado nos mostra um sentido diferente da época de sua mocidade, que hoje ela é usada para queimar e não para divertir, que é usada pra riscar as paredes das casas com

a chama de fogo e não pra colorir e iluminar o céu na noite escura; assumido assim um sentido de guerra literalmente. O próprio nome Guerra de Espadas já traz em si o significado de luta, combate, dor, acidente, mutilação, morte. Perguntaríamos: Existe guerra humana ou humanizada?? Ou seja, uma guerra que não seja desumana? Uma guerra boazinha, comportada, obediente? É o que o discurso do Sr. Manoel parece sugerir:

Cordões nas ruas, as espadas cruzavam o chão com elegância, com beleza. Hoje não cruza o chão porque só tem um dia que se encontra numa verdadeira guerra desumana, que o sentido não é jogar espada para que ela, ela [sic] espalhe sua beleza. Hoje é queimar o indivíduo. É queimar! Prazer de queimar. [...] Ou jogar nas paredes, escrever nas casas. Desgraçar as casas quando termina o São João, tá uma casa [...] parece que houve uma guerra. Isso não é aceitável e eu digo sim, **a história de Bonfim, junina, já se perdeu!** Infeliz da Terra, infeliz do povo que não tem história pra contar [Grifo nosso]. (Entrevista realizada com Manoel Batista de Souza. Entrevistado pelo autor em 07 de janeiro de 2003).

Lançando mão da teoria do historiador Eric Hobsbawn e Terence Ranger, podemos perceber que a fala do nosso entrevistado se compõe de elementos do que ele revela como tradição inventada. O discurso do Sr. Manoel sugere que a festa de São João e a Guerra de Espadas em particular eram da ingenuidade. Concomitante ele está fazendo uma representação dela, ele está se identificando com aquele lugar do passado em que ele viveu, com aquele saudosismo, com aquele espaço de saudade que lhe é particular e que também era espaço de pertencimento dele.

Stuart Hall (2000b) nos mostra como as identidades dos sujeitos são rasuradas, fragmentadas, fraturadas e que estão sempre em processo de mudança e transformação sendo construídas ao longo de discursos, práticas e posições que podem se cruzar ou serem antagônicas. O Sr. Manoel não tem se identificado com a festa de São João e a Guerra de Espadas dos tempos atuais (momento em que foi feita a entrevista), não existindo um sentido de pertencimento dessa festa dos tempos atuais por falta de uma identidade com a festa que está sempre se transformando e adquirindo novos contornos com o tempo. Para o Sr. Manoel, a Guerra de Espadas e o São João como um todo,

perdeu o sentido quando deixou de ser uma Guerra da família bonfinense e passou a ser uma guerra para o turista ver.

Entrevistando outro depoente, o Sr. Florisvaldo, ele nos conta que no São João de antigamente não existia a espada nem a Guerra de Espadas como nós a conhecemos hoje, pois era um rojão pequeno e com o teor de fogo bem menor do que a espada, assim afirma:

Não existia Guerra de Espadas, era, a cidade quando comemorava o dia de São João, todas as casas tinha uma fogueira. Então, botava enfeites, botava presentes, aquelas coisas, então quando chegava a noite, quando tocava fogo chegava aquelas pessoas pra pegar [...] aquelas brincadeiras, aqueles presentes. Então, a espada da época era o busca pé. Você tocava, acendia ele, fazia aquela zoadá como a espada, você jogava, quando chegava na frente ele acabava que tinha a pressão explodia que nem uma bomba (Entrevista realizada com Florisvaldo Queiroz de Carvalho, mais conhecido por Sr. Meló. Entrevistado pelo autor em 07 de janeiro de 2003).

Para Sr. Florisvaldo, a Guerra de Espadas não existia no tempo de sua mocidade. Ele nasceu em 1916, então na década de 1930, este já era na nossa linguagem atual um adolescente e, é a esta fase de sua vida que provavelmente ele esteja se referindo quando diz que não havia Guerra de Espadas, pois tudo indica que nem o próprio termo espada ainda tinha sido forjado. Acreditamos que ele viveu o período de transição do busca-pé para a espada.

Logo adiante, veremos em uma notícia de jornal da década de 1930 que se falará pela primeira vez no termo espada, para se referir ao rojão de fogo. Ele fala da fogueira que ainda hoje existe que é a chamada Fogueira de Ramos, com presentes. Comenta sobre o busca-pé, esse sim, desapareceu e não existe atualmente. Essas foram as diferenças, rupturas e continuidades ou descontinuidades apresentadas por nosso entrevistado que se consubstancia em uma *historicidade*, eixo central de nossa atenção.



Foto 2 - Homens colocando presentes na Fogueira de Ramos que a noite será acesa e protegida pelos guerreiros. Fonte: Fotógrafo: Raimilson Tavares, 2011.

Em Senhor do Bonfim, ainda existe atualmente durante o São João, ou seja, há uma continuidade ou permanência desse costume de se fazer uma Fogueira de Ramos com um grande ramo de uma árvore, com caule e ramos onde são pendurados presentes e brindes para os guerreiros de espadas poderem brincar de ataque e defesa em torno dessa fogueira, como mostra a foto 2 acima. Essa atividade é exclusivamente masculina.

As mulheres não participam dessa fase. São apenas homens e meninos adolescentes que se encarregam de ir buscar a árvore, cortá-la e enfeitá-la com presentes. A masculinidade se faz presente nessa prática de preparo da fogueira para ser acesa à noite, pois participar desse ritual de preparação da Fogueira de Ramos pode ser interpretado como um signo da força e virilidade do guerreiro destemido e valente.

É o que o Sr. Florisvaldo está se referindo quando diz que “botava presentes”. Com relação ao busca-pé, este é enfatizado no jornal Correio do Bonfim¹¹ já no ano de 1914, sendo criticado por este veículo de comunicação, opinião e informação. Vejamos o que ele nos conta, através de um trecho de sua reportagem, a respeito desse rojão, intitulada ACCIDENTES E DESASTRES:

Este é o mês do fogo, apesar de ser frio neste hemispherio. Em toda parte do globo, a indústria da pyrotechnia assignala as suas conquistas pelos seus desastres.

¹¹ O jornal Correio do Bonfim, foi fundado em 01/10/1912 e findou em 01/10/1942. Era semanal e durou 30 anos. Seu diretor foi o Sr. Augusto Sena Gomes.

Nas cidades, nas villas, arraiaes e povoados, o **fogueteiro** é o homem da situação, queimando ou matando com o **busca-pé**, diliciando a petizada com a chuvinha, o craveiro etc.¹²

Terça feira, na officina do conhecido industrial e hábil artista pyrotechnico sr. Luiz Guerra, onde a mão de obra feminina tem produzido bons resultados, houve desastre sério pela explosão de alguns kilos de material inflamável, ocasionando grande prejuizo ao digno sr. Guerra e produzindo graves ferimentos em uma de suas operárias (Correio do Bonfim – 21 de junho de 1914. Ano II, Ed. 39, p.2.).

Nessa reportagem percebemos que o perigo com os fogos de artifícios ou rojões como o busca-pé, já era uma preocupação desde o início do século XX, como nos mostra o referido jornal. A memória do Sr. Florisvaldo, ao rememorar sua infância e sua mocidade sobre o São João de outrora é verossímil com a reportagem do jornal em não mencionar o nome espadas para as brincadeiras com rojões. Percebemos também que as crianças já brincavam com fogos como a chuvinha e o craveiro. Possivelmente essas crianças foram mais tarde incentivadas pelos seus pais, amigos e familiares a soltarem o busca-pé, protótipo da espada. Para nós, isso consubstancia pela via cultural e histórica a introdução de uma prática de masculinidade na formação cultural dos meninos.

Em 1931, no jornal Correio do Bonfim, uma pequena nota sobre o São João fala sobre a nostalgia dos velhos, alegria dos moços. O São João chamado de “tradicional” é enfatizado como a imagem do sertão de paz serena que foi acabado por Lampião. Assim dizia um trecho da matéria do jornal intitulada S. JOÃO:

Ahi chegam as ruidosas e populares festas de São João Baptista, a noite das fogueiras e da cangica, o encanto das crenças, a alegria feliz dos moços e dos velhos a saudade.

Mas aquele São João tradicionalmente sertanejo, festa da roça, em que a alma popular ingênua e simples cantava trovas faceiras, no enlevo da vida sem cuidado, aquele São João é agora para o pobre povo do nordeste, a tragédia, o sobresalto, a morte, no pavor desse monstro que acabou o que o sertão tinha de mais encantador: a paz serena, a tranqüilidade feliz. Hoje impera o terror desse phantasma horrivel que é Lampião!

¹² Busca-pé é um tipo de fogo de artifício de rabeio, que é jogado ao chão sem alçar vôo. Chuvinha é um fogo de artifício que sai faíscas de fogo colorida.

Nas fazendas não haverá fogueiras, as novenas desaparecem, pois a aza negra desse abutre cruel paira no ar numa ameaça continua e espantosa [...] (Correio do Bonfim – 21 de junho de 1931. Ano XVIII, Ed. 38, p.1.).

Nesse discurso jornalístico de época percebemos a questão da associação que se faz da festa de São João com a imagem idílica do sertão, do campo, da ingenuidade perdida, das fogueiras, das comidas de milho, de suas crendices como as típicas adivinhações feitas pela mocidade e que sempre irá deixar saudade nos velhos. Discurso esse que se aproxima do discurso que foi proferido pelo Sr. Manoel em alguns trechos de sua fala, um pouco acima, e que já foi analisada por nós. Na tentativa de podermos compreender e analisarmos o discurso do jornal e da fala do Sr. Manoel que se cruzam é que faremos uso do pensamento de Andrade Lima quando ela diz que :

O espaço rural serve de modelo, de inspiração na composição e criação das festas de São João no espaço urbano, elas são uma cópia, uma réplica, até mesmo uma fantasia e caricatura do “evento original” do meio rural; como se a própria festa na roça não fosse igualmente, uma criação e uma invenção do discurso folclórico (ANDRADE LIMA, 2010, p. 78).

Portanto, o espaço rural tratado como lugar idílico, da saudade onde a festa junina seria “pura” e ingênua é nada menos do que uma invenção do discurso tradicional que foi apropriado pelos nossos depoentes e matérias de jornais de época até aqui analisados.

Ainda no Correio do Bonfim, no ano de 1933, fala-se pela primeira vez de forma sutil de um zig-zague das espadas nas ruas, apesar da chuva que caía, mas não se falava em Guerra de Espadas na matéria intitulada SÃO JOÃO:

Correram alegremente as tradicionais festas do S. João, havendo profusão de fogueiras e muita cangica, pela fartura de milho e leite que as chuvas bem-ditas nos trouxeram.

Não houve busca-pé nem bombas de chlorato, pela oportuna proibição da policia, zig-zagueando apenas as espadas nas ruas, apesar da chuvasinha impertinente que embaraçou de verdade as juras dos compadres e os idyllios ao ar livre... (Correio do Bonfim – 25 de junho de 1933. Ano XX, Ed. 37, p.2.).

Percebe-se a proibição do poder público através da policia de coibir a soltura de fogos como o busca-pé e as bombas. Isto pode significar que uma

parcela da população não gostava da forma que se brincava com esse tipo de fogos, provavelmente devido ao grande índice de acidentes na utilização e fabricação desses, como foi apontado em outra reportagem desse mesmo jornal, logo acima. Diante desse fato, poderíamos nos perguntar a qual parcela da sociedade o poder público atendeu? Qual parcela da sociedade pedia para a polícia proibir a soltura de fogos? Qual parcela da sociedade gostava de soltar esses fogos?

Isto revela uma disputa de poder entre classes sociais distintas dentro da sociedade bonfinense na década de 1930, onde uns querem o fim dos fogos e outros querem sua continuidade. Desse modo, como nos ensina Foucault na *Microfísica do Poder*, vemos a ênfase entre discurso e poder que fora exercido pelo poder público em proibir a soltura de fogos naquele momento. Analisando essa questão entre discurso e poder, Foucault afirma:

Quero dizer que em uma sociedade como a nossa, mas no fundo em qualquer sociedade, existem relações de poder múltiplas que atravessam, caracterizam e constituem o corpo social e que estas relações de poder não podem dissociar, se estabelecer nem funcionar sem uma produção, uma acumulação, uma circulação e um funcionamento do discurso. Não há possibilidades de exercício do poder sem uma certa economia dos discursos de verdade que funcione dentro e a partir desta dupla exigência (FOUCAULT, 2005b, p. 179-180).

Assim, a *Microfísica do Poder* segue o método genealógico que se apresenta como uma história das condições políticas de possibilidades do discurso. Segundo Foucault, todo discurso manifesta uma relação de saber e poder, pois assim assevera: “O exercício do poder cria perpetuamente saber e, inversamente, o saber acarreta efeitos de poder. [...] Não é possível que o poder se exerça sem saber, não é possível que o saber não engendre poder” (FOUCAULT, 2005b, p. 142).

Também são recorrentes as manifestações feitas pelos redatores e colunistas do jornal a favor da chuva quando esta é para a lavoura, mas contrários a esta, quando ela se torna inoportuna para a noite de São João das fogueiras e canjicas. O que nos chama atenção, também, é que é a primeira vez que se usa o termo “espada” para o rojão que antes era denominado de busca-pé.

Entrevistando o Sr. Aluysio Santos, ele nos forneceu algumas informações sobre a comemoração dos festejos juninos do final da década de 1940. Nosso depoente nasceu no ano de 1936 e ao pedirmos para que nos relatasse como era comemorado o São João do seu tempo de criança e adolescente este provavelmente se remeteu a sua memória do final da década de 1940, quando estava com seus dez a treze anos de idade. Vejamos o que ele tem a nos dizer:

O São João de antigamente era, era o pessoal cantando em volta da fogueira, as cantigas de roda em volta da fogueira, era adivinhações que se fazia, que se colocava uma bacia com água e as pessoas faziam é, adivinhações ali. Outra coisa, as pessoas em volta da fogueira é, se tornavam compadre e comadres e afilhados e padrinhos.

O São João de hoje em dia é mais um São João é, digamos assim, é mais industrializado, modernizado, ele perdeu aquela característica da, [sic] folclórica entendeu? Aquela espontaneidade do povo. Hoje é, tem se tornado mais artificial porque é, as coisas são mais programadas. Naquele tempo, não existia programação, partia da, espontaneamente, da, da vontade do povo. Então, não existia programação para isso. O São João de hoje em dia é assim, é, são shows, entendeu, contratados, são artistas de fora que são contratados para cantar. Então isso não existia antigamente., tudo partia, era movimento popular (Fala do Sr. Aluysio Santos, entrevistado pelo autor em 19 de julho de 2010).

Nesta fala do Sr. Aluysio Santos, temos um novo elemento das festas juninas que é a programação. No entanto, atualmente sem a programação oficial pré-anunciada pelas rádios, emissoras de TV, jornais, revistas, internet, não há como se destacar no cenário político do turismo. Hoje, a programação é fator preponderante para atrair ou não os turistas que visitarão a cidade, pois a concorrência por esse produto festivo em que se tornou o São João é ferrenha.

A espetacularização das festas de ruas na contemporaneidade é um movimento recente, que surgiu na década de 1980, com programação definida, não apenas em Senhor do Bonfim, mas em diversas cidades. É a forma como o “novo” se apropria do “antigo” para se manter, através da inovação inerente ao tempo. “Assim concebemos a cultura da festa junina no espaço urbano como um constante movimento de criação, recriação, apropriação e conservação da tradição” (ANDRADE LIMA, 2008, p. 21).

Além do saudosismo comum a todos nós quando nós reportamos a um período distante e marcante em nossas vidas, o nosso entrevistado aponta outras questões sobre a festa que merecem ser problematizadas. No passado da década de 1940 percebemos as brincadeiras, sociabilidades e espontaneidade em contraponto a festa atual (da década de 1980 em diante) que se mostra modernizada, “artificial”, com programação pré-estabelecida e uma grande interferência do poder público.

Para entendermos a importância das programações dos festejos juninos nos dias atuais concordamos com Andrade Lima quando esta diz:

Ganha na audiência e na frequência de festeiros, o “arraial” da cidade que oferecer a melhor programação e a que demonstrar a maior criatividade para inventar entretenimentos que permitam aos turistas e aos cidadãos viverem as suas fantasias de São João (ANDRADE LIMA, 2008, p. 112.).

Na década de 1990, com esse objetivo de mostrar ao público melhor programação, assim noticia o jornal Lampião em matéria de capa em junho de 1997 intitulada: **É SÃO JOÃO, ALEGRIA, ALEGRIA!**

Serão atrações já confirmadas para o São João/97: Alceu Valença, Flávio José, Alcimar Monteiro, Nando Cordel, Trio Nordestino, Rabelo Gonzaga, Carlos Pita, além das atrações regionais: rodas e quadrilhas, calumbis, banda de pífanos, zabumbeiros, samba de lata de Tijuaçu¹³, Sanfoneiros, desfile de carroças, casamento da Maria, etc.

A partir do dia 1º de junho, prolongando-se até o dia 18, toda cidade se agita com a realização dos forrós-gritos realizados pelo radialista Tito Rocha, diretor da rádio Caraíba (Jornal Lampião. Senhor do Bonfim - BA – junho de 1997. Ano 4, Nº 42, p.1).

Esse período da espetacularização da festa junina no sentido de promover a festa com bandas de forró foi criado na década de 1980 nos festejos juninos bonfinense. Antes como já foi dito acima, existia outro tipo de espetacularização da festa que era o Forró Grito. Hoje, exige que se tenha uma estrutura de montagem, organização e planejamento para instituir de maneira prática e grandiosa a festa junina. Não existindo na época em que os Srs. Manoel Batista, Florisvaldo Queiroz e Aluysio Santos falaram de suas

¹³Tijuaçu é um distrito do Município de Senhor do Bonfim, que possui uma comunidade negra rural quilombola. Cf.: MIRANDA, Carmélia Aparecida Silva. **Vestígios recuperados: experiências da comunidade negra de Tijuaçu – BA**. São Paulo: Annablume, 2009.

lembranças de infância e adolescência em depoimentos para nós. A festa junina era realizada à base do improviso e da espontaneidade dos cidadãos. “Meia noite o São João acabava”, afirmou o Sr. Florisvaldo na sua entrevista. Portanto, não havia a intervenção sistemática e organizativa do poder público.

O jornal da época chamado Correio do Bonfim (1912-1942) quando noticiava algo sobre o São João o fazia através de uma pequena nota sem a pretensão que se tem hoje da espetacularização, ou seja, não havia essa preocupação em ter uma programação própria para o São João, pois esse sentido não havia sido ainda criado. Destacava-se nesse período a festa do Dois de Julho¹⁴; Mês de Maria; Santo Antônio de Campo Formoso¹⁵; Festa religiosa em Jaguarari¹⁶.

O poeta Gil Gaio publicou em sua coluna Sovas e Trovas nesse mesmo jornal no ano de 1942, o poema de nº 720, intitulado: O SÃO JOÃO DE OUTRORA E O DE HOJE. Vejamos o poema:

Antigamente a festa deste dia,
No campo ou na cidade,
Era feita somente de alegria,
E hoje é cheia somente de saudade...

Logo de madrugada
O foguete do ar, lá das alturas,
A gente toda punha alvoroçada
A espera da fogueiras e das juras...

Preparativos, horas inquietas,
Idas e vindas, a despensa cheia,
Risadas cristalinas indiscretas,
A que nem a vovó ficava alheia !

Á Tarde a meninada festejava
A subida imponente da <fogueira>
Logo em roda fervia a brincadeira
Para a noite bonita que chegava!

Fogos de côr, bombas e correria,
Nos encontros niguém tomava pé,

¹⁴ Dois de Julho é a data de Independência da Bahia.

¹⁵ Campo Formoso é um Município próximo a Senhor do Bonfim, distando aproximadamente 22 km.

¹⁶ Jaguarari é um Município que dista aproximadamente 30 km de Senhor do Bonfim. São João é seu Padroeiro.

A cangica lá dentro apetecia,
Mas lá fora estoirava o busca-pé!

Quando a árvore tombava a gritaria
E o foguetório eram de ensurdecer,
Depois tudo acalmava e a gente ia
<Rabo de galo> de mais perto vê...

Agora era a modinha
De qualquer de qualquer choramingas trovador
Que, depois da cangica, sempre vinha
Lembrar os tempos de perdido amor...

E punha-se a entoar candidamente
As cantigas que ouvir já ninguém que
Ouve meu canto, minha voz pingente
Pomba inocente, divina mulher...

Após, o compadresco, pelas juras,
A afilhadagem junto do brazeiro,
Promessas de venturas
Para breve noivado alviçareiro...

Mas o tempo mudou
E vai tudo ficando diferente,
Busca-pé se acabou,
Este nem lembra o São João da gente!

Agora é o baile, o fogo de salão,
Na rua a luz elétrica chegou,
Até mesmo o balão
Do ar se afugentou...

Antigamente a festa deste dia,
No campo ou na cidade,
Era feito somente de alegria
E hoje é cheia somente de saudade...

Gil Gaio

(Correio do Bonfim – 28 de junho de 1942. Ano XXX. Ed. 40, p.4)

O poema apresenta os elementos que compõe a saudade do São João de outrora, revivida na memória do poeta.¹⁷ Esses elementos estão presentes também no pensamento dos que produzem a circularidade cultural¹⁸

¹⁷ Não temos maiores informações a respeito do poeta Gil Gaio.

¹⁸ Ao modo de Carlo Ginzburg, entendemos o conceito de circularidade cultural como a interpenetração de elementos culturais produzidos por uma determinada classe social no conjunto das crenças, valores e atitudes de outra classe. A partir do seu livro “**O queijo e os vermes**” passa a enxergar a circularidade cultural como interpenetração e não apenas como imposição ou sobreposição de idéias de uma classe sobre outra, mostrando que as idéias numa época não são necessariamente as idéias de uma classe dominante e que através de Mennocchio tais idéias “dominantes” podem ser apropriadas e recicladas de outras formas que

de sua classe social. Os elementos que aparecem significando saudade são as fogueiras, brincadeiras em volta da fogueira, fogos no ar, bombas, busca-pé, juras de amor, quitutes juninos, fogueira de ramos, trovadores. Já os elementos que significam mudança são a falta do busca-pé (talvez tenha surgido nesse contexto o protótipo da espada), o baile de salão (sugere a idéia de que uma parcela da abastada da sociedade tenha se resguardado), o fogo de salão, a luz elétrica, a falta do balão.

Falando do São João de outrora, é mister registrar que em Senhor do Bonfim existiam duas importantes “philarmônicas” que animavam as festas de Santo Antônio e São João de Bonfim e das cidades circunvizinhas, eram a “Philarmônica 25 de Janeiro” e a “Philarmônica União e Recreio”. Por vezes, vinha participar desses festejos a “Philarmônica Apollo Juazeirense” do Município de Juazeiro. (Correio do Bonfim – 17 de junho de 1917. Ano V. Ed. 38, p.2).

Isto nos faz lembrar que hoje em dia são as bandas de forró e de axé que estão animando o São João pelo interior da Bahia. São estas mudanças na forma de se animar a festa junina que percebemos e enfatizamos como um elemento importante para análise do São João bonfinense. Essa mudança de sentido foi percebida na fala de um entrevistado. Assim comentou o Sr. Luiz Moreira:

A tradição continua, agora acrescentou-se a ela algumas coisas mais modernas porque a evolução do tempo exige né? Hoje aqui na cidade além do arraiá tem também um forró de camisa que fazem numa fazenda a poucos quilômetros do centro da cidade que é o Forró do Sfrega, que não tem nada haver com a programação do São João Tradição de Bonfim. É tanto que lá, lá todo ano tem, Asa de Águia, praticamente. Já teve Ivete. Lá tem Harmonia do Samba, essas coisas. Mas lá é outra coisa, lá é um forró de camisa, é à parte. Não é programado pela prefeitura. No perímetro da festa, aí só é permitido mesmo as coisas do São João da festa junina, até as músicas tem que ser juninas (Fala de Luiz de Souza Moreira, mais conhecido como Luiz Moreira. Entrevistado pelo autor em 12 de julho de 2010).

não apenas daqueles que pretendem manter o *status quo*. Cf.: GINZBURG, Carlo. **O queijo e os vermes: o cotidiano e as idéias de um moleiro perseguido pela Inquisição**. São Paulo: Companhia das Letras, 1991.

O Sr. Luiz Moreira confirma a inovação do São João por bandas de axé - devido à evolução que o tempo exige. Entendemos também que o tempo exige mudanças dentro de qualquer prática cultural. Quando digo “exige” não estou me referindo necessariamente para o estilo axé como foi apontado na fala do Sr. Luiz Moreira, mas para quaisquer tipos de mudança e inovação diferenciada que a sociedade queira colocar em prática, ou seja, isso nos faz pensar a cultura como fluxos de sentidos, mudanças, acontecimentos. No discurso do Sr. Luiz Moreira, há uma tentativa de defesa da tradição, tentando separar as coisas ao mostrar que a programação do São João promovida pela prefeitura continua sendo tradicional e que esse tipo de inovação “que o tempo exige” não faz parte da festa oficial programada por esta.

Ora, sabemos que as bandas de forró já se integraram atualmente a toda programação junina do interior do Nordeste, demonstrando assim o aspecto dinâmico de mudança que está inerente à própria cultura. A idéia não é de ver as bandas de forró como a mudança necessária que teria de acontecer, mas sim de inserir novos elementos dentro da cultura junina, que seja banda de forró, que seja pagode, axé ou quaisquer outros tipos de inovação. Portanto, estamos aqui dando ênfase à descontinuidade desta festa junina como vem sendo praticada em Senhor do Bonfim-BA.

Desse modo, aprendemos com Eric Hobsbawm e Terence Ranger que o termo “tradição inventada” inclui tanto as tradições realmente inventadas, construídas e formalmente institucionalizadas, quanto as que surgiram de maneira mais difícil de localizar num período limitado de tempo, que se estabelecem com enorme rapidez. Por “tradição inventada”, portanto, os autores entendem:

Um conjunto de práticas, normalmente reguladas por regras tácitas e abertamente aceitas; tais práticas, de natureza ritual ou simbólica, visam inculcar valores e normas de comportamento através da repetição, o que implica, automaticamente, uma continuidade em relação ao passado. Aliás, sempre que possível, tenta se estabelecer continuidade com um passado histórico apropriado (HOBBSAWN & RANGER, 1984, p. 09).

Para romper com a idéia dos nossos entrevistados que consideram o São João uma manifestação do folclore regional do Nordeste vinculado ao

peso da tradição; tentamos percebê-lo como uma prática do presente, como um discurso elaborado e interessado perpassados pelas relações de saber e poder que fazem essa cultura junina acontecer e sempre que possível tentamos estabelecer continuidade/descontinuidades se apropriando do passado histórico junino através das falas dos depoentes e submetendo-as ao método arqueológico em que segundo Foucault a análise do discurso já que

Só pode se referir a *performances* verbais realizadas, já que as analisa no nível de sua existência: descrição das coisas ditas, precisamente porque foram ditas. A análise enunciativa é, pois, uma análise histórica, mas que se mantém fora de qualquer interpretação: às coisas ditas, não pergunta o que escondem, o que nelas estava dito e o não-dito que involuntariamente recobrem, a abundância de pensamentos, imagens ou fantasmas que as habitam; mas, ao contrário, de que modo existem, o que significa para elas o fato de se terem manifestado, de terem deixado rastros e, talvez, de permanecerem para uma reutilização eventual; o que é para eles o fato de terem aparecido – e nenhuma outra em seu lugar (FOUCAULT, 2005a, p. 124).

Portanto, para Foucault o discurso é, em si mesmo, um acontecimento histórico e dessa forma os discursos que criam o São João e a Guerra de Espadas são discursos produzidos historicamente em suas relações de saber e poder inerentes à própria cultura.

É significativo também tentar entender a mudança da quantidade de dias de comemoração da festa junina bonfinense que era de trinta dias¹⁹ como mostra a canção do início desse capítulo intitulada **Forró em Bonfim**²⁰ e que atualmente foi reduzida para seis dias de São João nos Bairros e seis dias de do São João oficial, com festa de largo, que acontece no atual Parque da Cidade.

A mudança ocorreu pela falta de apoio da prefeitura em patrocinar esses eventos e devido talvez a discordância política entre o mentor que foi o Sr. Francisco Alberto Rocha e o patrocinador maior que é a prefeitura. Esses trinta dias de forró eram considerados pelo São João que se fazia nos bairros

¹⁹ O período de trinta dias de festa junina em Senhor do Bonfim se deu com a criação do Forró-Grito, que durou mais de 20 anos.

²⁰ Canção gravada entre 1978/1979.

chamados de “Forró-Grito”²¹. Vejamos o que nos diz o Sr. Francisco Alberto a respeito do São João do passado:

Então nossa festa de São João é [sic], eu vejo assim; no passado foi muito boa, porque a gente valorizava o que era nosso, o que era nosso, a nossa cultura, o nosso folclore né, e hoje a gente tá valorizando mais o que é de fora, quer dizer, hoje a gente não faz mais o diferente, antigamente fazia! A gente usava o nosso folclore, a nossa cultura; quem vinha ver nossa festa, via o que era nosso. Hoje não, vêm pra ver essas bandas famosas que tem em qualquer lugar. Qualquer lugar que você for você encontra essas bandas famosas. É a nossa festa! (Entrevista realizada com o Sr. Francisco Alberto Silva Rocha, mais conhecido por Tito Rocha. Entrevistado pelo autor em 14 de julho de 2010).

O depoente se lamenta pelo fato de que hoje já não se valoriza a cultura local e o folclore como era valorizada no passado, em seu tempo em que ele socialmente criou o então badalado “Forró-Grito”. Destarte, a partir do dia 1º de junho até o dia 18²², toda a cidade se agita com a realização dos Forrós-Gritos. Os Forrós-Gritos eram o São João nos bairros promovidos pela Rádio Caraíba sobre a direção do Tito Rocha. Era a forma como se consubstanciava a espetacularização da festa junina naquele momento histórico.

Nessas festas de bairros eles promoviam a cultura local com apresentações de quadrilhas juninas, rodas de músicas, casamento de Maria, calumbis²³, poesias, e outras mais. Segundo o depoente, isso era o que enaltecia o São João de Bonfim, uma vez que os turistas adoravam ver e participar. Sua maior queixa é contra as novas bandas de forró, que do seu ponto de vista, descaracterizam o São João. Mais uma vez, retornamos ao discurso tradicionalista de preservação e cristalização das coisas e da cultura num tempo pretérito (ANDRADE LIMA, 2010 p. 56).

Tentamos discutir nesse primeiro sub-tópico como esse discurso do saudosismo junino, que se molda com atos, palavras, ações, vontades,

²¹ O nome “Forró-Grito” foi cunhado pelo radialista Francisco Rocha, conhecido por Tito Rocha, que foi diretor da Rádio Caraíba-AM de Senhor do Bonfim-BA, trabalhou lá durante 25 anos. Ele não falou com precisão a data de criação do Forró-Grito.

²² Sobre a programação junina ver: Jornal **Lampião**, Ano 4 – Nº 42 – Junho de 1997, p. 1.

²³ Calumbi é uma expressão musical tocada em grupo de três ou mais componentes, conhecida em outras regiões por pífano ou zabumbada.

desejos, sonhos e saudades, mas também com negação, ojeriza, aversão e antipatia ao que é novo; está ligado ao pensamento de visão tradicionalista de base romancista e historicista, criadora de uma dada identidade para o São João e a cidade de Senhor do Bonfim-BA.

1.2 Sentidos da festa e do festejar

Desde que chegou ao Brasil, trazida pelos portugueses, o ciclo junino, com festas em homenagem a Santo Antônio, São João e São Pedro passou pela corte, pelas igrejas, indo até o interior. A festa transfigurou-se ao longo do tempo e ganhou formas diferentes em cada lugar, assumindo características rurais e domésticas, vividas de forma singular, tornou-se uma festa religiosa e mundana, celebrada especialmente no Nordeste.

É esse São João diverso e rico de sentidos que pretendemos problematizar aqui nesse sub-tópico através das sensibilidades dos bonfinenses que histórica e socialmente estabelecem novos sentidos para essa festa e o seu festejar estabelecendo o deslocamento e rupturas dos sentidos da festa para nossos entrevistados que antes os sentidos estiveram ligados a confraternização e Integração social e familiar e, hoje os sentidos se ligam ao econômico, político e disputas por marketing entre cidades.

O sentido **social-familiar** de confraternização da festa de São João é perceptível a partir da fala do Sr. Paulo Ernesto, quando este demonstrou seu ponto de vista a respeito do significado da festa de São João:

Olha! É, olha! É as coisas aí tem um processo histórico interessante, um processo histórico interessantíssimo, mas as coisas tá tudo mudando. Tem até o Bob Dylan fala: Tá tudo mudando, tá tudo mudando, aí o Zé Ramalho fez uma versão da música: Tá tudo mudando. Tá tudo mudando mesmo, agora essa mudança traz coisas novas e deixa algumas coisas boas desaparecer né? Bom, o que eu, porque o sentido da festa pra mim é o sentido de, de, a festa pra mim ela tem um **sentido de confraternização**. Eu acho que, eu já tive fora de minha

cidade e sei o que é isso. Quando eu estava em São Paulo, ali eu tava na área de nordestinos, e eu percebia quando chegava o mês de junho aí tinha tudo, não, eu quero ir pra o São, eu quero ir pra festa junina lá no meu lugar. Ou era Ceará, era Paraíba, era Bahia, eles vinham! [sic].

Então é, essa festa tinha, tinha um significado assim de [sic] rever os amigos né? A festa tem isso, de rever os amigos e, e sempre vinha, vem. Vinha e vem ainda muita gente nesse período de festa aqui na, aqui no Nordeste e a Bahia onde eu moro não deixou, não deixa de ter essa característica também [Grifo nosso]. (Entrevista realizada com Paulo Ernesto Leite Rodrigues. Entrevistado pelo autor em 17 de julho de 2010).

A partir do depoimento do Sr. Paulo Ernesto, percebemos o importante significado adquirido com a festa de São João que foi o sentido de confraternização familiar e entre amigos. Para quem viveu e vive fora do seu lugar de origem, a saudade e lembranças são muito fortes causando, por vezes, muita dor e solidão, pois seus territórios existenciais são subjetivados pela cultura como afirma Albuquerque Jr.:

Nossos territórios existenciais são imagéticos. Eles nos chegam e são subjetivados por meio da educação, dos contatos sociais, dos hábitos, ou seja, da cultura, que nos faz pensar o real como totalizações abstratas. Por isso a história se assemelha ao teatro, onde os atores, agentes da história, só podem criar à condição de se identificarem com figuras do passado, de representarem papéis, de vestirem máscaras, elaboradas permanentemente (ALBUQUERQUE JR., 1999, p. 27).

Dessa forma, o Sr. Paulo Ernesto comenta sobre os territórios existenciais ligados à sua cultura local que é junina em algumas práticas. Paulo Ernesto fala da necessidade que o nordestino tem de se identificar com as figuras do seu passado ligadas aos seus contatos sociais de infância, seus hábitos e costumes que foram adquiridos ao longo de sua trajetória de vida familiar. Trata de como o nordestino constrói uma prática em que os festejos juninos significam na época de retorno a esses territórios em que seria possível repor forças para suportar a vida num outro lugar (São Paulo). Ou seja, necessitou de ir à sua cidade natal para se recompor em memória e matar saudades que certamente o ajudaria em seu retorno para viver num ambiente hostil e pluricultural como é a Grande São Paulo.

Esse outro lugar representado em sua fala como muitas vezes exige que seus moradores imigrantes, como foi o Sr. Paulo Ernesto, faça uso de

múltiplas identidades para melhor se adaptarem as suas realidades e realizarem sonhos trazidos por estes. As identidades são colocadas à prova permanentemente. Não só em São Paulo, mas nossas identidades são provocadas constantemente. É preciso multiplicar as identidades que temos para poder sobreviver e viver num ambiente globalizado, pois as identidades são multiplamente construídas ao longo de discursos, práticas e posições que podem se cruzar ou ser antagônicas. Assim, afirma Hall, sobre o conceito de identidade:

Utilizo o termo “identidade” para significar o ponto de encontro, o ponto de sutura, entre, por um lado, os discursos e as práticas que tentam nos “interpelar”, nos falar ou nos convocar para que assumamos nossos lugares como os sujeitos sociais de discursos particulares e, por outro lado, os processos que produzem subjetividades, que nos constroem como sujeitos aos quais se pode “falar”. As identidades são, pois, pontos de apego temporário às posições-de-sujeito que as práticas discursivas constroem para nós (HALL, 2000b, p. 111-112).

Assim, entendemos ao modo de Hall que as identidades são temporárias de acordo com as posições-de-sujeito. O depoente assumiu temporariamente a posição de sujeito que a cultura de seu lugar construiu para ele, buscando se interpelar com os discursos e práticas de sua cultura identitária juninas ligadas ao seu passado.

Aos historiadores da História e da Memória compete buscar empreender o estudo desse passado que estão nas narrativas de nossos depoentes e demais fontes por nós analisadas. Como nos orienta Delgado:

Sua contribuição maior é a de buscar evitar que o ser humano perca referências fundamentais à construção das identidades coletivas, que mesmo sendo identidades sempre *em curso*, como afirma Boaventura Santos (1994, p. 127-9), são esteios fundamentais do auto-reconhecimento do homem como sujeito de sua história (DELGADO, 2003, p. 14).

Dentro desse contexto, nosso depoente rememora sua juventude, lembrando de sua família e de outras famílias que se juntavam para comemorar e celebrar o São João. As pessoas revendo parentes, filhos e amigos, a festa adquirindo esse significado mais humano de confraternização e acolhimento dos que estavam fora de sua cidade natal. A celebração do São João com comidas, licor, forró, fogueiras, espadas, caminhando junto do lado

sagrado dessa festa com suas ladainhas, celebrações em família e missa, como momento de partilha de alegrias, experiências, angústias, ressentimentos, lembranças e novas projeções para um futuro promissor, um novo reencontro.

Na fala do Sr. Francisco Alberto Rocha, percebemos que também existe o significado da **integração** junto à confraternização, como já foi dito por Paulo Ernesto. Aí percebemos uma nova perspectiva, uma ruptura de sentido com o passado que é o novo sentido da integração entre bairros, entre escolas, entre famílias e vizinhos que muitas vezes nem se falavam, eram rivais, mas que a partir daquela festa tornaram-se próximos e integrados, como nos mostra em sua fala:

[...] eu achei interessante na festa, [referindo-se ao Forró-Grito] foi que a gente promoveu, depois senti um problema que não foi programado, aconteceu, que foi a **integração**. A gente fazia uma festa para o povo do bairro dançar o forró e de repente tornou uma festa de integração porque quem morava na cidade alta lá das Casas Populares ia até Alto da Usina visitar o pai ou a mãe que as vezes passava anos (ênfatisa a palavra anos) sem vim na casa do parente, mas no dia do Forró-Grito ia todo mundo jantar na casa do parente ... Ou então perto da rua do Forró-Grito. [...] sendo que aquela festa também tem significado: das famílias, parentes, amigos, muitos tempos sem se vê e de repente, a integração. [Grifo nosso]. (Entrevista realizada com Francisco Alberto Silva Rocha. Entrevistado pelo autor em 14 de julho de 2010).

Portanto, na fala do Sr. Francisco Alberto os festejos juninos passam a ter um novo significado, o significado de integração das famílias bonfinenses que ocorreu na época dos Forrós-Gritos, na década de 1970 e durou aproximadamente até 2000, já tendo sua programação bastante reduzida. Para o Sr. Luiz Moreira, o São João também adquire o significado de festa em família, com os parentes, amigos e vizinhos:

Tem gente que faz sua festa em casa e dificilmente vai à rua. Eu vou porque vou pra trabalhar porque se eu não precisasse trabalhar não ia pra rua ver show, principalmente no dia 23. Dia 23 é pra você só sair de casa pra ver queima da fogueira, brincar lá com as espadas e voltar e amanhecer o dia dentro e fora de casa assando milho, assando um bodezinho, tal, coisa assim... (Entrevista realizada com Luiz de Souza Moreira, mais conhecido como Luiz Moreira. Entrevistado pelo autor em 12 de julho de 2010).

Nessa fala percebemos que muitas famílias bonfinenses preferem estar em suas casas na beira da fogueira, comendo, bebendo, soltando fogos, espadas. Como pudemos verificar *in loco*, nem todos vão ao pátio da festa de largo organizada pela prefeitura. Também é costume na região de Senhor do Bonfim o hábito de comer a carne de bode assada na brasa.

É o sentido de confraternização entre familiares e amigos que vem sendo recorrentes nesses discursos e práticas analisados até o momento. Desta forma, assevera Andrade Lima:

As festas de São João são, antes de quaisquer outros sentidos que lhe sejam atribuídos, pensadas, analisadas e descritas como um importante acontecimento; um folguedo que significa entretenimento, instrumento de fomento à socialização e aproximação comunitária, além de um evento que possibilita a comunicação entre o mundo ordinário – profano e o espaço extraordinário – sagrado (ANDRADE LIMA, 2010, p. 57).

O São João não é somente a festa do convívio familiar, do romantismo, da devoção aos santos. O São João das últimas décadas se tornou uma festa eminentemente espetacular e comercial como ocorre com quase todas as festas do calendário do Brasil. Portanto, uma festa que tem um impacto muito grande no **sentido econômico** como mostra os discursos de nossos depoentes e fontes.

As inovações surgem influenciadas, sobretudo pela concentração populacional nas grandes cidades e o empobrecimento do campo e das pequenas cidades, pela reestruturação familiar e econômica, pela presença dos meios eletrônicos que transformam os valores culturais e éticos e pelo estímulo ao consumo.

Analisemos um trecho da matéria do jornal Lampião intitulada: ESTÃO ACABANDO COM O NOSSO SÃO JOÃO:

[...] A presença estimada de cerca de 10 mil visitantes superou as expectativas. Casas particulares foram alugadas, escolas ocupadas, e todos os hotéis, motéis, pousadas e similares lotaram suas dependências. Deixando de abrigar muitos turistas por falta de acomodações. [...] Quem realmente brinca e faz a nossa festa são os milhares de turistas que aqui vieram com muita vontade e energia para brincar, além é claro de alguns milhares de reais que injetaram em nossa praça [...] (Jornal Lampião – julho de 1999. Ano 6, Nº 60, p.1.).

A notícia do jornal mostra que o turista é peça fundamental para a realização do São João. Sem ele, não há como “aquecer” o comércio gerando lucros pelo dinheiro que eles injetam na cidade. Outro jornal da cidade de nome Voz da Tapera apresentou a seguinte matéria: AMADORISMO TOMA CONTA DA ORGANIZAÇÃO, vejamos um trecho dessa matéria:

[...] Não há divulgação necessária na capital, muito menos em outras regiões. O marketing não existe e as tradições, a cada ano, vão sendo deixadas para trás. Enquanto isso, outros municípios investem pesado na divulgação e na busca de turistas, “conseqüentemente” [grifo nosso] de renda e emprego para o povo. Calcula-se que mais de 40 cidades do interior já realizaram a festa com shows. Isso vem sendo possível graças à falta de empenho para transformar o São João de Senhor do Bonfim em referência dos festejos juninos na Bahia, como acontece com Caruaru, que representa Pernambuco; Campina Grande, que representa a Paraíba, e Areia Branca, que representa Sergipe [...] (Jornal Voz da Tapera – junho de 1999. P.11).

O poder público passa a oferecer outras formas para os festejos, quando esses se mostram lucrativos ao se tornarem atração de turistas para gerar divisas na economia da cidade. Isso ocorre a partir da década de 1980.

A mesma preocupação foi apontada por esse jornal com relação a importância do turista que traz divisas para a cidade. Também fica claro que ambos os jornais criticam o gestor municipal por não dar importância de valorizar a tradição na sua programação oficial.

No jornal Tribuna Regional, temos em destaque a matéria que diz: FORRÓ DO BONFIM ATRAI TURISTAS. Destaquemos alguns trechos dessa matéria que se encontra na Seção de Economia:

[...] O Forró do Bonfim está atraindo, além de pessoas de toda região, centenas de turistas para o município. O evento, que vai acontecer na fazenda Campo Limpo, deverá reunir cerca de cinco mil pessoas no dia 23 de junho. [...] Júnior²⁴ conta com a parceria da Tear Produções, do empresário Paulo Tear, uma das maiores empresa de eventos da Bahia e com larga experiência nacional, em shows como o de Caetano Veloso, Djavan, além de eventos em outras cidades, como Amargosa, Serrinha e Cruz das Almas.

Estão sendo investidos cerca de R\$120 mil no Forró do Bonfim, garantindo centenas de empregos temporários. [...] Os

²⁴ Proprietário da fazenda Campo Limpo, local onde acontece o Forró do Sfrega.

ingressos estão sendo vendidos nos balcões dos principais shoppings de Salvador. Em Bonfim, poderão ser encontrados no Salão Marivalda, no Cometa Modas e junto aos corretores nos carros plotados com a marca da festa (Jornal Tribuna Regional – 16 a 31 de maio de 2002. Ano V, Nº 52, p. 05).

Nessa matéria, é perceptível o discurso da importância que o marketing turístico e econômico adquiriu na festa de São João da cidade de Senhor do Bonfim. O investimento cresce a cada ano e seus organizadores só têm a celebrar o sucesso econômico desse evento. Tendo em vista um evento que atrai turista, os ingressos são vendidos nos principais shoppings de Salvador. Essa programação particular hoje se chama Forró do Sfrega e o sucesso econômico é garantido. Dessa forma, como nos mostra Andrade Lima ao se referir as riquezas geradas com a festa do Maior São João do Mundo em Campina Grande-PB:

Enfim, ganham as casas de show, clubes, restaurantes, bares, lanchonetes e músicos, representantes da música de forró, que aproveitam a época junina para apresentar seus trabalhos e vender seus CDs (ANDRADE LIMA, 2008, p.174).

Um importante veículo de informação direcionado ao empreendedorismo que divulgou os atraentes índices econômicos do festejo joanino na cidade de Senhor do Bonfim foi o jornal informativo do SEBRAE denominado Conexão Bahia – Publicação do Sebrae/BA para o Empreendedor Baiano, nº 121 – junho de 2003 , que tratou de focar em sua matéria de capa o seguinte título: SÃO JOÃO É GARANTIA DE BONS NEGÓCIOS EM SENHOR DO BONFIM. Na reportagem interna desse jornal o título muda para: SÃO JOÃO AQUECE O COMÉRCIO DE SENHOR DO BONFIM. Vejamos alguns trechos dessa matéria

[...] “São João é o Natal de Bonfim” – atesta o recém empossado presidente da Associação Comercial, Cristiano Rodrigues, 33, comerciante varejista de produtos agropecuários. A Associação estima um crescimento de mais de 50% nas vendas dos diversos segmentos varejista em especial bares, restaurantes, hotéis e vestuário.

[...] Com a previsão de ter 1000 pessoas trabalhando diretamente na festa, mais de 350 barraqueiros e ambulantes, Antonio Porto²⁵ comemora antecipadamente os resultados para a economia local: “temos toda uma estrutura capaz de atender

²⁵ Secretário de Indústria, Comércio e Turismo do município de Senhor do Bonfim, Antonio Loudimar Nunes Porto.

os feridos na guerra, montamos uma fiscalização eficiente, vamos ter mais qualidade no atendimento graças à parceria com o sebrae, temos alojamento de qualidade nos hotéis e pousadas e a opção das residências. Este São João de Bonfim será a cara das melhores festas do interior. Com tudo de bom e nada de ruim” – aposta com entusiasmo (Conexão Bahia – Salvador, junho de 2003, nº 121, p. 6-7).

No discurso do presidente da Associação Comercial de Senhor do Bonfim, percebemos a intenção de bons negócios que o São João traz para a cidade. Ele é tão especial que chegou a ser comparado com o Natal, período em que o comércio aquece as vendas com o advento do décimo terceiro salário.

No caderno especial, denominado forró & Cia na estrada, do jornal A Tarde do ano de 2006 – Projeto Especial Marketing, com patrocínio do Banco do Nordeste, algumas poucas cidades do interior da Bahia foram notícia em seu conteúdo. Destacamos Senhor do Bonfim, objeto de nosso estudo, que aparece na matéria com o nome: SENHOR DO BONFIM, SHOW DE ESPADAS. Dentro da matéria destacamos os seguintes pontos:

[...] Cerca de 200 mil pessoas, entre turistas e moradores, participam da festa.

A guerra de espadas que tornou o município conhecido é uma das principais atrações.

Forró do Sfrega

Dois dias de festa com bebida free. Atrações: 23/06: Limão com Mel, Adelmário Coelho, Os 10 Compromissados e Curral Dance; 24/06: Banda Eva, Cavaleiros do Forró, Guig Ghetto e Curral Dance. Camisas por R\$ 140 (3º lote – valor até o fechamento desta edição) à venda no Pida!, Axé Mix, Ticketmix, Central do Carnaval e Ingresso Mania (forró & cia na estrada, p. 10. In: Jornal A Tarde – Salvador, quarta-feira, 21/06/06).

O turismo é importante no destaque da festa de São João para compor a visibilidade no cenário estadual e nacional. Essa estimativa de 200 mil pessoas é equivalente a mais do que o dobro da população atual do município de Senhor do Bonfim que está abaixo de 90 mil habitantes²⁶. A Guerra de Espadas é considerada por várias pessoas da cidade um dos

²⁶ No Portal da Prefeitura Municipal de Senhor do Bonfim-BA, diz que o município tem mais de 72 mil habitantes. Cf.: www.senhordobonfim.ba.gov.br. Acesso em 27 de março de 2011.

principais atrativos do São João bonfinense atrelado à hospitalidade do povo. O Forró do Sfrega que é frequentado na maioria por soteropolitanos, traz as bandas de axé de Salvador para o São João de Bonfim. Existem camarotes e pista geral, que fica à escolha do cliente e de suas condições econômicas.

Durante os anos de existência do São João na Praça Nova do Congresso (1967-2007), portanto perfazendo um percurso histórico de 40 anos, alguns prefeitos passaram pela história de Senhor do Bonfim como bons ou ruins administradores a depender, também, da importância que davam ao São João da cidade. Buscando na memória do passado, o depoente Francisco Rocha, nos fala sobre o início do São João na Praça Nova e da gestão de alguns prefeitos, vejamos o que ele nos diz:

Veja só, o prefeito que promoveu na verdade o primeiro São João com barracas foi Miguelzinho, Miguel Abraão Fabel Filho. [...] o prefeito que promoveu, começou dá incentivo, foi nem o prefeito, foi os secretários do prefeito Quequel e Caio na prefeitura achou de armar duas, três barracas pra até começar a festa, o sanfoneiro e o povo ficar na porta da 25²⁷. Quando veio o governo Miguelzinho ... fazer um São João maior com arraial, Arraiá da Tapera, aí eu fui fazer parte da comissão [...] aí cresceu as barracas, começou a campanha de Miguel e veio Toninho Carvalho. Eu considero o São João, um dos melhores São João de Bonfim, foi na gestão de Antônio Carvalho porque ele envolveu todos os distritos, povoados e escolas de Bonfim. [...]

Não vou questionar gosto, vontade, não vou questionar! Agora, entendeu! O São João de Bonfim, o melhor período foi do governo de Antônio Carvalho, do primeiro governo de Cândido; de lá pra cá, gente! ... Começou só valorizar o que é Banda, Banda, Banda, Banda, Banda e as Bandas foi superando o que é nosso (Entrevista realizada com Francisco Alberto Silva Rocha. Entrevistado pelo autor em 14 de julho de 2010).

Para o Sr. Francisco Alberto, foi melhor o São João que envolveu toda a sociedade, com programação que valorizasse a cultura da região através das escolas e distritos. Isso se deu com dois prefeitos: Antônio Carvalho e Cândido Augusto em sua primeira gestão. A partir daí, segundo ele, houve a decadência com a introdução de bandas de forró e hoje de axé. No entanto, para outras pessoas a festa só acontece se tiver bandas famosas e axé.

²⁷ O número faz referência a Sociedade Cultural e Recreativa 25 de Janeiro, que esse ano de 2011, fez 114 anos de existência.

A gestão municipal do prefeito Miguel Abraão Fahel Filho, foi noticiada no jornal Tribuna do Sertão como sendo o prefeito do futuro, que iria levar desenvolvimento econômico, social e cultural para a população bonfinense. Este prometeu em seu discurso feito na data do aniversário da cidade, no dia 28 de maio do ano de 1973, realizar várias obras como: a questão da água, construir um novo Fórum, construir Liga Desportiva de Bonfim, construir novo Estádio Municipal, novo prédio escolar, criar uma Coordenação para o desenvolvimento agro-industrial, promover reforma agrária, criar um novo matadouro, criar rede de escolas municipais.

Vale salientar que o Brasil se encontrava na Ditadura Militar. O presidente da época que dava apoio ao governador da Bahia Antônio Carlos Magalhães, que por sua vez, apoiava o prefeito Miguel Abraão Fahel Filho, era Emílio Garrastazu Medici.

Analisemos o trecho do discurso do Sr. prefeito Miguel Abraão Fahel Filho publicado no Tribuna do Sertão, intitulado: BONFIM VISANDO O FUTURO. Vejamos:

Tudo que foi prometido ao povo de Senhor do Bonfim será realizado, disto não tenha dúvida o povo desta terra. O novo prefeito apoiado pelo nosso governador, Dr. Antônio Carlos Magalhães, sem sombra de dúvida encontrará as soluções ideais para chegar não ao longo, porém a curto e médio prazo, ao ponto de desenvolvimento que o povo de há muito espera (Jornal Tribuna do Sertão – Senhor do Bonfim, 28/05/1973. Ano I, N° 1, p.2).

Gostaria de enfatizar que nesse período da fala do Sr. prefeito Miguelzinho²⁸, como está sendo construída, inventada, a festa de São João na Praça Nova do Congresso em Senhor do Bonfim, que segundo depoimento de Luiz Moreira, a festa de largo na Praça Nova do Congresso existiu de 1967-2007, não sendo ainda, talvez, interesse de discurso político associar o São João a tal festa de largo. Pelo menos, o Sr. Prefeito Miguel Abraão não fez menção à festa nesse seu discurso do aniversário da cidade. Por que será?

No ano seguinte, uma reportagem desse mesmo jornal nos fala sobre a falta de apoio do Secretário de Indústria e Comércio do Estado da

²⁸ Nome como ficou sendo conhecido o prefeito Miguel Abraão Fahel Filho.

Bahia e da SUTURSA. A matéria intitula-se: SUTURSA E SEC. DE IND. E COM. NÃO APOIARAM O SÃO JOÃO BONFINENSE:

Na última vez que estive em Senhor do Bonfim, o Secretário de Indústria e Comércio do Estado da Bahia, Dr. Fernando Talma Sampaio, declarou a nossa reportagem que incluiria a nossa festa junina no roteiro turístico do Estado e que conseguiria fundos da SUTURSA, para que a festa tivesse, maior brilhantismo. No entanto tudo ficou por conta da prefeitura, que fez o que estava dentro de suas possibilidades. Cremos, e no entanto, os festejos foram criticados por muitos (Jornal Tribuna do Sertão – Senhor do Bonfim, 29/30 de junho de 1974. Ano II, Nº 34, p.3).

Percebemos que os gestores da festa de São João já começaram a clamar por verbas estaduais para ajudar em sua realização. Colocar a festa no roteiro turístico do estado é sinônimo de aumento de visitantes para Bonfim, conseqüentemente de riqueza para o comércio. A pergunta que fica é por que o Estado não ajudou no patrocínio do São João Bonfinense se o prefeito era apoiado pelo governador? Atentemos para o depoimento do Sr. Luiz Moreira que nos falará de uma sutil disputa política entre a cidade de Cruz das Almas e Senhor do Bonfim:

[...] com esse ataque e defesa surgiu a Guerra de Espadas que hoje a gente..., já tem quase dez anos que a gente já não chama Guerra de Espada porque a daqui não é uma guerra na realidade. Ela só tem de defesa e ataque ao pé da fogueira, mas no resto da cidade, nas ruas onde é permitido brincar com as espadas há apenas um **Show de Espadas**, então é um Show de Espadas em Bonfim. Guerra fica pra outra cidade daqui da Bahia, Cruz das Almas.

Nós mudamos em 2001. Começamos a utilizar isso no “juízo” [sic] que a gente fazia no São João, trabalhando no Departamento de Cultura.

Em Bonfim, a gente passou na Assessoria de Comunicação, tudo que fazia, a gente já não dizia mais Guerra de Espada, falava Show de Espada. Até porque o jornal A Tarde, que é o jornal de maior circulação aqui na Bahia e que diz até que foi ou é ainda do Nordeste, todo ano ele, ele, ele vinha com matérias em cima dos queimados da Guerra de Espadas. Era daqui principalmente e depois de Cruz das Almas. Cruz das Almas ficava mais próxima lá de Salvador e eles defendiam mais Cruz das Almas. Agora atacavam muito Bonfim, como que queriam acabar com a guerra aqui de nossa cidade, nossa terra. [...] mas serviu também para que as pessoas se conscientizarem que o São João, a brincadeira de espada não passa de uma brincadeira mesmo. Então de anos pra cá, você pode fazer pesquisa nesse jornal ou noutros jornais que não, quase não se fala mais no número de ferido, porque foi

reduzido a um número insignificante aqui. Enquanto que em Cruz das Almas ainda já no início de junho, já havia mais de quarenta queimados lá e o Ministério Público querendo acabar com a Guerra de Espadas deles, por causa da violência com espadas (Grifo nosso). (Entrevista realizada com o Sr. Luiz de Souza Moreira. Entrevistado pelo autor em 12 de julho de 2010).

Essa disputa política entre Senhor do Bonfim e Cruz das Almas é devido a Guerra de Espadas, prática cultural que existe nas duas cidades em questão. Ambas atraem turistas para suas localidades através da propaganda veiculada em jornais que versam sobre o brilho, luz, adrenalina, emoção beleza e perigo dessa guerra. Ambas discursivizam a guerra como atração turística.

O discurso de Luiz Moreira precisa ser entendido como um discurso de quem fala de um lugar social²⁹, político, cultural, que é o Luiz Moreira, funcionário público do Município de Senhor do Bonfim, que está inserido no Departamento de Cultura.

Sendo assim, o discurso de Luiz Moreira defendendo a Guerra de Espadas de Senhor do Bonfim, tem um **sentido político** de proteger essa prática de uma possível interdição do Ministério Público como aconteceu em Cruz das Almas; tem um sentido de atrair mais turistas para a cidade, tem o sentido de apagar da memória a idéia da violência que a guerra permite. São as disputas pelo poder que dão o tom do discurso do Sr. Luiz Moreira.

Contradizendo essa afirmação de Luiz Moreira, temos a fala de Manoel Batista a respeito da Guerra de Espadas que diz:

Hoje não cruza o chão porque só tem um dia que se encontra numa verdadeira guerra desumana, que o sentido não é jogar espada para que ela, ela [...] espalhe sua beleza. Hoje é queimar o indivíduo. É queimar! Prazer de queimar. O menino não sabe o que é uma espada. Espada ela se joga no chão, ela é quem vai divertir o povo. Não é você que vai segurar na mão pra ir queimar ninguém. Ou jogar nas paredes, escrever nas casas. Desgraçar as casas, quando termina o São João, tá

²⁹ Como nos lembra Certeau no capítulo de A operação historiográfica, contida no seu livro A escrita da história, esse nos fala do lugar social do indivíduo que é um lugar de tensão: permissão X interdição. Nesse sentido, tanto o pesquisador como o pesquisado (entrevistado) estão submetidos a um lugar social. Cf.: CERTEAU, Michel de. A escrita da história. Trad. Maria de Lourdes Menezes. 2ª Ed., Rios de Janeiro: Forense Universitária, 2006.

uma casa [...] parece que houve uma guerra (Fala de Manoel Batista de Souza. Entrevistado pelo autor em 07 de janeiro de 2003).

A narrativa do Sr. Manoel Batista enfatiza as pessoas que jogam espadas em direção as outras, no sentido de ataque e defesa, se não da fogueira, mas do seu grupo ou do seu próprio corpo. Existem os que saem “pichando” as paredes com a espada acesa, escrevendo nomes com o fogo da espada. Ao final parece o fim de uma batalha, de uma guerra, pela grande quantidade de espadas que foram usadas³⁰ no chão e pelos seus destroços deixados no decorrer da guerra, sem falar do grande número de feridos. Para ilustrarmos e aportar o nosso leitor vejamos a foto a seguir de uma pessoa ferida por espada:



Foto 3 - Mulher ferida na mão por espada. Fonte: Fotógrafo: Bárbara Santos, 2010.

Nesta foto, a vítima de queimadura na mão por espada foi atendida no Hospital Dom Antônio Monteiro, conhecido como Hospital Regional de Senhor do Bonfim, que no ano de 2010 teve como registro oficial³¹ de queimados por espadas na noite da guerra o total de 61 casos.

Fazendo uma análise desses dados oficiais de entradas de pacientes feridos por espada na noite do dia 23 de junho que é o dia oficial da Guerra de Espadas em Senhor do Bonfim, portanto véspera de São João, percebemos que o número de homens queimados é bem maior do que o de mulheres, até mesmo na categoria de crianças como foi informado em nota

³⁰ Estima-se que foram gastos dez mil dúzias de espadas em Senhor do Bonfim no ano de 2003. Cf.: Caderno Forró & Cia, jornal A Tarde, Salvador, sábado, 14/06/2003, p. 4.

³¹ Registro oficial de queimados em 2010: Homens: 37 casos; Mulheres: 03 casos; Crianças: Feminino: 04 casos; Masculino: 17 casos.

oficial pelo Hospital Dom Antônio Monteiro. Isso implica em mostrar que os homens mostram-se mais destemidos do que as mulheres, talvez incorporando o discurso do cabra macho, valente e destemido. Representando para si mesmo e para a população espectadora da guerra que eles são os guerreiros destemidos da Guerra de Espadas. Mas esses dados também demonstram que as mulheres também participam dessa guerra embora em menor quantidade. Elas são tidas também como mulheres corajosas, mulheres macho, valentes, fortes e viris que estão ao lado dos homens na guerra. Como sugere Barbosa:

É assim que a mulher é percebida quando ela deixa de ser o pretexto e passa a ser o texto: ela tem que ser qualificada a partir do universo masculino. Ela tem que ser macho, sim senhor, arrebatadora, impulsiva, forte e viril como uma verdadeira pororoca. O mesmo pode ser dito com relação a Luzia-Homem, personagem de Domingos Olímpio, cujo texto remete para elementos que explicariam a masculinização da mulher no Nordeste (BARBOSA, 2006, p. 56-57).

Nesse sentido, a mulher guerreira também recebe o estereótipo do homem guerreiro que é o de valente, macho, destemido, viril. No universo da Guerra de Espadas onde a coragem e valentia são requisitos de garantia para participar da guerra, não tê-las implica na falta da representação da masculinidade tão almejada por aqueles que participam desta prática cultural. Ser guerreiro é ser macho e para ser macho preciso ser forte, corajoso e viril.

A guerra não é apenas um Show de Espadas, sem maiores danos, como pretende alguns, mesmo sabendo da imprudência de alguns guerreiros. Guerra é sinônimo de luta, de violência, de ferimentos, de dor, de ódio. No SAMU³² deram entrada, 10 pessoas vítimas de queimadura provocadas por espadas nessa mesma noite do dia 23 de junho de 2010.

Como foi dito anteriormente, a guerra deixa seus destroços pela cidade. É grande o número de espadas queimadas pelas ruas no dia seguinte à guerra. A título de ilustração e para aportar o leitor na nossa fala, faremos uma análise das fotografias a seguir:

³² A sigla SAMU significa Serviço de Atendimento Móvel de Urgência que é uma parceria do Ministério da Saúde com os estados e municípios brasileiros e este serviço é solicitado pela população pelo fone 192.



Foto 4 – Rua Rui Barbosa - Centro. Fonte: Fotógrafo: Raimilson Tavares, 2011.

Nessa foto, percebemos que as ruas ficam sujas pelas espadas queimadas na noite anterior ao dia 24. A limpeza pública começa logo cedo para deixar as ruas limpas e prontas para os foliões puderem novamente tomar de conta com sua animação.

O jornal A Tarde de 23/06/2003, destaca no Caderno 2, a Guerra de Espadas de Cruz das Almas com o subtítulo: A GUERRA DE ESPADAS, MARCA REGISTRADA DE CRUZ DAS ALMAS, É UM ESPETÁCULO VISUAL INESQUECÍVEL, vejamos um trecho dessa matéria:

Um grande palco da tradicional guerra de espadas, Cruz das Almas³³ agita os forrozeiros, até amanhã, com uma extensa programação musical. [...]

Nesse período de festas juninas, Cruz das Almas deve receber 250 mil pessoas, segundo a previsão da prefeitura local. Para quem gosta de ver ou participar, a Batalha de Espadas acontece amanhã, com total segurança, segundo os organizadores. Embora perigosa, é apenas uma brincadeira (Jornal A Tarde – Salvador, segunda-feira, 23/06/2003, p. 1).

A partir dessa matéria, percebemos que a cidade de Cruz das Almas também não quer perder seus turistas que aquecem o comércio local. O

³³ Cruz das Almas é uma cidade do Recôncavo Baiano com uma população aproximada de 58.293 habitantes (2006). Dista de Salvador 146 Km por rodovia (BR101) com uma conexão in BR-324 (Salvador –Feira de Santana). Cf.: site oficial da prefeitura: www.cruzdasalmas.ba.gov.br . Acesso em 27 de março de 2011.

discurso da guerra como brincadeira, diversão perigosa, é o mesmo que se construiu em Senhor do Bonfim.

No depoimento do nosso entrevistado, o Sr. Reinaldo que é fabricante de espadas, este nos fala da falta de apoio da prefeitura na compra das espadas para os guerrilheiros e na falta de incentivo para os fabricantes:

Hoje tá mais fraca, hoje, hoje tá uma guerra fraca, não tem incentivo de prefeitura mais, tão incentivando muito pouco. Inclusive antigamente houve tempos atrás comprava duzentas dúzia pra Guerra do Prefeito. Hoje em dia compra sessenta, cinqüenta, aí fica, a tendência é cair, todo mundo não tem condições de comprar. O município desse uma ajuda ou colaborasse com material pra gente fazer, a gente fazia, até saía mais barato até pra prefeitura, mas eles não estuda nada disso, ele quer que caia pelo jeito.

Um tempo atrás durava das seis da tarde até as dez da noite. Hoje em dia oito horas já começa acabar tudo, exclusivo por isso, que não tem apoio de prefeitura, eles botam na folhinha apoio e tal, mas não apóia.

Pessoal que tem condições compra, o turista, o pessoal bonfinense que gosta, mas o pessoal de prefeitura não dá incentivo nenhum. Dava um tempo atrás até com outro governo deu muito apoio que era o Cândido Augusto. Comprava duzentas dúzia, trezentas e o Carlos Brasileiro chegou a comprar 150 dúzia, cem dúzia, e agora o Paulo Machado primeiro ano comprou 200 dúzia. Foi bonita, a guerra foi mais [sic] ele só comprou sessenta, porque a prefeitura tá em crise e tudo, não sei o quê, aí começou a inventar desculpa e comprou só 60 dúzia (Entrevista realizada com Sr. Reinaldo Joaquim do Nascimento. Entrevistado pelo autor em 12 de julho de 2010).

Na fala do Sr. Reinaldo Nascimento, os prefeitos vêm diminuindo paulatinamente o número de dúzias de espadas que são compradas pela prefeitura para defender a Fogueira de Ramos Oficial que é da própria prefeitura. Sr. Reinaldo exagera um pouco ao dizer que hoje em dia oito horas da noite já começa acabar a guerra pela falta de espadas, pela falta de apoio da prefeitura. Verificamos *in loco* a guerra vai pelo menos até às 22:00 hs.

A Guerra de Espadas como se apresenta hoje, requer investimento político dos prefeitos para que ela ocorra com brilho, satisfazendo os espectadores, guerreiros e fabricantes das espadas. Vejamos agora, uma

parte do discurso do atual prefeito de Senhor do Bonfim na abertura³⁴ oficial do São João 2009:

[...] Vamos festejar, vamos celebrar sob o olhar cuidadoso [...] da Imprensa. A Imprensa local, através da rádio Rainha, da rádio Caraíba, a TBL – a TV Bonfim, as emissoras regionais, também as que vêm de longe, a mídia escrita e televisada, a TV Globo, a TV Record, que estarão aqui também conosco. Já estamos nas páginas, da Istoé, já estivemos no jornal O Estado de São Paulo, nos grandes sites do país, nos outdoors da Bahia. Agora estamos aqui para celebrar e consagrar o maior São João de todos os tempos (fala do Sr. Prefeito Paulo Batista Machado na abertura oficial do São João 2009).

O discurso do Sr. Prefeito Paulo Batista Machado, deixa transparecer a importância que foi dada a mídia para que esta divulgue o São João Bonfinense na região, no estado e no país. Essa é a principal arma de todo e qualquer gestor que queira dar visibilidade política à festa de seu município. Destarte, Andrade Lima nos ensina sobre a política junina que:

A política, assim, nos “tempos da sociedade do espetáculo”, utiliza amplamente o espaço da festa urbana para estabelecer uma comunicação com o público eleitor e transmitir as suas mensagens, seja deles se aproximando, com todo um conjunto de discursos que apontam para a sua identidade com a festa, reivindicando o seu papel gestor, seja aproveitando o espaço para criticar os opositores, classificando-os com ante festeiros e até “inimigos do povo”. O espaço da festa junina, enfim, serve também de palco para o acirramento das disputas políticas e para a construção de figuras políticas (ANDRADE LIMA, 2008, p. 142-143).

Dessa forma, como nos ensina Andrade Lima, percebemos nos discursos que apontam para o sentido político que o São João como se apresenta nos dias atuais pode se tornar um elemento definidor do sucesso ou da derrota de um gestor, de visibilidade ou invisibilidade de uma cidade a depender da forma que se trate economicamente a festa, servindo também para a construção de figuras políticas.

Neste item intitulado Sentidos da festa e do festejar, analisamos vários sentidos para a festa junina: o sentido social-familiar de

³⁴ Discurso do Sr. Prefeito Paulo Batista Machado na abertura oficial do São João 2009 em Senhor do Bonfim. Acessado pelo site oficial da Prefeitura: www.senhordobonfim.ba.gov.br . Acesso em 03 de julho de 2010.

confraternização, integração, o sentido econômico e o sentido político gerando disputa por marketing entre cidades.

Através dessas análises pudemos perceber o deslocamento e rupturas de sentidos sobre a festa de São João em Senhor do Bonfim. Se os discursos de alguns entrevistados apontavam para os sentidos da festa como confraternização e integração familiar e social quando se referem à festa do passado, outros discursos estão voltados para os sentidos econômicos e políticos da festa. Esses novos sentidos são sinais de reapropriações e usos, utilizados pelos seus cidadãos e gestores.

1.3. Os sentidos do fogo, da espada e do falo

Continuando as análises das histórias da festa junina em Senhor do Bonfim, é mister que procuremos focar historicamente os sentidos dos principais símbolos da festa junina bonfinense a saber: o fogo, a espada e o falo. Visto que esses símbolos são importantes para compreensão dos sentidos atribuídos à festa por seus participantes.

Com o objetivo de dar novo significado às práticas pagãs relativas ao fogo, a Igreja Católica, no fim da Idade Medieval, adotou de forma sincrética os cultos solares e lunares associados à vida agrícola dos rituais pré-cristãos. Entre os mais importantes cultos solares, registrava-se por toda Europa a queima noturna de fogueiras no solstício de verão (21 de junho), para celebrar a vitória da luz e do calor sobre a escuridão e o frio que viria logo mais com a entrada do solstício de inverno (21 de dezembro).

Os fogos atravessaram os séculos e cruzaram os oceanos sem se apagar. A fogueira e os fogos de artifício impressionavam e despertavam a simpatia dos nossos nativos, ajudando na aproximação entre índios e religiosos, mas foi nas áreas urbanas que a festa de São João se tornou um acontecimento de sucesso.³⁵

³⁵ Cf.: Artigo publicado. CHIANCA, Luciana. **Chama que não se apaga**. In: Revista de História da Biblioteca Nacional. **São João: Sagrada ou profana, uma festa brasileira**. Ano 4, Nº 45, junho/2009, p. 18-23.

Pesquisando no dicionário de símbolos, encontramos referências ao fogo, a espada e ao falo. Isto nos interessa na medida em que possibilita cruzarmos os significados com o que é atualmente apropriado pelos discursos e práticas dos festejos juninos. Diz o dicionário de Jean Chevalier:

Fogo: O fogo é o símbolo divino essencial do Maseísmo. A guarda do fogo sagrado é um costume que se estende da antiga Roma e Angkor. O aspecto destruidor do fogo implica também, evidentemente, um lado negativo; e o domínio do fogo é igualmente uma função diabólica. Nas tradições celtas, Têm-se, a respeito do fogo como elemento ritual e simbólico. Os inúmeros ritos de purificação pelo fogo – em geral ritos de passagem – são característicos das culturas agrárias (CHEVALIER, 1994, p. 440-441).

O elemento fogo é tratado por Chevalier como um símbolo importante das antigas culturas agrárias que adquiriu a ambivalência do bem e do mal. Dependendo da época histórica, do lugar social, o fogo pode adquirir significados divergentes. Em nossa pesquisa ele está relacionado à alegria, a beleza, ao brilho das fogueiras e das espadas. Assim diz Andrade Lima, a respeito do significado do fogo nas festas juninas:

Outro importante significado das festas juninas diz respeito ao fogo. Este é um dos principais símbolos da festa, elemento mágico e purificador particularmente representado pelas fogueiras acesas na véspera dos dias em que se comemoram o nascimento dos santos junino [...] (ANDRADE LIMA, 2010, p. 17).

Na música Noite do Fogo do compositor Antônio Novais, percebemos que o elemento fogo é marcante na festa, ele está na terra, lembrando as fogueiras e no ar lembrando as espadas e outros rojões típicos do São João. Apreciemos com atenção a canção:

**Noite de Fogo
(Antonio Novais – s/d.)**

*Fogo, fogo, fogo, hoje a noite do fogo
Fogo, fogo, fogo, bota lenha nesse fogo
Fogo, fogo, fogo, fogo na terra e no ar
Toma cuidado menina pra você não se queimar
Já me chamaram lá pra casa do Janjão
Pra festejar o meu São João
Já fiz fogueira vai ter muita animação
Vai pegar fogo lá no meio do salão.*

O fogo é o sujeito principal dessa canção, pois na noite de São João a fogueira é o maior fogo. A cor do fogo lembra a bandeira de São João. Andrade Lima, assim continua a revelar outros significados do fogo:

Elemento por excelência purificador, o fogo desempenha funções diversas: presságio, proteção além de ser propiciatório. O fogo, portanto, é simbolizado como um elemento mágico.

O fogo ao mesmo tempo que encanta pela sua beleza, apavora pelo seu poder; o fogo no centro é o sol, que ilumina e transmite a energia criadora, necessária e imprescindível à vida (ANDRADE LIMA, 2010, p. 90).

Vejamos os vários sentidos que a **espada** possui. Segundo o orientação de Chevalier (1994, p. 392-393), a espada é em primeiro lugar, o símbolo do estado militar e de sua virtude a bravura, bem como de sua função, o poderio. Símbolo guerreiro, a espada é também o símbolo da Guerra Santa. A espada é também a luz e o relâmpago. A espada, além de ser o relâmpago e o fogo, é também um raio de Sol. Na tradição bíblica, a espada faz parte dos três flagelos: guerra-fome-pestes.

A espada de fogo designa, segundo Fílon, o logos e o Sol. Nas tradições cristãs, a espada é uma arma nobre que pertence aos cavaleiros e aos heróis cristãos. Ela é muitas vezes mencionada nas canções de gesta. A espada está associada à idéia de luminosidade, de claridade; a lâmina é qualificada de cintilante. Às vezes, a espada designa a palavra e a eloquência, pois a língua, assim com a espada, tem dois gumes.

A Guerra de Espadas aqui por nós analisada, faz lembrar alguns significados que foram citados acima, como claridade, luminosidade, poderio, Guerra Santa. Claridade e luminosidade são liberadas pelas chamas das espadas quando acesas. A idéia de poderio vem da representação da valentia do guerreiro em estar soltando e brincando com um artefato perigoso e atrativo. Guerra Santa nos lembra que o grupo dos Ignorantes só sai para a guerra depois de rezar (orar) e pedir proteção divina, tornando a Guerra de espadas uma “guerra santa”, por estar protegida divinamente pelas bênçãos.

O sentido da espada como **símbolo fálico** será trabalhado por nós nessa pesquisa, como forma de dotar o homem guerreiro de poder e masculinidade, quando este se digladiava com o ataque e defesa com as espadas em punho que brilham e fere. Para Chevalier o falo é:

Símbolo do poder gerador, fonte e canal do sêmen, enquanto princípio ativo. De diversos símbolos procede um sentido fálico, como o pé, polegar, a pedra erguida, a coluna, a árvore, etc. Sua representação não é obrigatoriamente esotérica nem erótica: ela significa simplesmente a potência geradora que, sob essa forma, é venerada em diversas religiões (CHEVALIER, 1994, p. 418).

Analisando o uso da espada fálica como detentora de poder e de representação da masculinidade para o guerreiro macho, expomos uma passagem citada por Martins quando fala das espadas de fogo para análise da masculinidade pela soltura das espadas:

A quantidade de fogos era enorme, um saco por poucos mil reis, hoje seria o inverso um saco de reais por poucos fogos. Eram fogos selecionados, para criança e para adultos, os primeiros inocentes e sem perigo algum os outros só para **machos** e exigiam força e habilidade, para solta-los. Deles os mais violentos e perigosos eram **as espadas** e os busca-pés, as primeiras sem estouro, os busca-pés com bombas arrasa quarteirões [Grifo nosso]. (MARTINS, 2000, p. 106).

Essa citação fala a respeito da participação de crianças e adultos na soltura de fogos juninos. O texto afirma que só **os machos** com força e habilidade teriam coragem de soltar os fogos mais violentos como **as espadas de fogo**. O texto nos diz em seu discurso sobre a coragem (macho), força e habilidade que compõem a gramática masculina da figura do guerreiro de espadas. Ser guerreiro é acima de tudo ser macho e destemido.

Portanto, entendemos que os fogos, a guerra e confecção das fogueiras estão reservadas ao masculino, assim como em casa, na cozinha, o lado feminino da festa se revela.

O referido capítulo discutiu sobre as histórias da festa junina em Senhor do Bonfim a partir da memória, sintonizada com o que apontava as narrativas e a documentação escrita dos jornais que trataram a respeito dos festejos juninos nesta cidade. Nos três sub-tópicos do capítulo tentamos

analisar as histórias que foram construídas a partir da memória de nossos depoentes. Como assevera Delgado:

A busca do significado de um tempo tem na memória e na própria História suportes básicos. Reconhecer o substrato de um tempo é encontrar valores, culturas, modos de vida, representações, enfim uma gama de elementos que, em sua pluralidade, constituem a vida das comunidades humanas (DELGADO, 2003, p. 13).

Vários foram os sentidos que foram atribuídos ao São João no segundo item do capítulo. Discutimos nesse sub-tópico os sentidos da festa para nossos entrevistados que antes mostraram que os sentidos estiveram ligados a idéia de confraternização e integração social e familiar e, hoje os sentidos para a festa junina em Senhor do Bonfim-BA se ligam ao econômico, político e disputas por marketing entre cidades, a exemplo de Senhor do Bonfim X Cruz das Almas, buscando seus deslocamentos e rupturas.

No último sub-tópico do referido capítulo, analisamos de modo histórico o significado simbólico do fogo, da espada e do faló. Tríade da representação da masculinidade do guerreiro.

No próximo capítulo, trataremos de analisar toda preparação para a Guerra de Espadas, desde a confecção do artefato, preparação das casas, ruas e dos guerreiros; além de analisar o ritual religioso de pedir proteção divina para que seja uma guerra de “paz”.

CAPÍTULO II

“O prazer do guerrilheiro é se queimar!” - Preparação para a Guerra de Espadas



Foto 5 - Armando a principal Fogueira de Ramos ao lado da Prefeitura. Fonte: Luiz Moreira, 2005

Assim como não há uma história imóvel, também não há uma festa imóvel. A festa na longa duração, assim como a podemos analisar através dos séculos, não é uma estrutura fixa, mas um continuum de mutações, de transições, de inclusões com uma das mãos e afastamento com a outra. . .

(Michel Vovelle)

2.1. Da confecção das espadas

A festa junina em Senhor do Bonfim-BA causa uma explosão de brilho, música, diversão, cultura e conhecimento, atraindo grande número de turistas, aumentando a economia do comércio, dos barraqueiros, fabricantes de fogos, hotéis, clubes, catadores de latas e daqueles que tiram o sisal das espadas já usadas para vender.

Esse artefato³⁶ (rojão) é amarrado por uma corda de sisal, cheio de pólvora, sendo aceso e utilizado como um mini-vulcão em erupção que é jogado contra os guerreiros adversários. Na fotografia abaixo, temos uma demonstração e exibição do que seja uma espada de fogo:



Foto 6 – Guerreiro na Rua Lélis Piedade, Centro, exibindo com prazer dúzias de espadas que serão acesas durante a Guerra de Espadas. Fonte: Fotógrafo: Raimilson Tavares, 2011.

Destaca-se na foto a expressão de prazer e orgulho do guerreiro ao exibir suas espadas de fogo que serão utilizadas na guerra. Podemos afirmar que esta possui psicanaliticamente a representação do *falo*, e é com tal espada que os lutadores urbanos saem pelas ruas da cidade que são demarcadas para haver a guerra, como uma espécie de cavaleiros medievais, com seus trajes típicos e esquisitos que misturam capacetes de motoqueiros com capacetes de operários da construção civil; luvas de operários da indústria metalúrgica com chapéus de palhas de lavradores; calças jeans com perneiras de caçadores;

³⁶ A espada é um artefato constituído por um pedaço de caniço de bambu e possui quatro tamanhos básicos atualmente utilizados na guerra de Senhor do Bonfim. **Corisco** - Dimensões aproximadas: 13 cm de comprimento (X) 2,5 cm de diâmetro; **Limaita** - Dimensões aproximadas: 24 cm de comprimento (X) 3,5 cm de diâmetro; **Limalha** - Dimensões aproximadas: 26 cm de comprimento (X) 04 cm de diâmetro; **Cruz das Almas** - Dimensões aproximadas: 29 cm de comprimento (X) 06 cm de diâmetro.

blusão jeans com botas de couro; dando a guerra uma indumentária própria e tipicamente masculina. Mesmo quando há participação de mulheres, estas estão sujeitas a abdicarem de sua feminilidade estética para se tornarem verdadeiros “homens” de batalha que irão se digladiar pelas ruas da cidade onde haja o confronto.

Nossa descrição e análise deste capítulo se aproxima da etnografia, pois como trabalhamos com memória e história oral optamos por fazer uso desse método que a nosso ver enriquece a narrativa histórica da Guerra de Espadas. Ao discutir a aproximação do historiador com a etnografia, Silveira afirma:

Neste sentido, o historiador etnográfico é aquele que usa os métodos de pesquisa, não para fazer uma História totalizante do real, tendo em vista sua impossibilidade, mas aquele que, através dos métodos, especialmente o da História Oral, constrói o conhecimento histórico na perspectiva da narrativa, permitindo, assim, uma descrição das representações dos sujeitos que viveram a história ou, de alguma forma, com ela tiveram contato (SILVEIRA, 2007, p. 6).

Desse modo, trabalharemos ao modo de Silveira como historiador etnográfico buscando através da oralidade as representações da masculinidade dos sujeitos que praticam a Guerra de Espadas em Senhor do Bonfim-BA.

A guerra que presenciamos atualmente é resultado mais direto de transformações ocorridas ao longo de mais ou menos um século, e caracteriza-se pela disputa galhofeira entre grupos visando o controle de determinado espaço, utilizando-se para tanto um artefato pirotécnico, a espada de fogo³⁷.

Assim, inseriu-se esse fogo de artifício como função de divertimento como fora apontado em alguns depoimentos e, inicialmente, sem correlação

³⁷ A espada de fogo ao que tudo indica, é de origem árabe do século XIV tendo função inicialmente bélico, posteriormente passando a de sinalização portuária e marítima na Europa. Rigorosamente falando, a estrutura de uma espada é de um foguete, ou seja, um artefato capaz de se mover através da propulsão por geração autônoma de energia, nesse caso, tendo como fonte energética a pólvora. Outra especificidade da espada é o fato dela ser feita para não subir, recebendo o nome de foguete de rabeio. Cf.: CARVALHO, Moacir. **Brincando com fogo: origem e transformações da Guerra de Espadas em Cruz das Almas**. V ENECULT, Faculdade de Comunicação/UFBA, Salvador, 2009. Disponível em: <http://www.cult.ufba.br/enecult2009/19327.pdf>. Acesso em 12 de maio de 2010.

com a idéia da batalha lúdica entre grupos. É um fogo de artifício dentre outros e, como fogo de artifício, já compunha em sua origem um quadro de um tipo de experiência excitante, fundamentalmente noturna e que exige do tocador algum tipo de competência corporal para se evitar queimaduras e para tornar a experiência esteticamente agradável de ver e exhibir.

Certamente, uma das formas mais eficazes de se proteger seja evitando o descontrole e mantendo-se a capacidade de antecipar minimamente o movimento do foguete. Pode-se dizer se tratar de um espetáculo pirotécnico e coletivo, composto por intensa interatividade em seu desenrolar, no qual efeitos audiovisuais, ainda que predominantemente visuais, impõem uma determinada fisionomia, uma específica coordenação e tensão entre os participantes, uma figuração estética.

Historicamente, as espadas são feitas de uma espécie de bambu chamado taboca (*Guadua weberbaueri*), utilizando-se cortes do seu tronco em sua estrutura externa, trata-se de um tipo de madeira de menor espessura e mais frágil que o bambu. Atualmente utilizado na fabricação da espada Cruz das Almas. Já a utilização de bambus com maior diâmetro, resistência e tamanho dos gomos, é herança da utilização dessas mesmas dimensões no antigo busca-pé, também um foguete de rabeio, mas que explode no final.

As etapas do fabrico das espadas é um processo cuidadoso que se inicia meses antes das comemorações juninas. O processo é demorado e totalmente artesanal. Ainda em maio, retira-se a taboca em noites de lua nova. Nesta fase lunar, a planta está seca, com baixo metabolismo e pouca seiva, o que afasta insetos. O processo de retirada ocorre na serra de Pindobaçú, Saúde e Caém³⁸. A taboca é cozida em querosene para apressar sua secagem. Depois de seca, ela é serrada.

Interessa-nos analisar os espaços da confecção das espadas e seus usos. Procuramos refletir sobre a preparação das casas, ruas e dos moradores, buscando entender os dispositivos da masculinidade. Analisaremos a indumentária da guerra, percebendo sua generalização para o masculino.

³⁸ Pindobaçú, Saúde e Caém são municípios que estão próximos ao município de Senhor do Bonfim-BA, e possuem uma vegetação com mata e serras.

Trabalharemos os rituais inseridos na preparação geral da Guerra de Espadas de Senhor do Bonfim, que tem como fio condutor em nossa pesquisa a representação da masculinidade.

Na tentativa de aportar o leitor, iremos fazer uso de algumas fotografias que mostrarão como se dá historicamente o fabrico artesanal das espadas em Senhor do Bonfim - BA.

A pólvora é feita usando, para cada 1,5kg de nitrato de potássio, 200g de enxofre e 300g de carvão vegetal, comprados em Senhor do Bonfim.³⁹



Foto 7 - Nitrato de potássio e enxofre. (Fonte: Rafael Melo)

Com um macete, socam-se os produtos misturado com água num pilão grande:



Foto 8 - Pilão usado na fabricação da pólvora (Fonte: Bárbara Santos)

³⁹ Sobre o processo de produção das espadas em Senhor do Bonfim Cf.: SANTOS, Bárbara Láira da Silva. **Guerra de Espadas em Senhor do Bonfim X Meio Ambiente**. Engenharia Ambiental. Campo Formoso: Faculdade Presbiteriana Augusto Galvão, 2010.

Depois de batida coloca-se a pólvora para secar, em seguida é peneirada até ficar em forma de pó:



Foto 9 - Peneirando a pólvora. (Fonte: Rafael Melo)

Uma massa chamada cerol é preparada para dar liga ao barbante, usado para segurar a taboca da espada. Sua composição-padrão é: para cada 1kg de breu, usa-se 500g de cera de abelha, 300g de parafina e 100ml de óleo de coco. Fervem-se todos os ingredientes até formar uma mistura homogênea. Depois, passa essa mistura para uma outra panela com água fria. A mistura toma cor amarelada e fica em forma de uma pasta.

À medida que a pasta é esticada, ela toma a coloração branca e está formado o cerol. O cerol é esfregado no barbante esticado:



Foto 10 - Taboca já passada o cerol. (Fonte: Bárbara Santos)

Os espadeiros utilizam máquinas adaptadas para enrolar a taboca no barbante. Mas há ainda os que fazem manualmente o trabalho, o que exige muita força. Tem que apertar bem para na hora de encher, ela não rachar e aguentar a pressão das pancadas:



Foto 11 - Carrinho usado para enrolar o barbante na taboca. (Fonte: Bárbara Santos)

Uma espada mede em torno de 30 cm, sendo dividida em quatro camadas. A primeira tampa é feita socando na espada o barro em pó, processo realizado com uma marreta pequena feita de madeira. Deve-se bater umas 60 vezes, até o barro ficar compacto. O próximo ato é colocar a pólvora. A cada duas colheres de sopa, soca-se 60 vezes. A esta pólvora, é adicionada a limalha de ferro. Para a segunda tampa, repete-se a colocação do barro e da pólvora e assim sucessivamente.

O furo do pavio é feito com um compasso usado para medir a maior e menor extremidades do cilindro, já que o bambu nunca forma um círculo perfeito. A média obtida é dividida por cinco (número-padrão). A espessura do ferro tem que ter a mesma espessura dos cálculos.

Resumidamente, a fabricação consistiria no seguinte: começa com a coleta do bambu ou taboca, do barro, a feitura da pólvora – o que é um perigo, misturada de salitre, predominante, enxofre e carvão -, o cozimento da taboca, o ato de encerar o barbante – que acontece no fundo das tendas, com rolos de barbante de sisal estendido entre as árvores – e enrola a taboca, pilar o barro, pilar a pólvora, abrir a boca da espada. Como se vê, requer um saber especialmente valorizado entre os espadeiros, pois disso depende a eficiência da mesma: uma boca grande e a espada fica “mijona”, não sai do chão; uma boca pequena demais e a espada pode estourar - e causar acidentes.

Os espadeiros de Senhor do Bonfim fabricam as espadas do tipo: Corisco, Limaita, Limalha e Cruz das Almas.⁴⁰ As espadas depois de prontas são armazenadas dentro de casa, todo cuidado é pouco ao armazenar e soltar espadas, devido ao risco que elas apresentam. É importante que os artefatos não fiquem em locais onde pode haver explosão.

O que percebemos nessa atividade de fabricação das espadas de fogo em Senhor do Bonfim é que ela é predominantemente masculina. Os filhos desses fabricantes do sexo masculino são iniciados desde cedo no ofício do fabricar espadas. Vão paulatinamente aprendendo passo a passo o processo de fabricação das espadas de fogo.

Essa atividade também é artesanal onde o fazer masculino é incorporado ao trabalho tido como braçal, de mãos calejadas como mostra a foto nº 7; braços fortes, ambiente insalubre e sem segurança como representa a foto nº 8 e 11, respectivamente. Contrariando as normas de segurança e reafirmando o lugar do “macho” como aquele que suporta o esforço físico e está preparando para o trabalho árduo. O masculino vai, através do costume, se incorporando ao fazer e dizer essa espada para a cultura social que será reinventada e ressignificada permanentemente dentro de um fluxo cultural histórico.

Desta forma, afirmamos que a representação da masculinidade na Guerra de Espadas em Senhor do Bonfim-BA, se dá pelo incentivo dos pais que desde cedo colocam seus filhos no aprendizado desse ofício, se dá pelo incentivo dos pais para que desde pequenos comecem soltando as pequeninas espadas chamadas de Corisco, se dá no processo de aprendizagem da criança-adolescente que tem o fator de identificação com o que culturalmente é aprendido como valente, destemido e corajoso o que é identificado e valorizado pelos pais, parentes e amigos.

⁴⁰Sobre fabricação dos tipos de espadas ver entrevista com o Sr. Reinaldo fabricante de espadas em Senhor do Bonfim-BA. (Entrevista realizada com Sr. Reinaldo Joaquim do Nascimento. Entrevistado pelo autor em 12 de julho de 2010).

2.2. Da preparação das casas, ruas e dos moradores

Ao analisarmos as próximas fotografias⁴¹ o faremos para que o leitor conheça como se protegem as residências, lojas, supermercados e bancos por todas as ruas por onde haja a Guerra de Espadas dentro da cidade de Senhor do Bonfim:

As fotos nº 12 e 13 a seguir representam casas comerciais de ruas do centro da cidade de Senhor do Bonfim. Como é mostrado na foto de nº13. São os homens que desempenham papel social de proteção ao colocarem papelões e estopas para protegerem de danos que possam vir a ser causados por espadas durante a guerra. Essas ruas se transformarão logo mais à noite, momento em que a guerra acontece, em territórios desejados por homens e mulheres, ricos e pobres, trabalhadores e vagabundos que praticam a Guerra de Espadas.



Foto 12 – Proteção de uma casa comercial de artigos de Candomblé da Rua Barão do Cotegepe, Centro de Senhor do Bonfim-BA. Fonte: Fotógrafo: Raimilson Tavares, 1999.

⁴¹ As fotografias inseridas ao longo do nosso trabalho tornam possível a representação do universo junino bonfinense em suas muitas dimensões em que se insere a Guerra de Espadas. Elas servirão para melhor discutir a temática e aportar o nosso leitor.



Foto 13 – Proteção de uma loja de colchões da Rua Mariano Ventura, Centro de Senhor do Bonfim-BA - Fonte: Fotógrafo: Raimilson Tavares, 1999.

A foto de nº 14 demonstra que até os bancos devem ser protegidos com madeirites para que não venham sofrer incêndios e estragos provocados pela guerra. Nesse momento, a cidade e seus prédios ganham novos contornos, predominando o feio como estética na preparação para a guerra.



Foto 14 – Proteção do Banco Caixa Econômica Federal da Rua Rui Barbosa, Centro de Senhor do Bonfim-BA. Fonte: Fotógrafo: Raimilson Tavares, 1999.

As fotos de nº 15 e 16 mostram a proteção de duas residências de ruas do centro da cidade. A foto nº 15 mostra uma casa cujos donos são de poder aquisitivo maior do que os donos da casa da foto nº 16, existindo em ambas a preocupação com a proteção contra a Guerra de Espadas.



Foto 15 - Proteção de uma residência da Rua Barão do Cotegipe do Centro de Senhor do Bonfim-BA - Fonte: Fotógrafo: Raimilson Tavares, 1999.



Foto 16 – Proteção de uma residência do Centro de Senhor do Bonfim-BA - Fonte: Fotógrafo: Raimilson Tavares, 1999.

Segundo nos ensina Filho (2002), a produção de imagens fotográficas de eventos oficiais como é o São João e a Guerra de Espadas de Senhor do Bonfim são profundamente interessadas, pois as fotos que constam no site da prefeitura sobre o São João são escolhidas dentro de um objetivo político e de marketing, assim:

As imagens produzidas especificamente para documentar essas transformações se prestaram ao atendimento de demandas de administrações públicas que, prontamente, delas fizeram uso político: para além do seu caráter informativo, testemunhas tidas e havidas como incontestáveis dos acontecimentos em curso, elas foram úteis para o que podemos chamar hoje de espetacularização midiática (FILHO, 2002, p. 48)

Analisando as fotos acima apresentadas, apenas a proteção da Caixa Econômica Federal (foto nº 14) é feita com folhas de madeirites, as

demais são feitas com papelões. Há também quem use para proteger sua residência palha de coqueiro ou de palmeira. O que se pode analisar é o fato de parecer uma favelização no centro da cidade, independente de ser papelões, palhas de coqueiros ou madeirites usados para proteger as casas e prédios comerciais.

Da casa mais simples socialmente a mais sofisticada e abastada como representadas nas fotos acima, respectivamente fotos de nº 16 e 15, é necessário haver tal proteção, gerando uma nova geografia nas ruas do centro da cidade de Senhor do Bonfim, onde desaparece momentaneamente a hierarquização das casas e ruas, havendo momentaneamente uma inversão dos valores sociais bonfinenses, pois o que é centro vira favela em seu aspecto estético, o que é da ordem da fineza se torna simples e popular como demonstrou as fotos acima por nós analisadas.

Assim, o espaço da cidade é preparado para o “macho”, forte e viril, desfilando com suas espadas em punho, exibindo-se para o público pelas ruas que se tornam geografias de desejos e disputas entre grupos de guerreiros. Concomitante às transformações da geografia estética do centro da cidade há também uma transformação na geografia territorial dos sentimentos dos cidadãos bonfinenses que paulatinamente se tomam de alegrias, expectativas, cuidados e emoções para a noite da guerra. Assim, como nos ensina Pesavento:

As sensibilidades são uma forma de apreensão e de conhecimento do mundo para além do conhecimento científico, que não brota do racional ou das construções mentais mais elaboradas. Na verdade, poderia-se dizer que a esfera das sensibilidades se situa em um espaço anterior à reflexão, na animalidade da experiência humana, brotada do corpo, como uma resposta ou reação em face da realidade. [...]

Mas, ao mesmo tempo, as sensibilidades correspondem também às manifestações do pensamento ou do espírito, pela qual aquela relação originária é organizada, interpretada e traduzida em termos mais estáveis e contínuos (PESAVENTO, 2007, p. 10).

São essas sensações e emoções que os cidadãos e de modo específico os guerrilheiros das espadas sentem ao estarem na véspera de São João se preparando para a grande noite da Guerra de Espadas.

Outra questão levantada por nós é com referência a divisão social do trabalho de preparação para a guerra no qual o trabalho é predominantemente masculino, ou seja, é função do homem fazer a proteção das casas, das lojas, dos bancos e de qualquer outro imóvel que esteja localizado na geografia da Guerra de Espadas.

O poder público também é responsável pela preparação das ruas para a noite da guerra quando este demarca e ordena o desligamento das luzes onde vai haver a guerra, oferecendo dessa forma um maior brilho e visibilidade para as espadas reluzirem no escuro da noite fria de São João. O Corpo de Bombeiro⁴² que foi instalado em 2008 na cidade também é chamado para ficar de alerta no caso de um eventual acidente provocado por incêndio das espadas. Conforme a fala do Sr. Luiz Moreira pode se perceber essa ação do poder público na guerra:

[...] a noite, começa assim, começa os vizinhos, têm as ruas [sic], já desligam a, o poder público já desliga as luzes que sabe onde tem as ruas de fogo com maior intensidade, eles desligam as luzes não é? Aqui tem [sic] antigamente era a Rua Rui Barbosa, a Rua da Lagoa, a Rua Mariano Ventura, é o Campo do Gado onde eu moro. Também foi ponto bom de espada e a gente vai olhando assim tem mais ruas aqui em Bonfim que sempre tem aquele, aquela casa de algumas pessoas, vamos dizer assim, ilustre, pessoas que gostam da festa, que investe e chegam ali aquele pessoal pra, aquele grupo de pessoas pra, é convidado ali pra tomar o licor ou cantar uma roda, cantar uma e de repente aquele grupos com moças, rapazes aí se encontram com outro grupo e começa aquela Guerra de Espada (Entrevista realizada com Luiz de Souza Moreira. Entrevistado pelo autor em 12 de julho de 2010).

Percebemos que o poder público participa da guerra no tocante a delimitação das ruas, do apagar das luzes, mas também na confecção da principal Fogueira de Ramos instalada nas proximidades da prefeitura (ver foto nº 4 no início desse Segundo Capítulo) e na compra de centenas de dúzia de espadas para abrilhantar a guerra.

⁴² 2º Subgrupamento do 9º Grupamento de Bombeiro Militar – Rodovia Lomanto Júnior, BR 407, Km 02, Senhor do Bonfim-BA. Cf.: <http://www.pm.ba.gov.br/cidadesebairros.htm>. Acesso em 14 de abril de 2011.

Os homens se apropriam do espaço em que é armada a principal Fogueira de Ramos, atualmente ao lado da Prefeitura, para reafirmarem o lugar do masculino nessa prática cultural. Existem outras Fogueiras de Ramos espalhadas pelas principais ruas da guerra que são de responsabilidade dos moradores em armá-las e ornamentá-las, com foi demonstrado na foto de nº 2. A Fogueira de Ramos da Prefeitura⁴³ acesa marca o início oficial da Guerra de Espadas em Senhor do Bonfim-BA. Quando a fogueira cai, os guerreiros que estão em sua volta “brincando” de ataque e defesa saem se digladiando pelas ruas da cidade demarcadas para esse fim.

As casas dos moradores de Senhor do Bonfim que gostam de celebrar e fazer festas com bebidas, comidas típicas, carne de bode, carne do sol assadas na fogueira, são um convite para o festeiro, folião que passa pelas ruas em pequenos grupos com suas espadas e alegria. Esses são muitas vezes convidados a entrarem nessas residências, embora tenha diminuído essa prática como foi dito anteriormente em depoimentos, para degustar o sabor dos quitutes juninos e das bebidas, como nos mostra o Sr. Sérgio Paulo Martins de Souza em sua narrativa:

A questão da festa também tem uma coisa bonita. Toda casa, você é bem recebido. Como você vai sempre em grupo, certo, não é uma casa só, são várias outras casas. Como eu tava falando, você é bem recebido em qualquer residência que você [...] Você vai normalmente com um grupo: três, quatro, cinco. Vai com sua sacolinha de espada, mesmo sujo e queimado do jeito que já tá, você entra, é bem recebido, portas abertas, tem lá mesa farta: bolo de aipim, é, milho assado, milho cozido, licorzinho e outras comidas mais, típicas da região. Você chega, normalmente vai cantando: Ô dona de casa por Nossa Senhora, da me o que bebê se não eu vou embora. E aí repete a música e o pessoal entra no clima também. Você é bem recebido: come, bebe, depois, para o ano eu to aqui de novo! Vai embora. A casa seguinte que também, da mesma forma é bem recebido. E assim você vai, leva a festa, brinca direitinho. Nunca ocorreu de você chegar e alguém fecha a porta na sua cara. É bem recebido em qualquer residência, mesmo sem conhecer, não importa conhecer, pode ser o grupo de onde for, você chega: a porta aberta, tá lá o mesão farto e abraça todo mundo, todo mundo lhe recebe bem. O turista é bem recebido, tranquilo, tranquilo [...] (Entrevista realizada com o Sr. Sérgio Paulo Martins de Souza. Entrevistado pelo autor em 06 de janeiro de 2003).

⁴³ A Fogueira de Ramos da Prefeitura é chamada na narrativa de alguns depoentes como Fogueira do Prefeito.

O Sr. Sérgio nos narra um pouco de sua experiência de guerreiro contando como é que acontece no dia da guerra. O costume de sair de casa em casa é um fato importante no São João de Senhor do Bonfim. Por ser uma cidade com menos de oitenta mil habitantes nos dias atuais, esse costume ainda é mantido pela população que afirma que este é um diferencial do São João de Bonfim.

É o homem guerreiro, forte, vencedor, recebido com músicas e comida. É o masculino dizendo pra si e para a sociedade que o homem é capaz de enfrentar as intempéries da vida e vencer a guerra, mesmo que seja das espadas de São João. O Sr. Sérgio sente prazer em narrar os acontecimentos por compartilhar com os guerreiros da reafirmação da masculinidade que é uma conquista coletiva.

As pessoas mais idosas a exemplo do Sr. Manoel Batista fala que “**a história de Bonfim, junina, já se perdeu!**”. Pois em seus sentimentos e subjetividades no teatro da história de Senhor do Bonfim já não se vêem como atores principais dessa grande festa junina. Afirmam que já não existem as casas abertas, pois a cidade cresceu, o número de turistas aumentou e a festa se tornou festa de largo, de multidão.

Essas mudanças são importantes para percebermos os vários sentidos atribuídos ao São João. Cada geração, cada grupo social, cada família, cada pessoa vai dando o sentido ao que lhe é apreendido em sua formação cultural, social e histórica.

A cidade de Senhor do Bonfim no final da década de 1920, que é a época da infância do Sr. Manoel Batista, era uma cidade pequena, sem energia elétrica, sem calçamento, sem a proporção econômica e social de hoje, da época do Sr. Sérgio Paulo que viveu sua infância na década de 1970. A diferença temporal é significativa e as experiências são diferentes.

Na época do Sr. Manoel Batista existiam as famílias “ilustres” bonfinenses que em tempo de São João, abriam suas portas para a pequena população participar dos festejos em suas residências ao redor das mesas

fartas de comidas e bebidas junto às “grandes” famílias, mas só momentaneamente.

Essa era uma forma da elite bonfinense se socializar com as pessoas mais simples de baixo poder aquisitivo da cidade, influenciados pelo discurso da Igreja Católica que valoriza o personagem São João como um escolhido de Deus e que tem grandes atributos éticos e morais a nos ensinar, como a fé, simplicidade e partilha.

O momento da narrativa do Sr. Manoel Batista era outro. Também os papéis do masculino e feminino estavam claros, demarcados no tempo de sua infância e juventude. Estamos num momento em que as fronteiras foram “rasuradas” se é que existem fronteiras. O feminino assumiu lugares no cotidiano, no trabalho, na família que antes eram lugares apenas do masculino. E esse homem de identidade rasurada precisa dizer qual o seu lugar na sociedade. A Guerra das Espadas pode ser um momento de reafirmação desse passado.

Destarte, as famílias da elite bonfinense estabeleceram o costume de abrir suas portas na véspera do dia de São João para receber amigos e desconhecidos da cidade que em outros momentos do tipo aniversário, casamento, batizado, dificilmente seriam convidados a estarem em suas casas e ao redor de suas mesas. O costume de andar de casa em casa ainda existe, mas devido às mudanças sócio-econômica da sociedade elas tendem a diminuir. Nesse sentido, vejamos o que nos diz o Sr. Reinaldo que é fabricante de espadas:

Era de casa em casa, passava de casa em casa soltando espada, tomando licor, todas as casas aceitava. Hoje em dia conforme esse negócio de droga o pessoal já fecha as porta com medo. Hoje em dia eu já vi acontecer de gente entrar numa casa, carregar copo, colher, aí o povo fica assim, com medo. E de antigamente era de casa em casa, você saía daqui pra uma casa no Pernambuquinho do Colé, pra uma casa ali na [...] Xavier, na pracinha do Xavier, entrava na casa de outro colega. Toda casa que você entrava era bem atendido, le davam licor, le davam tudo. Você já saía pro meio da rua pra queimar espada, muitas vezes com um pezim de bode, um tocando, outro batendo triângulo e as espadas comendo no centro. Hoje em dia você não vê quase isso mais, acabou! O pessoal começou a se viciar em muito em droga, aí ficou

perdendo, o pessoal mais rico era quem dava mais atenção aos guerrilheiros soltando as espadas, tudo. Hoje em dia o pessoal no, não dá mais atenção a eles, dão atenção, eles chegam drogado e carrega as coisas, aí ficou mais, um negócio mais, prevativado. O pessoal rico só vai com o rico e os mais pobres que eram bem servido, hoje não tem mais aquele, só quando é conhecido que chama. Mesmo assim você vai, vai um bucado le acompanhando, você não conhece todos, todo mundo ali com capacete, com tudo, não dá pra ver, aí carrega as coisas dos outros (Entrevista realizada com o Sr. Reinaldo Joaquim do Nascimento. Entrevistado pelo autor em 12 de julho de 2010).

Portanto, segundo o Sr. Reinaldo, devido ao uso de drogas e intenções más de algumas pessoas que acompanham os grupos de guerreiros, as pessoas mais abastadas que abriam suas casas para os grupos de guerreiros que passavam soltando espadas na véspera de São João, não permitem mais como no passado que essas pessoas adentrem suas casas por medo de serem roubadas, furtadas e arrisquem suas próprias vidas.

Essas são algumas das mudanças ocorridas no costume de sair de casa em casa na noite das espadas em Senhor do Bonfim. O compositor Luiz Moreira fala desse costume de sair de casa em casa em uma de suas músicas, esta gravada pelo Trio Nordestino intitulado **Busca de Amor**. Vejamos um trecho da letra:

Busca de Amor

Letra: Luiz Moreira, s/d.

Interpretação: Trio Nordestino

*Vou sair a procurar, neste São João
Um alguém para ser o meu grande amor
Uma morena pra sair comigo e brincar comigo
seja aonde for*

*De casa em casa eu vou
Em busca deste amor
Porque não posso mais ficar como eu estou*

Dessa forma, o compositor, poeta, guardou suas lembranças na letra da música o costume de sair de casa em casa e o espadeiro reviveu suas lembranças de um São João que fica na saudade de ambos, a lembrança de sair de casa em casa durante a Guerra de Espadas, mas que será rememorado sempre que necessário com/por seus descendentes e amigos.

A cada ano que passa, as mulheres vão tornando-se mais adeptas de participarem da guerra de espadas, mostrando, também, sua coragem de enfrentarem a batalha pelas ruas da cidade. As mulheres se percebem e se representam nessa guerra, a nosso ver, como mulheres valentes, corajosas, destemidas, que também estão ao lado dos homens fazendo a guerra acontecer. Elas incorporam o discurso do masculino e pegam e gostam da espada.

Em Senhor do Bonfim-BA, é perceptível uma grande parcela de homo afetivos dos sexos masculino e feminino dentro da sociedade e muitos vivendo de forma escamoteada, enrustida, por medo de se expor socialmente para a família e a sociedade que preconceituosamente os vêem em sua orientação sexual como tabu. Talvez seja a Guerra de Espadas um momento para esse grupo social homo afetivo masculino mostrar para a sociedade sua sexualidade de forma representada na masculinidade de cabra macho, viril, que é destemido e valente em “pegar” (balançar) a sua “espada” (falo) para toda sociedade ver e reconhecê-los como “homens” machos de coragem e de força. Enquanto homo afetivo feminino, o interesse seria talvez de escamotear que elas são “espadas”, machos (mulher-homo) como se supunha, e mostrar a pseudo imagem de que “gostam de espadas” (mulher-hétero) por estarem com elas em punho. Portanto, algumas “são espada” e outras “gostam de espada” ou do que essas espadas possam fazer com elas.

Geralmente as mulheres que não participam da guerra preparam licores, canjicas, bolos de aipim, de milho, de fubá e outras guloseimas típicas dos festejos juninos para seus familiares, amigos, participantes da Guerra de Espadas e visitantes; devido à tradição de se parar em determinadas casas para tal degustação como declama o poeta Osvaldo Aragão: “Oh, inesquecíveis São Joões: / bloco caipiras nas ruas, / visita de casa em casa, / fogos clareando as emoções tuas!” (ARAGÃO, s/d, p. 101). Há também aquelas mulheres que além de fabricar esses quitutes juninos também participam da guerra, já que estão empolgadas pelo clima festivo.

A Guerra de Espadas que está inserida na festa de São João tem o papel de confraternizar as famílias e os amigos, tornando-se encontros

inesquecíveis como declama o poeta: “Havia rodas juninas da Maria Pinto / e da Sinhá Cantadeira. / O pernambuquinho tinha a melhor roda. / Das espadas, Luizinha foi a grande guerreira.” (ARAGÃO, Op. Cit, p. 103).

A festa junina de Senhor do Bonfim e a Guerra de Espadas deixaram marcas na memória dos antigos moradores desta cidade que se revive na recitação dos seguintes versos:

“Hoje tem forró, fogueira / Tem guerra de espada / Tem homenagem a São João / Bate forte saudade firme / Sem eira nem beira, agora, / No meu coração.” (ALMEIDA, 2001, p. 191).

Assim, acontece a preparação das casas, ruas e de seus moradores para a Guerra de Espadas em Senhor do Bonfim-BA, com forró, preparação de fogueiras, casas e comidas típicas para homenagear o guerreiro macho e destemido, valente e corajoso que na noite da guerra tornar-se-á a grande estrela.

2.3. Da indumentária do guerreiro

"Eu conheço Allon através do cheiro de sua jaqueta".

(Peter Stallybrass)

Hoje só tá faltando levar é o escudo viu, como armadura que; é porque capacete já usam. Já usam luva há muito tempo né? Porque algumas delas estouram na mão, tando de luva não tem risco nenhum. Usam o capacete com a viseira né? Usam blusão de couro; o jeans para proteger mais; botas é alguns usam como único, única veste no tórax, algo assim. Outros não, uma camisa comum com capote de couro ou de um material resistente. É eles também usam máscara por causa da fumaça né? Porque alguns gosta da guerra, mas tem problema com respiratório e [risos] usam máscara. Então ficam parecendo uns seres de outro planeta lá no meio do fogo com essa indumentária (Entrevista realizada com Luiz de Souza Moreira. Entrevistado pelo autor em 12 de julho de 2010).

A fala do Sr. Luiz Moreira descrita acima, nos diz e mostra como é a indumentária do guerreiro que se protege do fogo das espadas durante a guerra. É muito interessante, à primeira vista, para aqueles que nunca viram o

tipo de roupas utilizadas por eles, chaga a ser hilário. O cheiro de pólvora e fumaça que fica na roupa e no corpo é forte e portanto se reconhece o guerreiro de espadas depois da guerra pelo seu cheiro impregnado de pólvora e fumaça.

Mesmo quando há participação de mulheres, estas estão sujeitas a abdicarem de sua feminilidade estética para se tornarem “homens” de batalha que irão se digladiar pelas ruas da cidade onde haja o confronto. Observemos o tipo de roupas que as mulheres estão vestidas nesta foto:



Foto 17 – Guerreiro fazendo exibição com duas espadas e ao lado três mulheres pousando para fotografia. Fonte: Luiz de Souza Moreira, 2010.

A foto acima demonstra o tipo de roupas que são utilizadas pelas mulheres e pelos homens que soltam espadas durante a guerra, conforme já descrito minuciosamente acima dentro do texto. Percebemos que são roupas tipicamente masculinas usadas pelos gêneros participantes da guerra.

Em conversa com o Sr. Luiz Alberto Pereira de Lima, participante da guerra, este nos diz como é a roupa do guerreiro:

As pessoas são vestidas com roupas grossas, colete de jeans e, e couro; outros guerrilheiros preferem se molhar, ficar com a roupa molhada para não [sic] as faíscas de fogos, não chegar a incendiar. [...] É com a gente já falou, a gente pega as roupas mais velhas, duas, três roupas jeans e joga por cima. Capacete, proteção né? Óculos também protegendo porque a espada, a pessoa vendo o vídeo é uma coisa muito bonita, mas super perigosa (Fala do Sr. Luiz Alberto Pereira de Lima. Entrevistado pelo autor em 11 de julho de 2010).

O depoente nos alerta para a proteção do perigo que é a Guerra de Espadas. É preciso se proteger com roupas, capacete, óculos para que não ocorram possíveis acidentes com os seus participantes. O ato de molhar a

roupa é mais uma precaução contra as faíscas de fogo para que estas não incendeiem suas vestes. Enfatiza a beleza e alerta do perigo que dela emana, pois é uma guerra.

Observamos que a terminologia utilizada pelo depoente como “roupas grossas”, “couro”, “jeans”, “capacete”, são palavras que fazem parte de uma gramática da figura masculina do guerreiro, onde os participantes se preparam para exhibir-se, mostrar-se guerreiro, forte, másculo, numa contínua necessidade de afirmar o poder masculino.

Entrevistando a guerreira, Sra. Marilda Lourenço esta conta-nos como é que as mulheres se vestem para a guerra e revela o mesmo tipo de roupa descrito à cima e precaução em molhá-la par evitar que pegue fogo. Assim afirma:

Geralmente a gente usa capacete né? Usa luvas, as roupas geralmente são molhadas para evitar, é pra, dificultar que o fogo pegue né? (Marilda Lourenço da Silva. Entrevistada pelo autor em 27 de julho de 2010).

A guerreira Sra. Patrícia Silva comentando sobre o tipo de roupas utilizadas para guerra diz que usa: “Calça jeans, jaqueta, capacete, luva, a máscara era pra proteger da fumaça” (Depoimento de Patrícia Silva. Entrevistada pelo autor em 11 de fevereiro de 2003).

A Sra. Patrícia Silva acrescenta a questão da máscara como um elemento importante na constituição da indumentária do guerreiro de ambos os gêneros para se proteger da fumaça que é terrível na noite da Guerra de Espadas. Algumas pessoas confidenciaram que ficaram com mancha no pulmão por causa da fumaça inalada na guerra durante anos.

As roupas que vestimos é um texto que nos descreve e nos classifica enquanto sujeitos sociais. Destarte, a roupa que se usa para a guerra de espadas descreve os seus participantes como guerreiros que serão vistos e valorizados como tal, pela sociedade bonfinense. As roupas utilizadas pelos guerreiros podem ser vistas enquanto memória e identidade. Ela é memória quando é lembrada através de fotos, depoimentos, relatos e quando fica jogada no “fundo do quintal” a espera que venha ser utilizada novamente no ano

seguinte. Ela é identidade quando diz sobre a bravura do guerreiro, das queimaduras que ficaram gravadas como tatuagem em suas vestes, chamuscada pelas fagulhas das espadas.

Portanto, as roupas são dotadas de uma vida social que possui uma memória, uma história, uma alegria, uma dor como nos ensina Stallybrass em sua obra:

Foi assim que comecei a pensar sobre roupas. Eu lia sobre roupas e falava aos amigos sobre roupas. Comecei a acreditar que a mágica da roupa está no fato de que ela nos recebe: recebe nosso cheiro, nosso suor; recebe até mesmo nossa forma. E quando nossos pais, os nossos amigos e os nossos amantes morrem, as roupas ainda ficam lá, penduradas em seus armários, sustentando seus gestos ao mesmo tempo confortadores e aterradores, tocando os vivos com os mortos. (STALLYBRASS, 2008, p. 10).

A indumentária do guerreiro de espadas também pode ser vista como uma marca registrada da guerra. O odor da roupa impregnada de pólvora é muito forte. De longe se sente o cheiro de quem esteve na guerra. Ela passa a fazer parte da identidade que fora criada durante a guerra. A roupa já pré-anuncia a masculinidade do indivíduo que se portou como guerreiro, valente, destemido, corajoso. As marcas de fogo que ali estão impregnadas tornam-se símbolos de reconhecimento de sua virilidade e valentia por ter estado na guerra. Essa identidade cultural é construída socialmente e segundo Hall:

Elas têm haver, entretanto, com a questão da utilização dos recursos da história, da linguagem e da cultura para a produção não daquilo que nós somos, mas daquilo no qual nos tornamos. Tem haver não tanto com as questões “quem nós somos” ou “de onde nós viemos”, mas muito mais com as questões “quem nós podemos nos tornar”, “como nós temos sido representados” e “como essa representação afeta a forma como nós podemos representar a nós próprios”. Elas têm tanto haver com a invenção da tradição quanto com a própria tradição, a qual elas nos obrigam a ler não como uma incessante reiteração mas como “o mesmo que se transforma” (HALL, 2000, p. 109).

Desta forma, Hall nos ensina que as identidades são formas de representação de nós próprios para a sociedade. Assim, o guerreiro de espadas assume a representação de cabra macho, valente, destemido só por

estar usando ou trajando a indumentária da guerra; tornando-se um efeito da representação de sua masculinidade dentro da sociedade bonfinense.

A construção cultural da masculinidade fica, sobretudo, consubstanciada nas práticas familiares, nas ações coletivas, nos laços de amizade e sociabilidade que vão se formando, portanto também, através da indumentária do guerreiro.

2.4. Do ritual religioso na guerra “santa” – O sagrado e o profano

*“De todos os santos, encantos e axé
sagrado e profano, o baiano é carnaval.”*

(**Chame Gente** - Composição: Armandinho Macêdo e Moraes Moreira, s/d.)

Pessoas que vêm chegando, pessoas que já estão reunidas, conversam, bebem, comem, dão risadas, planejam. Aos poucos elas vão se juntando numa sala da residência, diante de um oratório, cheio de imagens de santos, dentre eles a imagem de São Jorge, o santo guerreiro, onde se preparam para receber as bênçãos, invocar a Deus pra pedir sua benção e proteção. Rezam uma Ave Maria e um Pai Nosso nessa intenção, de pedir a Deus e a Maria, que os protejam livrando-os de qualquer acidente que possa vir acontecer com o uso das espadas de fogo. Eis que vos apresento o grupo dos **Ignorantes**⁴⁴ da Guerra de Espadas de Senhor do Bonfim.

Esse grupo é um dos mais respeitados em termos de Guerra de Espadas. Segundo o Sr. Maikon Ronan, um dos integrantes, ele nos relatou com orgulho que no ano de 2002, esse grupo saiu para a guerra com uma média de 66 guerrilheiros.

⁴⁴ Segundo o dicionário da língua portuguesa CEGALLA, o verbete ignorante significa: pessoa sem instrução ou inculta; que não tem instrução; inculto; sem inteligência; imbecil; que ignora; que desconhece. Dessa forma, pensamos que a palavra ignorante tenha a ver com o fato de que o grupo ignore os perigos da guerra. Também ignorante no sentido popular como pessoa bruta.

Existem, também, pequenos grupos formados por quatro, cinco pessoas. Portanto, o grupo dos Ignorantes se apresenta como o maior grupo de guerreiros em número de pessoas. Vejamos uma passagem do depoimento do Sr. Maikon Ronan, que é um dos integrantes do grupo dos Ignorantes:

É, eu acho que por sermos baianos. Assim, baiano é umas pessoa assim, que é muito religiosa né? Não querendo desfazer de outros Estados, mas o baiano ele gosta duma proteção. Ele pede, ele reza por si, reza pelos outros, principalmente na Guerra de Espadas que é assim, uma coisa bem arriscada mesmo, tá entendendo? Tem pessoas que às vezes, como eu falei, às vezes vai pra uma Guerra de Espada e esquece de si e esquece do colega lá do lado, do colega que tá do lado e tudo, mas são coisas da vida, acontece. Acidentes também acontece, só basta a gente se prevenir mais um pouco e ter um pouco mais de cuidado! (Fala do Sr. Maikon Ronan Nascimento Oliveira. Entrevistado pelo autor em 10 de fevereiro de 2003).

No depoimento do Sr. Maikon, percebemos em seu relato um tipo de religiosidade que os baianos bonfinenses que participam da Guerra de Espadas possuem, de uma maneira geral, de pedir proteção do céu para brincarem e guerrearem pelas ruas de Senhor do Bonfim no dia da Guerra de Espadas. Nas entrevistas fica evidente que os depoentes, muitos pedem a proteção divina antes de irem à guerra. As espadas de fogo se tornam, momentaneamente, as espadas da Fé. É preciso pedir proteção para tão arriscada aventura: participar de uma guerra, de brincadeiras, de alegrias, de um show de luzes, de um “Show de Espadas”.

O discurso do Sr. Maikon está impregnado de uma ética invisível que existiria entre os participantes da guerra que seria a ética do cuidado com o outro. Como se numa guerra houvesse esse tipo de código de honra entre seus lutadores. Esse código nem sempre é respeitado por todos os participantes da guerra, pois como ele mesmo afirma em seu depoimento acima “esquece de si e esquece do colega lá do lado”, ou seja, esse código não é respeitado!

Dessa forma, a Guerra de Espadas possui duas características marcantes: é um ritual⁴⁵ cultural e religioso. O ritual cultural diz respeito ao que

⁴⁵ BURQUE, Peter. **Cultura Popular na Idade Moderna**. São Paulo: Companhia das Letras, 1989. p.204. Afirma que “ritual” é um termo de difícil definição; uma vez que, pode ser o uso da

já foi supramencionado, ou seja, à indumentária específica para a guerra, ferimentos pelo corpo, proteção das casas com artefatos diversos, o apagar das luzes de algumas ruas, preparação de comidas e o confraternizar-se de casa em casa, ou seja, tudo que se enquadraria no aspecto profano da festa. Na foto de nº 18, Dori, coordenador do grupo dos *Ignorantes*, dá instruções de como deve ser a conduta do guerreiro, não permitindo que ninguém solte espada na boca ou use-a como cartucheira para evitar maiores danos:



Foto 18 - Dori - Coordenador do grupo dos Ignorantes, sendo entrevistado no dia da Guerra de Espadas. Fonte: Fotógrafo: Raimilson Tavares, 2010.

O ritual religioso fica a cargo do coordenador do grupo dos Ignorantes, que reúne todos os membros para pedir proteção divina para que a guerra termine em paz. Nesta intenção, rezam um Pai Nosso e Ave Maria, antes de saírem para a batalha, ou seja, é o aspecto sagrado da guerra. Mesmo pessoas que saem individualmente, pedem proteção de seus pais, dos mais velhos, e a Deus, para que tudo ocorra bem. Pedindo ao Senhor do Bonfim, santo padroeiro da cidade, que dê um bom fim à guerra - “santa”.

O fato de participar do grupo dos Ignorantes contribui para reafirmação da masculinidade dos integrantes na medida em que esse grupo é o que mais se destaca na Guerra de Espadas dentro da cidade de Senhor do Bonfim devido a possuir o maior número de participante e ter adquirido ao longo de sua existência respeito social dos bonfinenses praticantes da guerra.

ação para expressar significados, em oposição às ações mais utilitárias e também à expressão de significados através de palavras ou imagens.



Foto 19 - Dori - Coordenador do grupo dos Ignorantes, rezando para pedir proteção durante a Guerra de Espadas. Fonte: Fotógrafo: Raimilson Tavares, 2010.

Analisando ainda sobre o ritual religioso da Guerra de Espadas percebemos que em Senhor do Bonfim existe grande número de adeptos do Candomblé. Sendo assim, podemos imaginar que quando alguns guerreiros adeptos do candomblé estão reunidos rezando Pai Nosso e Ave Maria, pedindo sua proteção divina para que a Guerra de Espadas seja tranquila, sem maiores danos, estes podem estar pedindo de forma sincrética sua proteção, ou seja, rezando para os santos e divindades do catolicismo e sincretizando-os com os orixás do candomblé, estando momentaneamente entre a cruz e a espada, entre São Jorge e Ogum. Para os adeptos do Candomblé São Jorge (Ogum), o santo guerreiro seria o arquétipo do guerreiro das espadas, aquele que precisa vencer a guerra e sair ileso com o corpo fechado, sem ferimentos.

As práticas culturais a exemplo da Guerra de Espadas estão permeadas por uma carga de simbolismos e sensibilidades. Essas práticas não podem ser percebidas como ingênuas, desprovidas de significados. Portanto, sabemos que o importante não é buscar esses limites e fronteiras entre o sagrado e o profano, mas entender como a Guerra de Espadas se estrutura e congrega em uma mesma prática a fé e a diversão.

Assim, reconhecendo a importância da Guerra de Espadas quanto aos seus mais variados aspectos como: lúdico, turístico, político, religioso e cultural⁴⁶, foi que tentamos analisar como a masculinidade está sendo pensada

⁴⁶ Trabalharemos nesse momento com a definição de cultura como “um sistema de significados, atitudes e valores partilhados e as formas simbólicas (apresentações, objetos artesanais) em que eles são expressos ou encarnados”. A .L. Kroeber e C. Kluckhohn. Culture: A Critical Review of Concepts and Definition (1952), nova ed., Nova York, 1963. In: BURQUE, Op. cit., p. 25.

e vivenciada pelo conjunto das pessoas frequentadoras da Guerra de Espadas em Senhor do Bonfim.

O referido capítulo analisou como se dá a preparação para a Guerra de Espadas em Senhor do Bonfim. Analisamos desde a confecção das espadas, seus usos, como também a preparação das casas, ruas e dos moradores. Analisamos também a indumentária do guerreiro e o ritual cultural e religioso. Todos esses elementos estando inseridos na preparação geral da Guerra de Espadas de Senhor do Bonfim, que tem como fio condutor a representação da masculinidade.

CAPÍTULO III

**“A gente quer ser aquele macho que chame atenção à fêmea” -
A representação da masculinidade do guerreiro**



Foto 20 – Guerreiros fazendo exibição de força e coragem com espadas (falo) em punho (riste). Fonte: Luiz de Souza Moreira, 2010.

A passagem de uma sociabilidade tradicional, dita patriarcal, centrada no parentesco, na família, onde as identidades de gênero era assunto de família, imposição de papéis previamente elaborados, começa a ser substituída por uma sociabilidade centrada no indivíduo, onde a identidade de gênero é cada vez mais uma decisão pessoal, embora agora limitada por códigos sociais cada vez mais rígidos.
(ALBUQUERQUE JR., 2003, p. 250)

3.1. A Guerra de Espadas e a representação da masculinidade para seus lutadores

Os homens se amostram mais [risos], os homens é mais amostrado, a mulher é mais preservada, fica mais tranqüila. [...] É isso né? Porque o home que se amostrar mais que é homão, não tem medo de acidente. Vai que nem eu ia com minha esposa, ela ia protegida e eu ia de short sem camisa, de pé no chão tinha vez, quando dava pra calçar o tênis, calçava, quando não dava pisava em brasa, todo jeito! Ela já não, já ia calçada, com calça jeans, blusa jeans, capacete. No final da história eu me acidentava e ela não; quer ser machão, valente na guerra aí não é assim [...] que é masculino, fortão (Entrevista realizada com o Sr. Reinaldo Joaquim do Nascimento. Entrevistado pelo autor em 12 de julho de 2010).

No depoimento do Sr. Reinaldo, nós percebemos o discurso da masculinidade do guerreiro de espadas em se representar como masculino, forte, valente, viril, destemido para si e para a sociedade da qual faz parte. A imprudência está descrita nos atos cometidos por Sr. Reinaldo de não vestir uma roupa adequada que o protegesse das faíscas de fogo dispersadas pelas espadas durante a guerra. Ele próprio afirma que o homem é mais “amostrado” do que a mulher.

A mulher nesse caso ficava mais cautelosa em relação aos cuidados que se deva ter para se proteger das possíveis queimaduras com a Guerra de Espadas. Existe nesse fragmento da fala do Sr. Reinaldo a concepção dominante sobre o corpo masculino de que o corpo dele e dos homens de um modo geral são menos vulneráveis à queimaduras do que o corpo feminino; como se os homens tivessem o “corpo fechado.” Existe nessa fala a idéia de que a mulher só pode sair se tiver “protegida” pelo seu companheiro, pois assim este o defenderia de qualquer perigo.

Está lançada a idéia de que o homem guerreiro de espadas deveria atualizar sua qualidade na figura do vaqueiro derrubador de boi, forte, destemido, que entra pela caatinga em busca de sua rês e não se amedronta com a adversidade que aquele ambiente hostil possa oferecer. O guerreiro de espadas não deveria, segundo o discurso de Sr. Reinaldo, fugir do estereótipo do homem nordestino valente, cabra da peste que não tem medo de nada. Segundo Albuquerque Jr., o nordestino deveria atualizar suas qualidades: “entre elas a de ser “macho”, forte, destemido, ativo, brigão, orgulhoso, capaz

de defender seus interesses e de seu povo, dentro e fora da região.” (ALBUQUEQUE Jr., 2003, p. 250).

Várias vítimas de queimadura de espada foram atendidas no Hospital Dom Antônio Monteiro, conhecido como Hospital Regional de Senhor do Bonfim. Como exemplo podemos destacar o ano de 2009 que teve como registro oficial⁴⁷ de queimados por espadas na noite da guerra, que é o dia 23 de junho, 46 casos. O ano de 2010 teve um total de 61 casos.

Se compararmos os dados acima o número de vítimas de queimaduras na noite da Guerra de Espadas atendidas no Hospital Dom Antônio Monteiro aumentou no geral em 15 pessoas queimadas. O número de pessoas adultas do gênero masculino que foram queimadas na guerra no ano de 2009 foi num total de trinta pessoas; enquanto que pessoas do gênero feminino foram apenas sete. Ou seja, o número de pessoas do gênero masculino é bem maior do que o número de pessoas do gênero feminino. Mesmo quando crianças, o número de queimados é maior quando do gênero masculino que totalizou em sete crianças, contra duas crianças do gênero feminino.

No ano de 2010, o número de pessoas adultas do gênero masculino que foram queimadas na guerra foi um total de trinta e sete pessoas; ao passo que as pessoas adultas do gênero feminino foram apenas três. Mais uma vez contata-se que o número de pessoas queimadas por espadas do gênero masculino foi bem maior do que as do gênero feminino. Analisando as crianças percebemos que esse número também cresceu, sendo dezessete casos de crianças do gênero masculino, contra quatro casos de crianças do sexo feminino.

Trabalhando com o conceito de gênero utilizado por Scott observamos que a compreensão de gênero liga-se a outros fatores além do que sua mera representação binária (homem/mulher) parece supor. Segundo a autora, a definição de gênero deve incluir, além dessa constatação, uma noção de

⁴⁷ Registro oficial de queimados: O ano de 2009 teve como registro oficial de queimados por espadas na noite da guerra, que é o dia 23 de junho, 46 casos distribuídos da seguinte forma: Homens: 30 casos; Mulheres: 07 casos; Crianças: Feminino: 02 casos; Masculino: 07 casos. O ano de 2010 teve um total de 61 casos, distribuídos da seguinte forma: Homens: 37 casos; Mulheres: 03 casos; Crianças: Feminino: 04 casos; Masculino: 17 casos.

política, bem como uma referência às instituições e a organização social. Para esta autora:

O gênero é um elemento constitutivo de relações sociais fundadas sobre as diferenças percebidas entre os sexos, e o gênero é um primeiro modo de dar significado às relações de poder (SCOTT, 1990, p. 14).

Portanto, para Scott, o gênero são categorias sociais (que vão além das genitálias). São os lugares sociais que os homens e as mulheres ocupam na sociedade. São as representações simbólicas que ocupamos em determinados momentos e lugares históricos. São papéis sociais de homens e mulheres que mudam com o tempo. Nesse sentido, o São João e a Guerra de Espadas têm seus lugares simbólicos do masculino e do feminino que querem marcar papéis sociais que são produzidos no cotidiano e ressignificados pela cultura do presente que se transforma permanentemente dentro da História.

Percebemos que a formação cultural dos meninos é influenciada pela cultura da Guerra de Espadas já que esta é um dos principais atrativos do São João de Senhor do Bonfim. Os pais e familiares incentivam essas crianças e adolescentes a seguirem a tradição por eles criada. Assim assevera o Sr. Luiz Moreira: “Eu já vi criança de, de sete, oito anos já soltando os corisquinhos viu! É, agora principalmente de doze, doze em diante velho, ai já [...], o sangue puxa”. (Entrevista realizada com Luiz de Souza Moreira. Entrevistado pelo autor em 12 de julho de 2010).

O Sr. Reinaldo respondendo a respeito da tradição cultural dos meninos na guerra afirma: “Tem criança que começa cedo. Eu mesmo tenho dois sobrinho que eles, doze ano ele tá lá dentro, treze, vai junto com a gente”. (Entrevista realizada com o Sr. Reinaldo Joaquim do Nascimento. Entrevistado pelo autor em 12 de julho de 2010).

Nas duas falas acima, percebemos que os depoentes confirmam o incentivo dado pelos familiares e pais das crianças e adolescentes a soltarem as espadas para que no futuro possam ir à guerra. Percebemos que não é mencionado o nome de criança ou adolescente do gênero feminino. Isso implica numa predominância do gênero masculino como já vem sendo dito e confirmado ao longo dessa pesquisa. Nosso depoente, o Sr. Paulo Ernesto a esse respeito nos diz:

Oxe! Rapaz brinca não! Hoje a criança é audaciosa mesmo. Hoje tem criança aí que começam cedo. Eu, é, a mulher sempre é mais cautelosa, a mulher corre. Mas a meninada hoje, o menino, o menino ele não tá nem aí, ele, [sic], o menino de hoje tem mais coragem do que o menino de antigamente. O menino de hoje não tá nem aí, entra mesmo e naquela, naquela guerra fechada ele entra e hoje, esse ano mesmo eu vi um, eu vi, eu até, a idade mais ou menos, acho um menino de dez anos [sic], eu vi menino de dez anos, de dez a doze anos né, entrando na guerra aí. Eu até falei, rapaz cuidado que você vai se queimar e teve um momento que o menino tropeçou, caiu, se machucou. É tem essa também do acidente, aí a mãe veio pegar (Fala do Sr. Paulo Ernesto Leite Rodrigues. Entrevistado pelo autor em 17 de julho de 2010).

No discurso do Sr. Paulo Ernesto, ele já menciona a mulher, como criança iniciante, mas dizendo que ela é mais cautelosa do que o homem. De fato, percebi isso nas entrevistas, nas observações dos preparos para a guerra. O fato de a mulher ser mais cautelosa do que o homem pode estar ligado ao modelo de família bonfinense que em geral coloca como regra a super proteção para o gênero feminino. Já para o gênero masculino, o modelo de masculinidade criado historicamente demonstra atitudes de suportar dor e enfrentar perigos na construção de sua identidade.

Desta forma, a discussão sobre identidades proposta por Hall, nos afirma que:

É precisamente porque as identidades são construídas dentro e não fora do discurso que nós precisamos compreendê-las como produzidas em locais históricos e institucionais específicos, no interior de formações e práticas discursivas específicas, por estratégias e iniciativas específicas (HALL, 2000b, p. 109).

Hall nos ensina que as identidades são construídas dentro dos discursos que são históricos e institucionais. Assim percebemos as identidades construídas para os guerreiros nos depoimentos e narrativas dos depoentes, alocando o gênero masculino para a identificação com a valentia, destemor e coragem.

Por fim, o Sr. Aluysio Santos afirma que as crianças e adolescentes, ou seja, os meninos são incentivados pelos seus pais, parentes e pela sociedade desde cedo a partir, geralmente, dos sete, oito, nove dez anos de idade a soltarem espadas corisco para depois com a maturidade e técnica adquiridas chegarem a soltar uma Cruz das Almas. Assim diz:

Olha a partir, não tem, não existe uma idade fixa para a criança participar porque eu mesmo participei com dez anos de idade, isso há mais de cinqüenta anos. Com dez anos eu já pegava nas espadas pra espantar gente (Fala do Sr. Aluysio Santos. Entrevistado pelo autor em 19 de julho de 2010).

Isso nos diz que os dados de queimados do ano de 2009 e 2010 do Hospital Dom Antônio Monteiro, vêm confirmar a tese de que na formação cultural dos meninos esses são incentivados pelos seus familiares e isto está representado no número de vítimas que foi maior o do gênero masculino infantil totalizando dezessete casos de crianças em 2010, contra quatro casos do gênero feminino.

Respondendo a pergunta a respeito se uma pessoa medrosa consegue participar da guerra de espadas, Sr. Reinaldo diz:

Consegue se tiver uns corajoso pra ir junto com ele, aí tá veno, incentivano. Aí ele vai ino e vê que não é nada daquilo. Porque eu mesmo só me queimava porque ia [risos] diferente de todo mundo, ia querendo ser um herói, e não é assim. Gente ia equipado, ino equipado não tem pobrema nenhum, pode participar tranqüilo (Entrevista realizada com o Sr. Reinaldo Joaquim do Nascimento. Entrevistado pelo autor em 12 de julho de 2010).

A idéia de herói, como demonstra a fala de Sr. Reinaldo, está presente no gênero masculino da guerra, pois seus participantes gostariam de ser vistos e valorizados pela sociedade como verdadeiros heróis de guerra, que muitas vezes chegam a queimar suas calças com faíscas de fogo da espada para que fique a marca da guerra impregnada em suas vestes. Por fim, Sr. Reinaldo respondeu a pergunta a respeito de se a masculinidade se afirma enquanto valente, destemido para os homens que soltam espadas, da seguinte forma:

É, sempre são mais valente, querem ser o tal e não é, tem que vê isso né? Eles fico mais [sic], acha que é o tal, e que é botar pra regassar e não é assim, tem que brincar. Guerra de Espada é feita pra brincar, você joga ela alta, Limaia, essas Cruz, você joga ela rasteira, que é tudo violenta. Jogar alta essa Cruz, ela vem batendo na cara de um, na fonte, na cabeça, aí pode causar um trauma né e a pessoa vim à óbito

(Entrevista realizada com o Sr. Reinaldo Joaquim do Nascimento. Entrevistado pelo autor em 12 de julho de 2010).

No discurso do Sr. Reinaldo ele afirma que os guerreiros, querem se mostrar para a sociedade como másculos, destemidos e valentes. Que não terão nenhum dano físico ao usar a espada, que não terão seus corpos atingidos pelas espadas. Mas em sua própria reflexão, Sr. Reinaldo sabe por experiência própria que agindo de forma descuidada, o risco de sair queimado ou ferido é muito grande.

Analisando o discurso de outro depoente, o Sr. Paulo Ernesto, também chegou a afirmar a representação da masculinidade a partir da Guerra de Espadas, ao responder a pergunta sobre se a Guerra de Espadas era o principal atrativo do São João bonfinense, dizendo o seguinte:

Oh, meu amigo eu, eu passei por umas transformações é, na minha vida. É, a beleza, a beleza da espada é formidável! É, eu acho que é atrativo, é bem atrativa aquela beleza e psicologicamente [risos] **parece que quem solta espada se sente mais homem**. É a gente se sente mais homem, é a gente parece que fica parecendo um guerreiro que vai pra guerra, é, vai pra guerra e se mostrar ali, que se mostrar pro outro que, que é valente e quer até chamar atenção do lado feminino. É, eu já percebi isso. É legal também é bom que cada um solte uma espada pra ver isso né? É, e eu já senti, eu uma vez também eu, eu disputei pra pegar uma espada com o colega, o colega me empurrou, rapaz, me empurrou, pra me tirar da linha pra pegar a espada e eu, rapaz, não precisava isso não, mas é porque **o cara quer mostrar que é macho à porra, né!** [risos]. Aí eu, não vá lá então pega aí, e até me machuquei ainda. O cara veio me dando tombo, como se disputa uma bola de futebol né? E aí me deu um tombo, me tirou da linha e a espada ainda me queimou um pouco por conta desse deslocamento. Você tem que saber pisar bem na espada, se você deslocar ela é arriscado ela virar e lhe queimar. E eu me lembro que eu me machuquei e o legal também que quando anda a mulher na, nos grupos, a gente quer se aparecer [risos]. Mas hoje, né Raimilson, hoje a coisa mudou, século XXI, não sei, se eu pudesse mudar essa beleza pra outra coisa eu mudaria, mas não tenho como mudar essa beleza, então continua, mesmo correndo o risco de ainda prejudicar o Meio Ambiente. Há poluição, há o risco de vida, o risco de vida né? [Grifo nosso]. (Fala do Sr. Paulo Ernesto Leite Rodrigues. Entrevistado pelo autor em 17 de julho de 2010).

A beleza da espada é atrativa, é encantadora, é formidável como diz Paulo Ernesto, pois é a beleza da “Rainha Viúva da Festa”⁴⁸ que seduz, que entonteia, faz seus pretendentes lutadores brigarem, se jogarem aos seus pés, lhe disputarem passo a passo, como quem disputa uma partida de futebol. Psicologicamente seus pretendentes lutadores se sentem mais homens, mais guerreiros ou guerreiros de “verdade”. Podem até se mostrar pro outro que é valente e chamar atenção do lado feminino em busca de um pequeno elogio, de uma piscadela, de um flerte, de um abraço, quiçá de um aconchego.

Nosso depoente já percebeu isso. Nós percebemos que ele já sentiu isso, ele já viveu isso, ele já foi um “macho à porra”, pois ele já se feriu, se machucou disputando para pegar uma espada com o colega e saiu de linha, foi escanteado do jogo, da batalha, da guerra, do show, do seu show! . O guerreiro tem que saber manusear a espada, com habilidade, destreza, domínio, e rapidez.

A guerra seria um lugar/espço de reafirmação do masculino dentro da sociedade bonfinense, já que esses modelos de masculinidades possam estar em crise devido à mudança de comportamento sócio-cultural. Os guerreiros parecem exibir provas de virilidade durante a Guerra de Espadas.

Dessa forma o Sr. Paulo Ernesto, percebeu e sentiu que tem mudado que tem sofrido transformações em sua vida e hoje, talvez, não valha mais a pena se arriscar tanto como já fez no passado, quando era criança e adolescente lá pelo início da década de 1970. Hoje, Paulo Ernesto com sua vivência, casado e com uma filha, aos 48 anos de idade no ano da entrevista, faz sua reflexão e nos convida, a todos aqueles que nunca soltaram uma espada a sentir a sensação de potência que dá, mesmo sabendo que é perigoso à saúde e com risco de vida.

Percebemos que a mudança temporal inserida na vida do Sr. Paulo Ernesto traz mudança de sentido, de significado, de valores em sua vida. Deixar de participar por receio de se ferir, requer, sobretudo mudança de valores. Assim, completando nossa linha de pensamentos e sensibilidades a respeito da representação da masculinidade do guerreiro de espadas, vejamos o que nos diz Badinter a respeito da masculinidade:

⁴⁸ Cf.: TVE – BAHIA/ Bahia singular e plural. **As espadas de fogo de São João: perigo, luz e magia em Cruz das Almas**. Realização: IRDEB/TVE, duração 56’ 12’’ – Dezembro de 1998.

O próprio homem e aqueles que o cercam têm tão pouca confiança na sua identidade sexual que lhe exigem provas de sua virilidade. “Prove que você é homem” é o desafio que o ser masculino enfrenta permanentemente. Ora, a apresentação de provas envolve provações que a mulher não chega a conhecer.

[...]

Dever, provas, provações, estas palavras dizem que há uma tarefa real a cumprir para tornar-se homem. A virilidade não é dada de saída. Deve ser construída, digamos “fabricada”. [...] Como diz Pierre Bourdieu: “Para louvar um homem, basta dizer que ele “é um homem”. (BADINTER, 1993, p. 4).

O que o Sr. Paulo Ernesto nos narrou foi essa idéia de que o homem tem que dá provas de sua masculinidade na Guerra de Espadas quando esse nos falou a respeito de mostrar para o outro que é valente, que não tem medo, que quer chamar atenção da mulher e mostrar que é macho. A própria espada de fogo é uma representação fálica, corroborando para a representação da masculinidade do guerreiro sedutor. O Sr. Luiz Moreira, respondeu a pergunta sobre se a masculinidade se afirma enquanto valente e destemido para os homens que soltam espadas, da seguinte maneira:

Alguns devem até achar que; tem deles que entra num carro pra dirigir, acham que são mais homem. Então quando soltam espada, alguns, deve até achar, mas isso não é requisito pra dar [risos] mais masculinidade a homem nenhum (Entrevista realizada com Luiz de Souza Moreira. Entrevistado pelo autor em 12 de julho de 2010).

No discurso do Sr. Luiz Moreira, ele percebe que alguns devem achar que a masculinidade se afirma enquanto homens destemidos, valentes, e expande sua representação para o fato de que alguns homens se sentem mais homem quando entram num carro para dirigir. Esse fato faz jus devido ao enorme índice de acidentes automobilísticos do Brasil, revelam que, ser macho destemido num volante, morre-se e mata.

O Sr. Luiz Moreira afirma que isso não é requisito para dar mais masculinidade a homem nenhum. Talvez, O Sr. Luiz Moreira, em sua vivência e experiência de seus 62 anos, queira nos dizer que há outras formas possíveis de ser homem, para além do estereótipo do macho, do machão, do valente, do cabra da peste. Inclusive a própria festa não sendo pensada para “legitimar” ou criar modelos de masculinidade. Pois no tempo ela foi sendo ressignificada e

novos sentidos foram criados e estão sendo recriados permanentemente como é o devir da cultura humana.

A Guerra de Espadas é considerada por muitos participantes como “esporte radical”. Na fala do depoente Luiz Alberto Pereira de Lima, este nos diz que:

Eu gosto muito da aventura, é perigoso sim, é muito arriscado, muitas queimaduras, mas **o prazer do guerrilheiro é se queimar!** [...]

Sempre que eu participo acontece leves queimaduras. Teve anos anteriores que foram fortes queimaduras.

Várias, vaias pessoas que já se feriram e chegaram ao hospital, hospitalizado trinta dias. Casos [sic] que a gente aconselha é não fazer cartucheiras, mas tem aqueles que insiste, pegou faísca na cartucheira, incendiou a barra, o abdômen do colega todinho. [...]

A mulher vai sempre encostada ao seu parceiro, se defendendo e o parceiro defendendo a sua esposa.

Nós deixamos elas fazerem as evoluções [Grifo nosso]. (Entrevista realizada com o Sr. Luiz Alberto Pereira de Lima. Entrevistado pelo autor em 11 de julho de 2010).

O perigo da guerra está inerente à própria ação por ela desencadeada, e desta forma, mesmo sabendo que é perigoso, arriscado, com queimaduras, o Sr. Luiz Alberto exclama “o prazer do guerrilheiro é se queimar!” O discurso de que a mulher vai à guerra encostada ao seu parceiro, se defendendo e o parceiro defendendo-a nos alerta para o fato de que o parceiro seria uma espécie de escudo, que estando ao seu lado, impediria que algo de ruim acontecesse. É a idéia de protetor, de segurança, de respeito, de obediência que está embutida nesse tipo de fala que é confirmada quando se diz que eles (os homens) é que deixam as mulheres fazerem as evoluções e que, portanto os destaques na guerra são os homens.

Por que reafirmar o prazer do homem em sentir dor? Por que se colocar na condição do protetor? Seria a necessidade de reafirmar seu lugar de força e poder? Numa sociedade como a nossa em que as mulheres passaram a ocupar espaços construídos historicamente para homens, isso os amedronta no sentido de ameaçar seu lugar de poder. A festa pode ser um momento para reafirmar seu lugar de protetor, de guardião, de forte, de valente, etc.

Analisando que a representação da masculinidade do guerreiro se afirma enquanto valente e destemido, tomamos mais uma vez o depoimento do Sr. Paulo Ernesto Leite Rodrigues que nos diz:

A masculinidade. É isso, é [...] Interessante, teve uma pessoa aqui que falou sobre essa auto-expressão, auto, essa auto-expressão da espada e tem haver mesmo com a masculinidade. É isso, **a gente quer ser aquele macho que, chame atenção à fêmea!** Mostrar que o, que o camarada, isso é um instinto né? Mostrar que o camarada tá, é bom, é bom, tem habilidade e principalmente [risos] aquela jovem que ali já tomou uns dois, três licor [risos] aí ela tá mais, tá mais assim, não sei. Tem delas que ficam esperta, mas tem delas que ficam mais com medo né? Então encosta na gente ali, fica colado na gente, a gente ali dá o ombro e fica feliz porque acha, a gente tá achando que tá com a moral toda né? No sentido de, pelo fato da gente tá ali defendendo espada, devolvendo e, enquanto ela, as espadas aproxima do casal ali do grupo, a gente toma a frente, devolve. Então isso aí, parece que a, a gente se sente que tá fazendo o máximo e naturalmente a mulher se aproxima mais da gente, a gente se enche de satisfação [risos]. [Grifo nosso]. (Entrevista realizada com o Sr. Paulo Ernesto Leite Rodrigues. Entrevistado pelo autor em 17 de julho de 2010).

Destarte, no discurso do Sr. Paulo Ernesto, se evidencia mais uma vez a tese da representação da masculinidade do guerreiro a partir da guerra de espadas. Nosso depoente diz que o guerreiro quer ser macho chamando atenção da fêmea.

Analisando os discursos femininos que foram gravados na forma de depoimentos orais, como também aqueles discursos registrados na forma de redações escolares torna possível perceber como as mulheres encaram a guerra. Saber se elas também estabelecem uma regularidade discursiva do masculino, do cabra macho que se fere e enfrenta a Guerra de Espadas com coragem, bravura e destemor, independente dos danos corporais que essa possa lhe causar.

Nesse sentido os discursos femininos sobre a Guerra de Espadas também constroem o estereótipo masculino ao atualizar os códigos de mulher valente, destemida, que enfrenta a Guerra ao lado do seu homem-macho, que por extensão tornar-se-á mulher-macho. Embora estejamos trabalhando com a masculinidade do guerreiro de espadas, mas entendemos que o gênero

feminino atualiza e se apropria desse discurso do cabra macho, valente e destemido tomando para si esses adjetivos da gramática masculina quando vistas por outras mulheres que não participam da guerra, sendo valorizadas e admiradas como guerreiras femininas.

Fazendo uma análise histórica dos discursos femininos sobre a Guerra de Espadas percebemos que na fala da Sra. Katiana Alves que começou a participar da Guerra de Espadas desde os 15 anos de idade ela afirma que nessa época, há 15 anos, a família toda participava, pai, mãe e filhos. Diz que não tinha medo “porque já é uma coisa que já vê desde pequena já né? Aí já faz parte já. Já faz parte!”. Lançada a pergunta sobre qual o maior percentual de participantes se é de mulheres ou de homens participando da guerra, ela afirma:

Tem muita. Muita mulher mesmo! E também as da região mesmo e até as que vêm de fora né? Como turistas que é, ficam com medo, mas vai a primeira vez aí gosta. Aí quando é no próximo ano já tá lá, com seu bocapiuzinho, sua espada [risos].

Na verdade é de homem né? Mulher ainda fica com aquele, aquele medo assim, mas é, hoje em dia não sei como te dizer assim que eu não participo mais assim né? Ativamente. Vou, fico só olhando, mas acho [...]

Hoje em dia que acho que mulher, pra mulher sair assim sozinha fica mais difícil né? Normalmente quando a mulher sai já é porque o namorado sai também ou já participa de um grupo né? Que, já, todo ano já sai. Aí mais pra sair sozinha, já acho meio difícil. É mais assim, quando o grupo, a turma. Até porque na verdade assim, para quem participa na guerra, normalmente não sai só, sai né, em grupo. A idéia é assim de três, quatro pessoas aí já (Entrevista realizada com a Sra. Katiana Alves da Silva. Entrevistada pelo autor em 27 de julho de 2010).

Embora no início de sua fala A Sra. Katiana demonstre empolgação em relatar-nos que a participação da mulher na Guerra de Espadas vem aumentando, mas termina por afirmar que a participação dos homens é bem maior, talvez devido a mulher ter medo. A depoente reafirma lugares construídos para o masculino e o feminino dentro de uma formação discursiva, ou seja, os modelos já problematizados e analisados em outras falas de depoentes são retomados: a mulher não participa sozinha, ela segue alguém. Por quê? Seria por dependência? Medo? Falta de habilidade em manusear as espadas?

Geralmente a mulher sai com seu namorado e em pequenos grupos, pois percebemos que o lugar cultural historicamente construído para o feminino está ligado a casa e ao cuidado de si. A mulher sair para a guerra sozinha é contra a norma cultural que ela aprendeu historicamente ao longo de sua vida. A mulher estaria dependente do homem para se apresentar em público durante a Guerra de Espadas, já que por medo, devido ao cuidado de si e este cuidado de si é exposto socialmente sem nenhum constrangimento. Essa prática do cuidado de si, da precaução, do proteger-se se distancia do modelo e lugar do masculino construído historicamente em nossa sociedade para o perigo e risco de vida.

Na narrativa da Sra. Marilda Lourenço que diz adorar a Guerra de Espadas e ter participado da guerra durante uns dez anos, demonstra sua experiência de guerreira. Começou a participar quando tinha entre 17 a 18 anos de idade e assevera:

Eu participei durante uns dez anos eu participei da Guerra de Espadas, mas eu deixei de participar por um problema respiratório que eu tive na última participação. Aí o médico me proibiu de participar de Guerra de Espadas.

É super perigoso, as pessoas que participam da Guerra de Espadas elas tem que tá preparadas, elas tem que saber guerrear, tem que ter o vestimento adequado né? Estarem realmente preparado pra participar da Guerra de Espada. Como o próprio nome já diz é uma guerra né? Você está entre fogo, então você tem que ter cuidado pra participar de uma Guerra de Espada (Entrevista realizada com Marilda Lourenço da Silva. Entrevistada pelo autor em 27 de julho de 2010).

A Sra. Marilda em sua memória conta-nos que adquiriu um problema respiratório por estar na Guerra de Espadas e assim deixou de participar. Admite que seja muito perigoso e aconselha usar roupas adequadas para a guerra. Respondendo a indagação se durante o soltar das espadas existiria alguma exibição por parte dos homens, essa nos diz:

Existe muito, muita confiança, principalmente a maioria dos participantes estão bebendo né? E isso dá uma certa liberdade. Então, eles tendem a se soltar e a querer se aparecer. Então, tem sim exibição, não só por parte dos homens, mas tem mulheres também que se exibem soltando espadas.

É como destemido, não tem medo da espada, como de enfrentar. Tem pessoas que; que existem guerra entre grupos,

tem grupos que disputam pra ver quem solta a maior quantidade de espada, quem devolve mais (Entrevista realizada com a Sra. Marilda Lourenço da Silva. Entrevistada pelo autor em 27 de julho de 2010).

A Sra. Marilda afirmar que tanto homens como mulheres gostam de se exibirem durante a Guerra de Espadas. Os homens principalmente devido ao excesso de confiança que estes têm em si. A bebida também é um fator incentivador do comportamento excessivo de autoconfiança gerando um estado de liberdade que resulta no querer aparecer, se exibir como destemido e valente.

Nas análises históricas dos discursos femininos sobre a Guerra de Espadas percebemos na entrevista realizada com a Sra. Odelita Rodrigues, que esta veio morar em Senhor do Bonfim em 1995 e participava da Guerra de Espadas com uma turma de amigos. Devido a uma bronquite alérgica deixou de participar porque tem muita fumaça, cheiro de pólvora que provocava rouquidão e perdia a voz. Assim, ela nos conta como foi seu início na guerra:

Cheguei aqui pra Senhor do Bonfim em 95 e participava da Guerra de Espadas com uma turma de amigos e devido a, a bronquite alérgica é, deixei de participar por conta do processo né? Mas é uma coisa assim: muita fumaça, a pólvora, ficava rouca, perdia a voz, mas era assim! Era uma coisa que no início me dava muito medo, quando dizia a Guerra de Espada, tinha medo, corria, tropeçava, caía na rua. Mas um dia eu disse não, eu vou com as meninas e aí tinha tomado umas, uns licor com cerveja, me animei e fui. E assim, achei assim o máximo e acho a coisa mais linda de Senhor do Bonfim, é a Guerra de Espada e, e a gente vê a cada ano se aumenta né? Tem mais turista, tem mais pessoa participando. É, eu tenho uma amiga mesmo que ela chega a gastar uns 40 a 50, 60 dúzias de espada para ir para a guerra e ainda tem a Guerra do Dia das Moças⁴⁹, que é no dia 31 né? Que é na rua da Lagoa e o pessoal também participa e eu já participei também e assim é um processo gostoso de se curtir nessa época do mês de junho (Entrevista realizada com a Sra. Odelita Rodrigues Ferreira. Entrevistada pelo autor em 27 de julho de 2010).

A depoente nos afirma que tinha medo da guerra, mas aprendeu a lidar com o medo, incentivada pelas amigas e bebida conseguiu ir para guerra pela primeira vez. Talvez as estratégias de divulgação da guerra por meio da

⁴⁹ A chamada Guerra das Moças é uma Guerra de Espadas feita no dia 30 de junho, dia de São Maçal, na qual participam homens e mulheres da mesma forma que a do dia 23 de junho. A depoente se confunde ao estabelecer a data como dia 31.

mídia, do apelo de propagandas, do boca a boca para atrair o turista, tenha lhe atraído e convencido a enfrentar a guerra.

Esses itens são elementos que constroem um lugar de poder e saber, pois é preciso investimento econômico da Prefeitura no que se refere à organização da festa junina para que essa possa cada vez mais atrair o turista. Por outro lado, é preciso investimento do guerreiro para comprar as dúzias de espadas que variam de preço segundo os tipos⁵⁰. Também é preciso saber manipular com destreza, mostrar-se capaz para se ter uma auto-afirmação diante do grupo e de si mesmo.

A depoente Sra. Rosângela Maria da Silva nos afirmou que já participava da Guerra de Espadas há uns três anos. Assim afirmou:

Eu participo da Guerra de Espadas, já tem uns três anos. É uma guerra muito boa, dá uma emoção muito boa mesmo pra gente.

[...] Eu nunca tive medo de soltar espada, soltei a primeira vez aí pronto. Agora eu quero sempre mais e mais.

[...] São poucas as mulheres que eu conheço que solta espada. A maioria são homens!

[...] Já vi várias pessoas ferida, mas nunca me feriu, graças a Deus! (Entrevista realizada com a Sra. Rosângela Maria da Silva. Entrevistada pelo autor em 21 de julho de 2010).

Analisando a fala da Sra. Rosângela, que é doméstica, percebemos que ela é uma guerreira que se inseriu há pouco tempo na guerra, há apenas três anos. Fala sobre o medo e emoção e defende a guerra como algo prazeroso. Tendo um filho pré-adolescente, que já solta espada do tipo Corisco e Limaíta, sente orgulho em afirmar que não tem medo, talvez em sua primeira representação de mulher corajosa e destemida queira se afirmar para o filho que já é um praticante infante da guerra; já que nunca se feriu, talvez porque a mulher seja mais cautelosa. Ao afirmar que são poucas as mulheres que soltam espadas, ela deve se sentir fazendo parte de um pequeno grupo, de um grupo seletivo, de um grupo de elite, qual seja, os das mulheres que soltam espadas em Senhor do Bonfim e que podem ser representadas como valentes e corajosas ao lado do homem.

⁵⁰ Segundo o Sr. Reinaldo Joaquim do Nascimento, fabricante de espadas, em 2010 o preço da dúzia de espadas foi de 50 reais a Limaíta; 80 reais a Cruz das Almas; 15 reais a Espadinha (Limaíta); 7,50 a Corisco.

Apesar dos discursos de alguns entrevistados reafirmarem a importância da guerra das espadas, localizamos alguns moradores que pensam de forma diferente. Foi o que percebemos quando propomos aos alunos da escola que fizessem uma redação cujo tema fosse: O SÃO JOÃO E A GUERRA DE ESPADAS DE SENHOR DO BONFIM-BA; com o intuito de conhecer e analisar como se comemora o São João e a Guerra de Espadas em Bonfim. Vejamos um trecho da redação da Sra. Maria Aparecida sobre o que ela pensa a respeito da Guerra de Espadas:

Quanto à guerra de espada eu pouco tenho a falar, pois nunca participei da mesma e acho uma grande violência, pois as pessoas que participam desta brincadeira na maioria das vezes são muito agressivas e joga a espada propositalmente para agredir o adversário e não respeita ninguém, risca os monumentos, as paredes das casas, quebra vidraças e causam apagões em vários bairros, invadem as residências e fere gravemente as pessoas, tanto as que estão participando quanto as que estão olhando e até mesmo as pessoas que tem de passar ali naquele momento. Meu filho e meu irmão já participaram da guerra de espada, mas eu sou totalmente contra, pois muitas pessoas não vão para se divertir e sim para agredir. A brincadeira da espada nas mãos certa é muito bonita de se ver desde que seja feita da maneira certa e que as pessoas que participem façam com prazer e responsabilidade, ou seja, pensando em si e nos outros, usando roupas apropriadas e sem agredir as pessoas que ali estão para apreciar o espetáculo e sem causar prejuízo à população. Alguns anos atrás meu vizinho colocou várias espadas na cintura e foi para a guerra de espada, no meio do caminho alguém soltou uma espada em sua direção e as espadas que levava na cintura incendiaram-se e ele teve boa parte do corpo queimada, por pouco não morreu, ficou uns dois anos sem trabalhar para se recuperar (Redação de Maria Aparecida Batista Monteiro, não menciona sua idade, aluna do Cursinho Pré-Vestibular Ação e Cidadania da PMSB. Redação realizada em maio de 2007).

Na fala da Sra. Maria Aparecida, podemos destacar vários elementos constituintes da Guerra de Espadas em Senhor do Bonfim, por um olhar de quem parte como observadora não-participante da guerra, pois nunca participou da mesma. Como observadora da guerra Maria Aparecida acha que esta é uma grande violência porque a maioria de seus participantes são muito agressivos e jogam espadas propositalmente para agredir o adversário e não respeita ninguém, além de quebrar e danificar as coisas alheias. Admite que a

guerra seja bonita de se ver quando realizada com responsabilidade, assim tornando-se um espetáculo sem causar prejuízos à população. Por fim destaca a questão da masculinidade do guerreiro, enquanto destemido, valentão, corajoso quando nos diz que o seu vizinho colocou várias espadas na cintura tendo como resultado grande parte do corpo queimado que quase o levou a óbito.

Outro depoimento sobre o discurso da coragem do guerreiro de espadas é mostrado pela Sra. Juliana Hortência da Moraes, 24 anos, que escreveu e destacamos em sua redação o seguinte fragmento:

Outra atração é a guerra de espada não participo, mas se eu pudesse eu estaria lá no meio, tenho medo de ser atingida, mas não tenho nada contra.

Eu tenho um amigo que perdeu 3 dedos na guerra de espada, a força da espada foi tão grande que ele não teve controle e acabou sendo atingido, mais mesmo assim ele não deixou de participar da guerra, ele desafia os participantes sem medo e muita coragem. No período do São João muitas pessoas se machucam e muitas chegam até a perder suas vidas, os hospitais ficam lotado por conta da guerra de espadas (Redação de Juliana Hortência de Moraes, 24 anos, aluna do Cursinho Pré-Vestibular Ação e Cidadania da PMSB. Redação realizada em maio de 2007).

A depoente Juliana Hortência tem medo da Guerra de Espadas e por isso não participa. Não tem nenhuma objeção por quem participe dessa prática cultural bonfinense. Conta-nos, com certo orgulho, que um amigo que se feriu perdendo três dedos e mesmo assim não deixou de participar da guerra, desafiando os participantes sem medo e com coragem. Isto sugere a representação da masculinidade do guerreiro sendo reconhecido socialmente por sua valentia e destemor da guerra. Alerta para o fato de que muitas pessoas são queimadas no período junino por conta da Guerra de Espadas.

Na fala da Sra. Vívica Daiana, 26 anos, temos o relato dos danos causados por espadas expresso no seguinte trecho:

A guerra de espada no meu ver é uma adrenalina louca. Pessoas brincando com fogo e que não pensam nas conseqüências.

Uma vez uma criança de um aninho no rol da casa da avó e uma espada entrou no rol e queimou o rosto e o braço da criança.

Resultado, hoje esta mesma criança já está mocinha e com cicatriz na mão por causa da irresponsabilidade dos adultos. Meu irmão entrou no meio da guerra de espadas só para subir na fogueira e pegar algum brinde ou dinheiro, acabou pegando uma blusa e me deu, era feminina a blusa. E a camisa dele ficou com um buraco enorme na blusa que os guerreiros queimaram (Redação da Srta. Vívea Daiana Ferreira Rodrigues, 26 anos, aluna do Cursinho Pré-Vestibular Ação e Cidadania da PMSB. Redação realizada em maio de 2007).

Um fator que nos chamou atenção nessa fala foi percebermos que em sua idade jovem de 26 anos, a entrevistada tem um olhar diferente e se preocupa com os acidentes. Esse tipo de atitude é bem diferente de quem “tomou umas” para participar da guerra. Esse discurso da Sra. Vívea Daiana se apresenta como o contraponto, o diferente dos demais discursos que só falam na guerra como diversão, como se não tivesse os danos causados por ela, como se ela fosse sempre uma guerra “boazinha” e “bem comportada”.

Para a Sra. Vívea Daiana, a Guerra de Espadas é pura adrenalina que resulta em acidentes. Descreve o acidente com a criança de um ano de idade que ficou com cicatriz na mão devido à irresponsabilidade de quem jogou a espada. Comenta que seu irmão se arriscou para subir numa “Fogueira de Ramos” para retirar brinde. Esses perigos fazem parte da grande atração que é a Guerra de Espadas de Bonfim.

A Sra. Cleide de Lima Ribeiro, falando a respeito da indumentária e acidentes causados pela Guerra de Espadas no São João de Bonfim, diz:

Todos os anos tenho o privilégio de presenciar o show de espadas, pessoas com trajes chamativos como calça jeans molhada, bota, jaqueta de couro, capacete, luvas e máscaras vá [sic] se encontram para a batalha das espadas com brilho e cor que iluminam o dia de “São João”.

Acidentes são freqüentes de leves e graves proporções, como um rapaz perdeu uma das córneas, atingido por uma espada; outro, parte da língua quando um artefato estourou na sua boca, ou outro que perdeu dedos por explosão.

Incêndios já ocorreram, mas sem gravidades ou proporções a não ser um que destruiu um estabelecimento comercial no centro, só este merece destaque (Redação de Cleide de Lima Ribeiro, não menciona sua idade, aluna do Cursinho Pré-Vestibular Ação e Cidadania da PMSB. Redação realizada em maio de 2007).

A Sra. Cleide de Lima Ribeiro, já incorporou a terminologia do Show de Espadas na Guerra de Espadas que foi criado, segundo Luiz Moreira, em 2001 pela Prefeitura Municipal de Senhor do Bonfim, como já foi visto por nós. Cleide nos descreve como é a roupa dos guerreiros e nos alerta para os acidentes que são frequentes. A quem interessa o discurso da entrevistada? Por que será que fala em show e não em guerra quando se refere às espadas? Pois pela gravidade dos acidentes em termos de lesão corporal e incêndios descritos em sua fala, estaria mais para guerra do que para show.

Portanto, perigo, brilho, adrenalina, acidentes, representações de masculinidades por parte das mulheres e dos homens, emoções e sensibilidades do cuidado do corpo e de si são ingredientes constituintes do “Show de Espada” na Guerra de Espadas de Senhor do Bonfim-BA.

Discutindo sobre sensibilidades, assevera Pesavento:

Ora, sensibilidades se exprimem em atos, em ritos, em palavras e imagens, em objetos da vida material, em materialidades do espaço construído. Falam por sua vez, do real e do não real, do sabido e do desconhecido, do intuído, do pressentido ou do inventado. Sensibilidades remetem ao mundo do imaginário, da cultura e de seu conjunto de significações construído sobre o mundo. Mesmo que tais representações sensíveis se refiram a algo que não tenha existência real ou comprovada, o que se coloca na pauta de análise é a realidade do sentimento, a experiência sensível de viver e enfrentar aquela representação (PESAVENTO, 2007, p. 20).

São os atos do guerreiro (a) que se transformam em ritos da Guerra de Espadas gerando imagens que representam a masculinidade. É o mundo imaginário da cultura em seu conjunto de representações e significações da cultura do valente e do destemido dentro da Guerra de Espadas que nos propusemos a analisar seguindo a recomendação acima expressa por Pesavento. Buscamos extrair sensibilidades dos discursos femininos e masculinos que elaboram e recriam permanentemente a Guerra de Espadas com uma prática cultural bonfinense.

São as sensibilidades que remetem ao mundo imaginário da guerra, de trazer como troféu para quem lutou e se feriu o reconhecimento de parte da

sociedade que admira e pratica a guerra. É uma experiência sensível de viver e representar a masculinidade do ser guerreiro.

Nesse item, no qual nos propomos a analisar a Guerra de Espadas e a representação da masculinidade para seus lutadores, sugerimos alguns questionamentos: Por que o prazer do gênero masculino na Guerra de Espadas é sentir dor, ao dizer que se queimou? Por que se colocar na condição do protetor do gênero feminino? Seria a necessidade de reafirmar seu lugar de força e poder que estaria se esvaindo na sociedade atual? Seria a tentativa de impor os mesmos valores de outrora (o poder do macho) para uma sociedade que se transforma diuturnamente em seu devir histórico?

Numa sociedade como a nossa em que as mulheres passaram a ocupar espaços construídos historicamente para homens, isso os amedronta no sentido de perder seu lugar de poder. A festa pode ser um momento para reafirmar seu lugar de protetor, de guardião, de forte, de valente, etc.

3.2. Imagens múltiplas dos festejos juninos e da Guerra de Espadas

A Guerra de Espadas inserida no São João bonfinense tem por característica eminente a possibilidade de se refazer e se reestruturar a cada ano, reconstruindo elementos e inserindo novas significações. Para tanto, a festa se desenvolve em múltiplas imagens que constituem o foco de discursos e interesses diversos.

Nosso objeto de pesquisa é passível de várias significações, interpretações, ressignificações ao longo das apropriações históricas que vão se fazendo em torno de suas regularidades discursivas. Pretendemos nesse subitópico analisar um pouco dessas significações e interpretações que nem sempre estão alinhadas, organizadas e concordantes sobre o assunto tratado por nós.

Começamos com o jornal Diário da Região que destacou em sua matéria: GUERRA DE ESPADAS FAZ VÍTIMAS DURANTE O SÃO JOÃO. Vejamos a reportagem:

A “guerra de espadas”, evento tradicional do São João de Cruz das Almas, foi responsável por mais de 300 vítimas de

queimaduras, segundo balanço parcial divulgado na manhã de ontem pela prefeitura local. Não houve vítimas fatais.

Em Senhor do Bonfim, onde também ocorre a “guerra”, o número de vítimas de queimaduras foi menor, foram atendidas no hospital da cidade 112 pessoas (Diário da Região, caderno Municípios, p.7, quinta-feira, 26 de junho de 2003).

Percebemos que o jornal já utiliza aspas em torno da palavra guerra de espadas para tentar dar o sentido de show para a guerra de Senhor do Bonfim, como foi chamado por esse mesmo jornal nesse mesmo mês e ano em outra reportagem já apontada por nós. O número de feridos é sempre maior na cidade de Cruz das Almas. Mesmo assim constata-se um grande número de vítimas por queimaduras (112 pessoas) em Senhor do Bonfim. Portanto, o jornal faz jus à violência das espadas que resultam em vítimas queimadas por estas. Esse tipo de matéria virou preocupação do gestor municipal de Senhor do Bonfim-BA, tornando-se matéria de cuidado do poder público⁵¹ para com a imagem do São João e da Guerra de Espadas perante os turistas que visitam à cidade durante aquele período de festa junina.

No jornal A Tarde, na seção Espaço do Leitor, o leitor desabafa sua insatisfação com a GUERRA DE ESPADAS, dizendo:

Quando será que vai aparecer um “macho,” com aquilo roxo, para dar um basta nessa excrescência que é a guerra de espadas nas cidades do interior da nossa Bahia? Será que os ferimentos e mortes, as residências danificadas, as enormes despesas que são feitas com nosso dinheiro, o qual poderia estar sendo direcionado para outras situações, nem isso comove as autoridades para fazerem alguma coisa para acabar com este absurdo? Ah, lembrei-me. Se o governador Wagner, em vez de ir para Buenos Aires, fosse a Cruz das Almas e Senhor do Bonfim ver e, quem sabe, participar da festa das espadas, tomasse qualquer providência a respeito do assunto.

⁵¹Em Bonfim, como a prática da guerra havia sido percebido pejorativamente pelo viés da violência e isto estaria afastando os turistas mais cautelosos que não gostam da Guerra de Espadas, então estrategicamente muda-se o nome, a dizibilidade da guerra para se dar uma nova visibilidade de guerra “adestrada”, comportada, controlada pelo poder público municipal de Senhor do Bonfim que signifique principalmente o que é dito no texto jornalístico: “O *“Show de Espadas”* é, acima de tudo, uma manifestação de alegria, confraternização e beleza” (Jornal Diário da Região – Especial – Domingo/Segunda-feira, 22/23 de junho de 2003, p. 12).

Com essa estratégia, a Guerra de Espadas vista como sinônimo de algo ruim, perigoso, que gera ferimentos e danos aos seus participantes é atribuído exclusivamente à guerra da cidade de Cruz das Almas, livrando-se a guerra da cidade de Senhor do Bonfim desse sentido pejorativo que diminuiria o fluxo de turistas para a cidade em época junina. Isso implica em relações de poder entre os municípios envolvidos que lutam pelo destaque junino. Sobre relações de poder e saber Cf.: FOUCAULT, Michel. **Microfísica do poder**. São Paulo: Martins Fontes, 1981.

Nós sabemos que as autoridades, nessas ocasiões, estão sempre em suas casas de luxo, em seus sítios, em suas fazendas sem qualquer perigo. Por isso, para elas, as autoridades, não tem qualquer importância a vida das pessoas e muito menos as despesas feitas nos hospitais e casas de saúde. Afinal, o dinheiro não é deles (Roque Oliveira, roqueoliveira@ig.com.br In.: A Tarde⁵², Espaço do Leitor, página A2, terça-feira, 30 de junho de 2009).

O que percebemos nesse tipo de discurso são a grande insatisfação, indignação e revolta do leitor com a situação de perigo, gasto público, e falta de proteção dos cidadãos diante dos danos deixados pela Guerra de Espadas. Nesse caso, o leitor indignado com a quantidade de queimaduras, mortes e danos em residências provocados pela guerra, faz apelo ao poder público estadual solicitando providência ao atual governador da Bahia Jaques Wagner do Partido dos Trabalhadores.

Seria lançado um novo modelo de masculinidade? Ou seja, seria agora a masculinidade requisitada para dar um basta na Guerra de Espadas, acabando com essa prática cultural? O que pensariam os praticantes (machos) dessa guerra? Os governantes (Estadual e Municipal) teriam coragem de por esse debate em pauta? Correriam o risco de perderem votos em uma futura eleição?

Nesse caso, portanto, ser “macho com aquilo roxo” implica ter coragem para acabar com a festa e este acontecimento constitui-se com uma gestação de uma nova guerra: entre os que querem o fim da guerra e os participantes e simpatizantes que vêem na Guerra de Espadas um espaço de divulgação da cidade, de geração de rendas, de afirmação da masculinidade, etc.

O guerreiro ou guerrilheiro da Guerra de Espadas para ser apreciado, admirado socialmente como um bom jogador de espadas precisa possuir alguns requisitos técnicos e habilidades. Desta forma, perguntado sobre o que é ser um bom guerreiro de espadas, o Sr. Luiz Moreira nos respondeu:

⁵² O Jornal A Tarde de circulação estadual na Bahia, é tido pela opinião pública como sendo um jornal de oposição ao Governo do Estado da Bahia que é do Partido dos Trabalhadores e está em seu segundo mandato.

Bem, ele primeiro tem que ter conhecimento do artefato, desse tipo de fogo de artifício. Conhecer, ver, já ter visto ou observar como é que soltam. Depois se vestir né? Se preparar para se defender de alguma porque tem delas, que elas ficam malucas, ficam errantes né? A pessoa joga lá no chão e ela faz lá uma manobra maluca e vêm em direção a você ou sobe; coisa assim, dependendo disso e ter coragem né? Que a adrenalina é boa viu, recomendo (Entrevista realizada com Luiz de Souza Moreira, mais conhecido como Luiz Moreira. Entrevistado pelo autor em 12 de julho de 2010).

Conhecimento do artefato que irá soltar é pré-requisito na visão de Luiz Moreira para ser um bom guerreiro de espadas, além de se vestir adequadamente para se proteger ao máximo das possíveis queimaduras provocadas por estas. E finalmente, ter coragem para tal empreitada.

O Sr. Reinaldo Joaquim, fabricante de espadas, respondeu ao mesmo questionamento da seguinte forma:

Precisa só de coragem. Não jogar ela pra queimar ninguém, jogar ela normal. É só andar equipado e não tá jogano pra queimar ninguém porque isso influi. Você vê um grupo ali que não tá participano da guerra, você vai mete uma espada naquele grupo, então você tá. Você não é um bom guerrilheiro. Você tem que jogar naquele que estão equipado que é uma brincadeira, não é pra queimar ninguém. A gente faz pa, pa tradição mesmo, pa bincar. (Entrevista realizada com Reinaldo Joaquim do Nascimento. Entrevistado pelo autor em 12 de julho de 2010).

Nosso depoente destaca em seu discurso que basta ter coragem, não querer jogar para queimar ninguém e andar equipado para se proteger. Pois o objetivo maior é brincar e divertir-se. Constatamos que nem sempre essas recomendações acontecem na prática da guerra. Há muitos que burlam essas regras!

Continuando com a indagação sobre o que é ser um bom guerreiro de espadas para o depoente Luiz Alberto Pereira de Lima ser um bom guerreiro deve-se ter: “força, ter muita determinação e gostar muito de nosso São João e de nossa terra”. Este associa força e determinação com o gostar do São João e da terra bonfinense. É levantado certo tipo de ufanismo no discurso do Sr. Luiz Alberto Pereira.

A guerreira Sra. Marilda Lourenço, afirma que os principais requisitos para ser um bom guerreiro de espadas são:

Primeiro, ele tem que conhecer a qualidade da espada que ele vai usar né? Depois ele tem que saber com que grupo ele estar guerreando e como ele vai fazer. Então, porque o intuito da Guerra de Espada é você apenas se divertir, soltar espada. Você não é, é, uma pessoa que vai para a Guerra de Espadas. Você tem o intuito de se divertir e não de, de atingir ninguém. Então ele tem que ter essa consciência né? De que você está ali pra se divertir não para atacar ninguém (Entrevista realizada com Marilda Lourenço da Silva. Entrevistada pelo autor em 27 de julho de 2010).

Nesse discurso, percebemos um item importante que é a qualidade de fabricação da espada assim como conhecer qual grupo rival está guerreando naquele momento. Destaca que o objetivo maior é de diversão e não para queimar aleatoriamente ninguém. Ter consciência é ser altruísta e querer o bem do adversário, mesmo sendo uma guerra, foi o que alguns dos discursos analisados por nós nesse item quiseram dizer, mas que em outros discursos essa ética do cuidado é diversas vezes rompida quando se parte para a prática da guerra.

Todos os discursos que enveredaram para o significado do guerreiro ter consciência de não queimar o adversário aleatoriamente é comparado como se estivesse num jogo de futebol, que atualmente se diz que o ideal do *fair play*⁵³ é utilizando como uma espécie de educação para a reciprocidade, ou seja, identifica-se no adversário, observando que ele é uma pessoa tão importante para a prática esportiva quanto a nossa pessoa. E, através dessa identificação, onde nos vemos no papel do oponente, o respeito aflora e surge o entendimento de que o vitorioso e o derrotado são condições instantâneas inseridas no cenário esportivo, e que podem mudar de posição em pouco tempo.

A Guerra de Espadas se desenvolve em vários espaços de múltiplos sentidos geográficos e simbólicos. Nesses espaços, aglutinavam-se desejos, medos, euforia, alegria, fé, dentre outros. Para tanto, entendemos espaço na perspectiva apontada por Certeau:

⁵³ Sobre a prática do fair play ver: CARVALHO, Adriano Leal de. A prática do fair play. Disponível em: <http://www.universidadedofutebol.com.br/2009/03/1,1968,A+PRATICA+DO+FAIR+PLAY.aspx?p=2>. Acesso em 11 de maio de 2011.

O espaço é um cruzamento de móveis. É de certo modo animado pelo conjunto de movimento que aí se desdobram. Espaço é o efeito produzido pelas operações que o orientam, o circunstanciam o temporalizam e o levam a funcionar em unidade polivalente de programas conflituais ou de proximidades contratuais. (...) Deste ponto de vista, existem tantos espaços quantas experiências espaciais distintas (CERTEAU, 1994, p. 202).

Nesse sentido, percebemos o espaço enquanto o local vivido, praticado, onde as experiências se constroem cotidianamente e fazem sentido justamente na dinâmica das relações. Os espaços passam a ter “vida”, a partir das práticas sociais que o constituem.

Esta idéia de espaço permite-nos perceber melhor o conteúdo de relações vivenciadas na guerra de espadas, uma vez que são por meio das geografias de ações neles produzidas, que observamos as mais variadas formas e contornos de como a idéia de masculinidade está sendo construída. Ou seja, o espaço tomado aqui como “o lugar praticado” nos possibilita entender a relação entre espaço e representação. Isto significa que o espaço da guerra de espadas, da mesma forma de outros espaços como o lar, o barzinho, a escola, o cinema, etc., permitem a elaboração de códigos e símbolos da masculinidade de acordo com a lógica de referência espacial.

Analisando essas fotografias que seguem abaixo, dá pra se ter uma idéia da noção do que é a Guerra de Espadas e seu festejar pelas ruas do centro da cidade de Senhor do Bonfim, se constituindo em *espaço* na acepção de Certeau:



Foto 21 – Lutadores de espadas se digladiando ao pé da “Fogueira de Ramos” em rua do centro. Fonte: Luiz Moreira, 2010.



Foto 22 - Participantes da guerra em torno da Fogueira de Ramos da rua Dr. Costa Pinto, fazendo seu ataque e defesa. Fonte: Luiz Moreira, 2010.

As fotografias de número 21 e número 22 representam como é a Fogueira de Ramos, como a maioria dos guerrilheiros está protegido com roupas de mangas compridas, capacetes e luvas. Não percebemos nenhuma mulher nesse enfoque feito pelo fotógrafo, demonstrando que a maior quantidade de guerreiros são homens.

As análises das fotos remetem as considerações de Burke (2004), segundo as quais a foto é uma fonte de saber que deve ser analisada a fim de se obter uma nova perspectiva da realidade. Sendo uma fonte imagética, precisa ser analisada criticamente e obviamente será propiciadora de muitas interpretações, porque, apesar de trazer em si um momento guardado através do “congelamento” da imagem, as fotografias despertam sensações e percepções que possibilitam o repensar do instante fotografado.

Na fotografia abaixo, de nº 23 percebemos dentro do contexto de nossas análises sobre a masculinidade do guerreiro a presença da espada fállica exibida como troféu em público no pós-guerra:



Foto 23 – Homens em grupo demonstrando e exibindo a espada “falo” como símbolo de poder, saber, força, coragem, virilidade, etc. Fonte: Luiz Moreira, 2010.

A foto de nº 23 representa os guerrilheiros se exibindo e exibindo a espada fálica para a pose de uma foto, em busca talvez, do reconhecimento social de sua identidade de guerreiro valente e destemido, que lutou na guerra.



Foto 24 – Mulheres protegidas por seus “machos” com luvas, máscaras e capacetes. Fonte: Katiana Alves da Silva, s/d.

Na fotografia de número 24, temos a participação feminina em meio da Guerra de Espadas, onde estas fazem pose para serem fotografadas estando protegidas por seus “machos-guerreiros” com uso de luvas, máscaras e capacetes. Essa foto possivelmente foi tirada por uma mulher. As mulheres também se exibem como valentes, corajosas, destemidas, mulheres-macho que enfrentam a guerra, embora sejam menos corajosas do que os homens para enfrentar a guerra, mas podem se mostrar como guerreiras para seus pares. Um detalhe que nos chamou atenção foi o fato da mulher do lado direito ter tirado o capacete para pose da fotografia, pois assim será facilmente

reconhecida pelos seus pares já que os trajes as tornam praticamente irreconhecíveis e masculinizadas.

Ora, todo esse discurso produzido acerca do guerreiro, seja pelas memórias, seja pelos jornais, seja pelas redações escolares, produções de documentários e fotografias, permite-nos perceber que os dispositivos que nortearam o texto e a gramática da atuação do masculino, vista a partir do guerreiro de espadas, são historicamente construídos.

Barbosa (2006), em seu livro Valeu Boi!: o negócio da vaquejada fala respeito da masculinidade do vaqueiro afirmando que os dispositivos do masculino podem mudar à medida que novos padrões de sociabilidade e sensibilidade puderem ser engendrados nas relações de gênero. Dessa forma, entendemos que possa também haver mudanças nos dispositivos do masculino da Guerra de Espadas.

O referido capítulo discutiu sobre as várias imagens produzidas pelos atores e expectadores da Guerra de Espadas e do São João. Representação da masculinidade permeada pelos gêneros masculino e feminino, violência, altruísmo, proteção, diversão, brincadeira, queimadura, indignação e críticas ao Poder Público foram algumas das significações analisadas por nós nesse capítulo.

Destarte, tentamos fazer nesse capítulo uma análise multifocal das imagens da guerra e do festejar na cidade de Senhor do Bonfim procurando analisar seus sentidos e sensibilidades construídas pelos seus atores e expectadores na representação da masculinidade do guerreiro de espadas.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

As pessoas que assistem e participam da Guerra de Espadas de Senhor do Bonfim-BA, nos contaram, valendo-se da tradição oral, sobre essa prática cultural bonfinense que está inserida dentro dos festejos juninos desta cidade. Foi através das narrativas que o conhecimento sobre a Guerra de Espadas difundiu-se entre seus moradores e praticantes das mais variadas faixas etárias, além de nos ensinar enquanto pesquisadores infantis que somos.

A rememoração do São João e da Guerra de Espadas nos proporciona, hoje, ter acesso às lembranças desses atores sociais, indivíduos que em suas narrativas nos ensinaram sobre a Guerra de Espadas, como ensina Bosi (2004, p. 16-17): “feliz o pesquisador que se pode amparar em testemunhos vivos e reconstruir comportamentos e sensibilidades de uma época!”. Assim, voltamos nosso olhar para a construção da festa e da Guerra de Espadas, para os elementos que permitiam que ela fosse elaborada, pensada, construída e discursivizada por seus praticantes.

Em nossas conversas com os praticantes e expectadores da Guerra de Espadas e do São João bonfinense percebemos que as lembranças narradas, as rememorações estavam impregnadas de saudades, de afetos, de sensibilidades e vivências únicas, o que muito nos fez aprender com esses praticantes e expectadores da Guerra de Espadas.

Não podemos nos esquecer de que as memórias não são fontes puras e cristalizadas acerca de determinado acontecimento, elas são construções sociais que se re-elaboram ao longo do tempo, como nos ensina Alistair Thomson (1981), que ao analisar as memórias de ex-combatentes da Grande Guerra, destaca o fato de suas narrativas terem sido influenciadas pela memória oficial construída ao longo dos anos, não apenas por jornais e revistas, mas também por obras filmográficas. Com relação à Guerra de Espadas, temos como recorrente no discurso da maioria dos depoentes o fato de se referirem à guerra como espaço de brincadeira e diversão.

Pesquisar sobre a Guerra de Espadas foi realmente instigante e desafiador, sobretudo pelo tipo de pesquisa que nos propomos seguir qual seja, a da oralidade, memória e documentação escrita com subsídios das

fotografias, reportagens, documentários, artigos, jornais, redações escolares, poemas e letras de músicas.

Assim, voltamos nosso olhar para a construção da festa, para os elementos que permitem que ela seja elaborada, pensada e construída por seus praticantes e expectadores sociais.

Nesse estudo nos dedicamos em perceber e analisar as representações da masculinidade daquelas pessoas que praticam e assistem a Guerra de Espadas em Senhor do Bonfim. A Guerra de Espadas se reveste também de um caráter material/simbólico, relacionado com o preparo dos instrumentos de produção, fabricação, confecção do artefato que é a própria espada e da preparação material de proteção das casas, prédios, lojas e ruas por onde os guerreiros escrevem a guerra ao transitarem no espaço praticado dessa prática cultural bonfinense.

Albuquerque Júnior (2008) em sua obra *Nos destinos de fronteira. História, espaços e identidade regional*, nos ensina que enquanto historiadores precisamos olhar os signos que compõem os espaços da cidade ou do campo como coisas, objetos, lugares, que condensam em sua materialidade uma dimensão espacial e temporal, onde o tempo e o espaço se traduzem mutuamente. Espaços marcados pelo tempo, construídos e destruídos no tempo, espaço que guardam, materializam e falam do tempo, de um dado tempo e de um dado espaço. Esses espaços não podem ser pensados separados de suas dimensões políticas e culturais, de suas dimensões imaginárias e simbólicas, como também de suas dimensões naturais, econômicas e sensíveis. É assim que vemos o espaço da Guerra de Espadas e seus signos marcados pelo tempo.

Ocorreram mudanças no São João e na Guerra de Espadas, como por exemplo, na forma de se festejar a guerra que antes era de casa em casa e hoje vem se restringindo esse costume, devido à violência crescente na cidade.

Nas narrativas revelaram-se as saudades daqueles que hoje já não vêem grandes multidões indo de casa em casa, no dia da guerra. Ou, seja as narrativas apontam para uma mudança no fazer e praticar da Guerra de Espadas, mostrando seus diversos significados como o de integração social, o significado político-econômico e o da representação da masculinidade por seus lutadores e guerreiros.

Percebemos sentimentos contraditórios nos depoimentos ao nos reportarmos aos vários sentidos elaborados por seus praticantes da festa junina e da Guerra de Espadas em Senhor do Bonfim-BA. Saudade, medo, ojeriza, destruição, perda, perigo, fama, reconhecimento da masculinidade são alguns desses sentimentos elaborados pelas sensibilidades dos seus praticantes.

Às vezes nos víamos refletindo, pensando se a festa junina bonfinense tinha que ser a da tradição como muitos aqui defenderam em seus depoimentos e falas, muitas vezes angustiados e decepcionados com as mudanças ocorridas no fazer e viver da festa junina em Senhor do Bonfim. Bonfim é uma cidade que ainda sustenta o título midiático de “Capital Baiana do Forró”. Mas até quando? Ou melhor, quando isso começou? Pois a transitoriedade da história brilha e arrasa qualquer escuridão temporal hermética. Será que só os tradicionalistas têm razão? Ou eles têm e criaram suas razões ao fazerem suas apropriações históricas e descontínuas ao longo do tempo?

Nossas motivações econômicas, sociais, políticas e culturais permitiram elaborar, criar, inventar esse discurso sobre a festa junina em Senhor do Bonfim. Poderia ter sido outras formas de dizer e apresentar a festa e a guerra; poderia ter sido diferente; poderia ter sido mais poético; mais, mais e mais ... Mas não foi! Foi assim; foi isto; foi a isto que vos convidamos a ver e a ler através do nosso dizer, do nosso falar, do nosso sentir, do nosso refletir, do nosso analisar que não é somente meu, mas de todos nós autores, depoentes, poetas, orientador, amigos, professores em criação conjunta, inventariando, dizendo de forma livre e escolhida, por vezes cerceado pelas regras de produção Acadêmica.

Não foi nossa intenção esgotar ou dizer tudo sobre o tema analisado por nós nessa Dissertação. A festa junina e a Guerra de Espadas é um palco de construções de sensibilidades e representações que para serem analisados em seus discursos e práticas sugere que esse evento junino não se permite a apenas um sentido, mas a múltiplos significados. A idéia de masculinidade que pudemos analisar nessa pesquisa a partir das narrativas e fontes diversas trabalhadas por nós, é um contínuo fazer e refazer-se.

Eis que nos tornamos leitor de muitos autores, fazendo críticas e aprendendo a construir um pensamento a partir deles, pois como nos ensina Larrosa (2002, p. 133) em seu texto *Literatura, experiência e formação* “Trata-se de pensar a leitura como algo que nos forma (ou nos de-forma e nos transforma), como algo que nos constitui ou nos põe em questão naquilo que somos”.

Agora nos tornamos autor, com esses pequenos fragmentos que nos dizem, nos falam, pra que os nossos leitores se tornem também nossos críticos, nos denunciem, nos façam questões, nos provoquem, nos deixem existir enquanto possibilidades de escolhas que fizemos no nosso inventar da Guerra de Espadas e do passado junino de Senhor do Bonfim.

Boa Leitura! Viva Bonfim! Viva São João! Viva à Festa em sua expressão maior: A Guerra de Espadas.

FONTES

ORAIS:

a) Relação dos entrevistados (depoentes):

1. Alano Sena Gomes, aposentado, filho de Augusto Sena Gomes que foi fundador e diretor do jornal Correio do Bonfim que circulou de 1912 a 1942. Tem 92 anos de idade. Entrevistado pelo autor em 08/07/2010. (*In memóriam*).
2. Aluysio Santos, professor de sociologia aposentado, tem 74 anos de idade. Entrevistado pelo autor em 19/07/2010.
3. Antônio Gonçalves, aposentado, tem 64 anos de idade. Entrevistado pelo autor em 11/02/2003.
4. Evanice da Silva, neta de Everaldina Maria da Silva, tem 28 anos de idade. Entrevistado pelo autor em 11/02/2003.
5. Everaldina Maria da Silva, aposentada, fabricante de fogos, tem 74 anos de idade. Entrevistado pelo autor em 11/02/2003.
6. Florivaldo Queiroz de Carvalho, mais conhecido como Sr. Meló, comerciante aposentado, artesão de maquetes em vitral sobre os monumentos históricos de Senhor do Bonfim e da Bahia, tem 87 anos de idade. Entrevistado pelo autor em 06/02/2003.
7. Francisco Alberto Silva Rocha, mais conhecido por Tito Rocha, radialista da Rádio Caraíba que entrou no ar em 1980, hoje aposentado dessa função. Foi diretor e editor do jornal Tribuna do Sertão que circulou de 1973 a 1976. Atual diretor do jornal Bonfim Hoje. Tem 63 anos de idade. Entrevistado pelo autor em 14/07/2010.
8. José Batista de Souza, mais conhecido por Sr. Dedinha, aposentado da Leste, tem 87 anos de idade. Entrevistado pelo autor em 06/01/2003.
9. Katiana Alves da Silva, administradora de empresas, tem 30 anos de idade. Entrevistado pelo autor em 21/07/2010.

10. Luiz Alberto Pereira de Lima, professor de Educação Física. Tem 41 anos de idade. Entrevistado pelo autor em 11/07/2010.
11. Luiz de Souza Moreira, mais conhecido por Luiz Moreira, contabilista de formação, bancário de profissão, trabalhou em jornais e é compositor. Na época da entrevista era funcionário do Departamento de Cultura da Prefeitura Municipal de Senhor do Bonfim-BA. Tem 62 anos de idade. Entrevistado pelo autor em 12/07/2010.
12. Maikon Ronan Nascimento Oliveira, taxista, tem 24 anos de idade. Entrevistado pelo autor em 10/02/2003.
13. Manoel Batista de Souza, mais conhecido como Dr. Nequinho, Dentista aposentado, poeta, tem 87 anos de idade. Entrevistado pelo autor em 07/01/2003. (*In memóriam*).
14. Marilda Lourenço da Silva, professora de Geografia, tem 45 anos de idade. Entrevistado pelo autor em 27/07/2010.
15. Odelita Rodrigues Ferreira, universitária, tem 45 anos de idade. Entrevistado pelo autor em 27/07/2010.
16. Patrícia Nogueira Costa, estudante, tem 21 anos de idade. Entrevistado pelo autor em 11/02/2003.
17. Paulo Ernesto Leite Rodrigues, professor de Educação Artística, tem 48 anos de idade. Entrevistado pelo autor em 17/07/2010.
18. Reinaldo Joaquim do Nascimento, vigilante municipal e fabricante de espadas. Tem 43 anos de idade. Entrevistado pelo autor em 12/07/2010.
19. Rosângela Maria da Silva, mais conhecida como Mara, dona de casa, tem 32 anos de idade. Entrevistado pelo autor em 21/07/2010.
20. Sérgio Paulo Martins de Souza é filho mais novo do Sr. José Batista de Souza. Técnico em Enfermagem, tem 43 anos de idade. Entrevistado pelo autor em 06/01/2003.

II Escritas:

a) Arquivos e Jornais:

1. Arquivo Regional de Senhor do Bonfim:

Busca de informações sobre o São João e a Guerra de Espadas nos jornais que estão com números avulsos à exceção do Correio do Bonfim. Outros de uso particular do autor:

A Tarde

Conexão Bahia – SEBRAE/BA

Correio do Bonfim (1912-1942)

Lampião

O Imparcial

O Círio

Tribuna do Sertão

Tribuna Regional

Voz da Tapera

b) Redações

Redações que foram feitas com o tema sobre São João e Guerra de Espadas em Senhor do Bonfim, na tentativa de analisar uma memória escrita:

- Colégio Democrático Estadual Tancredo Neves (hoje em dia, passou a se chamar Centro Estadual de Ensino Profissional de Saúde Tancredo Neves – CEEPS) - (Ano de 2009).
- Cursinho Pré-Vestibular Ação e Cidadania da Prefeitura Municipal de Senhor do Bonfim. (Anos de 2007 e 2009).

c) Letras de músicas e poemas

d) Secretaria Municipal de Saúde: Quantidade de feridos a cada ano;
Tipos de ferimentos (1º, 2º, 3º graus).

e) Biblioteca da UNEB Campus VII

Livros e Monografias que pudessem se ligar ao tema do São João e da Guerra de Espadas.

f) IBGE

Mapa do Município de Senhor do Bonfim.

III Imagéticas:

a) Fotografias do São João e da Guerra de Espadas:

Foto 1 - Praça Nova do Congresso, onde acontecia a festa junina de largo de 1967 até 2007. Fonte: Fotógrafo: Monacéis, s/d.

Foto 2 - Homens colocando presentes na Fogueira de Ramos que a noite será acesa e protegida pelos guerreiros. Fonte:Fotógrafo: Raimilson Tavares, 2011.

Foto 3 - Mulher ferida na mão por espada. Fonte: Fotógrafo: Bárbara Santos, 2010.

Foto 4 - Rua Rui Barbosa - Centro. Fonte: Fotógrafo: Raimilson Tavares, 2011.

Foto 5 - Armando a principal Fogueira de Ramos ao lado da Prefeitura. Fonte: Luiz Moreira, 2005

Foto 6 - Guerreiro na Rua Lélis Piedade, Centro, exibindo dúzias de espadas que serão tocadas durante a Guerra de Espadas. Fonte: Fotógrafo: Raimilson Tavares, 2011.

Foto 7 - Nitrato de potássio e enxofre. (Fonte: Rafael Melo)

Foto 8 - Pilão usado na fabricação da pólvora (Fonte: Bárbara Santos)

Foto 9 - Peneirando a pólvora. (Fonte: Rafael Melo)

Foto 10 - Taboca já passada o cerol. (Fonte: Bárbara Santos)

Foto 11 - Carrinho usado para enrolar o barbante na taboca. (Fonte: Bárbara Santos)

Foto 12 - Proteção de uma casa comercial de artigos de Candomblé da Rua Barão do Cotegipe, Centro de Senhor do Bonfim-BA. Fonte: Fotógrafo: Raimilson Tavares, 1999.

Foto 13 - Proteção de uma loja de colchões da Rua Mariano Ventura, Centro de Senhor do Bonfim-BA - Fonte: Fotógrafo: Raimilson Tavares, 1999.

Foto 14 - Proteção do Banco Caixa Econômica Federal da Rua Rui Barbosa, Centro de Senhor do Bonfim-BA. Fonte: Fotógrafo: Raimilson Tavares, 1999.

Foto 15 - Proteção de uma residência da Rua Barão do Cotegipe do Centro de Senhor do Bonfim-BA - Fonte: Fotógrafo: Raimilson Tavares, 1999.

Foto 16 - Proteção de uma residência do Centro de Senhor do Bonfim-BA - Fonte: Fotógrafo: Raimilson Tavares, 1999.

Foto 17 - Guerreiro fazendo exibição com duas espadas e ao lado três mulheres pousando para fotografia. Fonte: Luiz de Souza Moreira, 2010.

Foto 18 - Dori - Coordenador do grupo dos Ignorantes, sendo entrevistado no dia da Guerra de Espadas. Fonte: Fotógrafo: Raimilson Tavares, 2010.

Foto 19 - Dori - Coordenador do grupo dos Ignorantes, rezando para pedir proteção durante a Guerra de Espadas. Fonte: Fotógrafo: Raimilson Tavares, 2010.

Foto 20 - Guerreiros fazendo exibição de força e coragem com espadas (falo) em punho (riste). Fonte: Luiz de Souza Moreira, 2010.

Foto 21 - Lutadores de espadas se digladiando ao pé da “Fogueira de Ramos” em rua do centro. Fonte: Luiz Moreira, 2010.

Foto 22 - Participantes da guerra em torno da Fogueira de Ramos da rua Dr. Costa Pinto, fazendo seu ataque e defesa. Fonte: Luiz Moreira, 2010.

Foto 23 - Homens em grupo demonstrando e exibindo a espada “falo” como símbolo de poder, saber, força, coragem, virilidade, etc. Fonte: Luiz Moreira, 2010.

Foto 24 - Mulheres protegidas por seus “machos” com luvas, máscaras e capacetes. Fonte: Katiana Alves da Silva, s/d.

b) Documentários sobre o São João e Guerra de Espadas.

c) Reportagens sobre São João e Guerra de Espadas (TBL – TV a cabo de Senhor do Bonfim; TV São Francisco de Juazeiro e TV Bahia de Salvador que fazem parte da Rede Bahia que é um grupo empresarial que atua no segmento de Mídia. Suas empresas de comunicação constituem o maior grupo do Norte e Nordeste. Localizada em Salvador, a TV Bahia é a cabeça de rede das seis retransmissoras Globo na Bahia. Líder de mercado, busca cada vez mais, a inserção da Bahia no cenário nacional.

d) Vídeos particulares sobre o São João e a Guerra de Espadas. (Nivaldo Oliveira; Katiana Alves da Silva).

REFERÊNCIAS

ALBERTI, Verena. **Indivíduo e biografia na história oral**. Rio de Janeiro: CPDOC, 2000. [5] f. Disponível em: http://cpdoc.fgv.br/producao_intelectual/arq/1525.pdf. Acesso em: 05 de julho de 2011.

ALBUQUERQUE Jr., Durval Muniz de. **Nordestino: uma invenção do falo – Uma história do gênero masculino (Nordeste – 1920-1940)**. Maceió: Edições Catavento, 2003.

_____. **A invenção do Nordeste e outras artes**. Recife: FJN, Ed. Massangana; São Paulo: Cortez, 1999.

_____. **História: a arte de inventar o passado. Ensaios de teoria da história**. Bauru, SP: Edusc, 2007.

_____. **Fragmentos do discurso cultural: por uma análise crítica das categorias e conceitos que embasam o discurso sobre cultura no Brasil**. Disponível em: <http://www.cchla.ufrn.br/ppgh/docentes/durval/index2.htm>. Acesso em: 16 de julho de 2010.

_____. **Diversidade Cultural: diálogos e desafios**. Disponível em: <http://www.cchla.ufrn.br/ppgh/docentes/durval/index2.htm> . Acesso em: 16 de julho de 2010.

_____. **Nos destinos de fronteira. História, espaços e identidade regional**. Recife: Bagaço, 2008.

ALMEIDA, Rose Mary Ferreira. (org.) **E tu me amas? (Encontro de leitores e enamorados da Cidade de Senhor do Bonfim)**. Senhor do Bonfim, Gráfica Decalck, 2001.

ANDRADE, Fabiane da Silva. **Abre alas minha gente! Festa, cultura e religiosidade popular no Terno de Reis Humildes em Alegria - 1966 a 1993**. Dissertação de Mestrado do Programa de Pós-Graduação em Cultura, Memória e Desenvolvimento Regional – UNEB. Santo Antônio de Jesus: 2008.

ANDRADE LIMA, Elizabeth Christina de. **A Fábrica dos Sonhos: a invenção da festa junina no espaço urbano**. 2ª ed., Campina Grande: EDUFPG, 2008.

_____. **A festa de São João nos discursos bíblico e folclórico.** Campina Grande: EDUFPG, 2010.

AMADO, Janaína e FERREIRA, Marieta de Moraes (orgs.) **Usos e Abusos da História Oral.** Rio de Janeiro, FGV, 1996.

ARAGÃO. Osvaldo Alves. **Senhor do Bonfim sua história sua gente.** (cartilha em versos). Iforgraf. s/d.

ARAÚJO. Giovanna de Aquino Fonseca. **Múltiplos discursos sobre a feira central de Campina Grande – PB.** Campina Grande: Agenda, 2006.

BARBOSA, Eriosvaldo Lima. **Valeu boi! (o negócio da vaquejada).** Teresina: EDUFPI, 2006.

BOSI, Ecléa. **Memória e sociedade, lembranças de velhos.** 3ª ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.

_____. **O tempo Vivo da Memória: ensaios de psicologia social.** 2ª ed. São Paulo: Ateliê Editorial, 2004.

OLIVEIRA, Iranilson Buriti de. **Cenas de ruas: cultura, educação, memória e história no patrimônio urbano do Recife.** In: MARTINS, Clerton (Org.). Patrimônio cultural: da memória ao sentido do lugar. São Paulo: Roca, 2006, p. 143-156

BURKE, Peter. **O que é história cultural ?** Tradução: Sérgio Goes de Paula. – Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2005.

_____. **A Escola dos Annales: A Revolução Francesa da historiografia.** Tradução Nilo Odalia. São Paulo: Fundação Editora da UNESP, 1997.

_____. **Cultura popular na Idade Moderna.** Trad. Denise Bottmann. São Paulo, Companhia das Letras, 1989.

_____. **Testemunha Ocular: história e imagem.** Trad. Vera Maria Xavier dos Santos. Bauru, SP: EDUSC, 2004.

CARVALHO, Moacir. **Brincando com fogo: origem e transformações da Guerra de Espadas em Cruz das Almas.** V ENECULT, Faculdade de Comunicação/UFBA, Salvador, 2009. Disponível em: <http://www.cult.ufba.br/enecult2009/19327.pdf>.

CEGALLA, Domingos Paschoal. **Dicionário escolar da língua portuguesa.** São Paulo: Companhia Editora Nacional, 2005.

CERTEAU, Michel de. **A invenção do cotidiano: 1. Artes de fazer.** Petrópolis, RJ: Vozes, 1994.

_____. **A invenção do cotidiano: 2 morar, cozinhar.** 6 ed., Tradução de Ephraim F. Alves e Lúcia Endlich Orth. Petrópolis, RJ: Vozes, 1996.

_____. **A escrita da História.** Trad. Maria de Lourdes Menezes. 2ª ed., Rio de Janeiro, Forense Universitária, 2006.

_____. **A Cultura no Plural.** 3ed., Tradução de Enid Abreu Dobránszky. Campinas, SP: Papirus, 1995.

CHARTIER, Roger. **A História Cultural: entre práticas e representações.** Tradução de Maria Manuela Galhardo. Rio de Janeiro: Editora Bertrand Brasil, S.A., 1990.

_____. **Os desafios da escrita.** Tradução de Fulvia M. L. Moretto. São Paulo: Editora UNESP, 2002.

_____. **A aventura do livro: do leitor ao navegador.** Tradução Reginaldo de Moraes. São Paulo: Editora UNESP/IMPrensa Oficial do estado de São Paulo, 1999.

CHEVALIER, Jean. **Dicionário de Símbolos: mitos, sonhos, costumes, gestos, formas, figuras, cores, números.** 8ª ed., Rio de Janeiro: José Olympio, 1994.

Continente Documento. **São João: a grande festa do povo.** Ano I, Nº 10, CEPE, Recife – PE, junho/2003.

COUTO, Edilece Souza. **A Puxada do Mastro: Transformações históricas da festa de São Sebastião em Olivença (Ilhéus-BA).** Ilhéus: Editora da Universidade Livro do Mar e da Mata, 2001.

DARNTON, Robert. **O grande massacre de gatos, e outros episódios da história cultural francesa.** Tradução de Sônia Coutinho. Rio de Janeiro : Graal, 1986.

DAVIS, Natalie Zemon. **Culturas do Povo: Sociedade e Cultura no início da França Moderna.** Tradução de Marisa Correa. Rio de Janeiro: Paz e terra, 1990.

DELGADO, Lucilia de Almeida Neves. **História oral e narrativa: tempo, memória e identidades.** História Oral, 6, 2003, p. 9-25. IN: Dossiê - Tempo e Narrativa. VI Encontro Nacional de História Oral (ABHO) – Conferência de Abertura. Disponível em: <http://revista.historiaoral.org.br/index.php?journal=rho&page=article&op=viewFile&path%5B%5D=62&path%5B%5D=54>. Acesso em: 05 de julho de 2011.

ELIAS, Norbert. **O processo civilizador: uma história dos costumes.** Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1990.

FILHO, Luiz Alves dos Santos. **Lembranças: Bonfim e Eu fragmentos de saudade.** Feira de Santana: Gráfica Radami, 2001.

_____. **Bonfim: passado e glória.** Santa Cruz Artes Gráficas LTDA, Jacobina-BA, 1999.

FILHO, Severino Cabral. **As imagens fotográficas como fontes para a história das cidades.** Ariús, CH-UFCG, n° 11, p. 46-50, 2002.

FOUCAULT, Michel. **Arqueologia do Saber.** 7ª ed., Rio de Janeiro: Forense/Universitária, 2005a.

_____. **A Ordem do Discurso.** Tradução de Laura Fraga de Almeida Sampaio. 8ª ed. São Paulo : Edições Loyola, 1996.

_____. **A escrita de si.** In. _____. O que é um autor. Trad.: Antônio Fernando Cascais e Edmundo Cordeiro. Ed Passagens. 1992.

_____. **Microfísica do Poder.** Tradução de Roberto Machado. 21ª ed. Rio de Janeiro: Graal, 2005b.

_____. **Nietzsche, a genealogia e a História.** In: _____. Microfísica do poder (org. Roberto Machado), Rio: Graal, 1979. P. 69-78.

GEERTZ, Clifford. **A interpretação das culturas.** Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 1989.

GINZBURG, Carlo. **O queijo e os vermes: o cotidiano e as idéias de um moleiro perseguido pela Inquisição.** São Paulo: Companhia das Letras, 1991.

_____. **Relações de força: história, retórica, prova.** São Paulo: Companhia das Letras, 2002.

HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva.** São Paulo: Vértice, 1990.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade.** Tradução: Tomaz Tadeu da Silva, Guaracira Lopes Louro – 4. Ed. – Rio de Janeiro: DP&A, 2000a.

_____. **Quem precisa de identidade?** In: SILVA, Tomaz Tadeu da. (Org.). Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais. Petrópolis: Vozes, 2000b. P. 103-133.

HOBSBAWM, Eric & RANGER, Terence. **A invenção das tradições.** Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1984.

HUNT, Lynn. **A nova história cultural.** São Paulo: Martins Fontes, 1992.

LARROSA, Jorge. **Literatura, experiência e formação.** In.: COSTA, Marisa Vorraber (Org.). Caminhos investigativos. Rio de Janeiro: DP & A, 2002.

LAQUEUR, Thomas. **Corpos, detalhes e a narrativa humanitária.** In: HUNT, Lynn. A nova história cultural. São Paulo: Martins Fontes, 2001, p. 239-278.

MACHADO, Roberto. **Uma arqueologia do olhar.** In: _____. Ciência e saber. A trajetória da Arqueologia de Foucault. 2 ed., Rio: Graal, 1981, p.97-122.

MARTINS, Ezequiel da Silva. **A Bahia suas tradições e encantos.** Salvador: Secretaria da Cultura e Turismo, FUNCEB, EGBA, 2000.

MIRANDA, Carmélia Aparecida Silva. **Vestígios recuperados: experiências da comunidade negra de Tijuacu – BA.** São Paulo: Annablume, 2009.

_____. **Um Olhar sobre a Festa da Marujada em Jacobina.** Programa de Mestrado Interinstitucional, PUC-SP/UNEB, 1999.

PAIVA, Eduardo França. **História & imagens** – 2 ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2006.

PESAVENTO, Sandra. **Sensibilidades: escrita e leitura da alma.** In: _____. (org.) **Sensibilidades na história: memórias singulares e identidades sociais.** Porto Alegre: UFRGS, 2007, p. 9-21.

PORTELLI, Alessandro. **“Forma e Significado na História Oral. A Pesquisa como um experimento em igualdade”.** (tradução: Maria Therezinha Janine Ribeiro) Projeto História: Educ, nº 14. Ed. da PUC-SP, 1997. pp 7-24.

_____. **Ensaio de história oral.** Tradução Fernando Luiz Cássio e Ricardo Santhiago. São Paulo: Letra e Voz, 2010.

Prefeitura Municipal de Senhor do Bonfim. **Senhor do Bonfim: Capital baiana do forró.** Folhetim informativo sobre o São João de 2002.

PRIORE, Mary Del. **Festas e utopias no Brasil Colonial.** São Paulo: Brasiliense, 1994.

Revista de História da Biblioteca Nacional. **São João: Sagrada ou profana, uma festa brasileira.** Ano 4, Nº 45, junho/2009.

SANTOS, Bárbara Láira da Silva. **Guerra de Espadas em Senhor do Bonfim X Meio Ambiente.** Engenharia Ambiental. Campo Formoso: Faculdade Presbiteriana Augusto Galvão, 2010.

SILVEIRA, Éder da Silva. **História Oral e Memória: a construção de um perfil de Historiador-Etnográfico.** Ciência e Conhecimento: Revista Eletrônica da Ulbra São Jerônimo – vol. 1, 2007, História, A-2. P1-7.

SCOTT, Joan. **Gênero: uma categoria útil de análise histórica.** Educação e Realidade. Porto Alegre, 16 (2) : 5-22, jul/dez. 1990.

SILVA, Lourenço Pereira da. **Memória Histórica e Geográfica sobre a Comarca do Bonfim**. Bahia: Litho. Typo e Encadernação – Reis & C., 1915.

SILVA, Tomaz Tadeu da (org.). **Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2000.

SILVA, Vanderlan Francisco da. **Crepúsculo antropológico**. Mossoró: Fundação Vingt-um Rosado, 2009.

SOUZA, Marcos Alves de. **A “nação em chuteiras”: raça e masculinidade no futebol brasileiro**. Dissertação de Mestrado do PPGAS-UNB. Brasília: 1996.

STALLYBRASS, Peter. **O casaco de Marx: roupas, memória, dor**. Tradução de Tomáz Tadeu. – 3.ed. - Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2008.

TAVARES, Raimilson da Silva. **Guerra de Espadas: uma inversão momentânea dos valores sociais bonfinenses**. Senhor do Bonfim, **Jornal Lampion**, p. 2, junho de 2000.

THOMPSON, Paul. **A voz do passado: história oral**. São Paulo: Paz e Terra, 1992.

THOMSON, Alistair. **Recompondo a memória: questões sobre a relação entre história oral e memória**. Revista Projeto História: Ética e História Oral. São Paulo: EDUC, 1997.

TRIBUNA REGIONAL – Jornal da Região de Senhor do Bonfim, de 1 a 15 de julho de 2002.

TVE – BAHIA/ Bahia singular e plural. **As espadas de fogo de São João: perigo, luz e magia em Cruz das Almas**. Realização: IRDEB/TVE, duração 56´ 12´´ – Dezembro de 1998.

VOVELLE, Michel. **Ideologias e mentalidades**. São Paulo: Brasiliense, 1991.